

RASGOS MEMORAVEIS

DO

SENHOR DOM PEDRO I

ADVERTENCIA.

Não se poderá vender exemplar algum d'esta obra, sem autorização do autor.



A. J. Rocha Des.

A. de Pinho Lith.

RASGOS MEMORAVEIS

DO SENHOR

DOM PEDRO I

IMPERADOR DO BRASIL

EXCELSO DUQUE DE BRAGANÇA

POR

A. D. de Pascual

MEMBRO DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRASIL, E DE OUTRAS
CORPORAÇÕES SCIENTIFICAS E LITTERARIAS ESTRANGEIRAS
ETC., ETC., ETC.

Mavult utique vir magnus, quàm
statuas habere, statuis videri dignus.

Noster ad Principem indoctum.



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT

Rua dos Invalidos, 61 B.

1862

A SUA Magestade

O SENHOR

DOM PEDRO II

IMPERADOR CONSTITUCIONAL

E

DEFENSOR PERPETUO DO BRASIL

Senhor !

Vossa Magestade Imperial é Filho d'um Heróe : eu sou admirador caloroso d'aquelle immortal cavalheiro : a mesquinhez d'este escripto não póde ser digna da grandeza do objecto se não fôr elevada pelas Augustas Mãos do meu Imperador até a altura do Fundador do Imperio.

Beija as Sagradas Mãos
de V. M. I.

seu adicto e leal subdito

A. D. DE PASCUAL.

PREAMBULO

I

Porque tu, estrangeiro por nascimento em Portugal e no Brasil, és quiçá o primeiro que arrosta a ardua e insigne tarefa de esboçar alguns traços da physionomia historica do augusto duque de Bragança ?

Foi esta a primeira pergunta que dirigi a mim mesmo, quando concebi o pensamento de tributar esta homenagem de justiça, não de lisonja, ao primeiro Imperador do Brasil — na actualidade minha patria.

Eis-aqui a resposta: Porque mamei com o leite a admiração mais sincera por esse grandioso vulto dos fastos destes dous povos; porque se em vez de

ser um parvulo quando este cavalheiro — digno das épocas heroicas — pôz pé em terra de Portugal, capitaneando um punhado de valentes, tivesse eu contado tres ou quatro lustros de vida, teria-lhe offerecido uma espada e uma penna — o meu coração e a minha intelligencia — para ter agora a prez de dizer que foi meu caudilho o primeiro dos Braganças ; porque tenho mui attentamente estudado a sua vida, o seu desprendimento e a sua alma magnanima ; porque o bello e o sublime arrouba-me e me arrasta ; porque vejo em mim algumas qualidades de historiador imparcial.

Releve-se-me que explique paladinamente esta asserção que, se a olhardes desacompanhada, poderieis acoimar de jactanciosa pretensão da minha parte.

Não era eu Portuguez nem Brasileiro em 1831; nasci Hespanhol : e eis-ahi a razão por que acredito ter os dotes da imparcialidade , incorruptibilidade , fidelidade e moralidade ; embora me não adornem a instrucção e outras galas dos genios privilegiados.

Se tivesse sido Brasileiro ou Portuguez em 1831, teria—não formado parte de um bando politico—, pois a minha idade era tenra de mais para raciocinar, mas sim herdado dos meus progenitores e das idéas contemporaneas certa sympathia por estes ou ogeriza por aquelles homens, ou sanha talvez, se os meus houvessem sido victimas das demasias desse ou dess'outros coryphêos: e collocado em semelhantes alternativas o meu espirito, seria quasi impossivel humanamente ser imparcial; porque, quando os homens têm sangue, honra, brios e mesmo caprichos que vingar, não pôdem ser fieis na apreciação dos factos historicos que narrão.

Por isso é que os grandes mestres da sciencia preferem o historiador coetaneo, estrangeiro aos sentimentos do povo, cuja historia escreve, aos nacionaes, comtanto que possua as qualidades inherentes ao mestre dos seus semelhantes, e sobretudo um conhecimento profundo da natureza humana—das paixões dominantes no povo ou nos individuos que retrata.

Imaginai por um momento que eu tivesse nascido Brasileiro ou Portuguez, poderia, eu *carcunda*, como fôrão appellidados os realistas naquelles momentos de effervescencia, escrever com liberdade e imparcialidade sobre o coryphêo do meu partido? E se fosse *patriota*, ser-me-hia dado — por um rasgo providencial — o dom de não obsecar-me, descrevendo o heróe destas paginas?

Os homens são filhos da greda aqui e em outra qualquer parte do globo, e quando têm sido actores nesses dramas medonhos, chamados revoluções, não gozão da liberdade de dizer o que é justo, verdadeiro e imparcial; porque a presença dos seus antagonistas inflamma o espirito de facção, e, obumbrado o juizo, em vez de verdades dizem e escrevem horrores e falsidades.

Lembro-me de um trecho do discurso pronunciado por Thiers, em 13 de Dezembro de 1834, no dia da sua admissão na Academia Franceza, o qual póde ter completo cabimento neste lugar:

« Les hommes, diz o academico historiador da revolução franceza, de ce temps avaiant à se

dire d'effrayantes verités. Ils avaient versé le sang les uns des autres ; ils s'étaient réciproquement dépouillés ; quelques-uns avaient porté les armes contre leur patrie. Ils ne pouvaient être en présence avec la faculté de parler et d'écrire, sans s'adresser des reproches cruels. La liberté n'eût été pour eux qu'un échange d'affreuses récriminations.»

Eis-ahi a razão por que admiro o bom senso dos Brasileiros e Portuguezes, que até agora pouco ou nada hão escripto relativamente ao primeiro Imperador do Brasil, ou á El-rei D. Pedro IV de Portugal ; e eis-ahi ao mesmo tempo o movel poderosissimo que impellio-me a avançar uma proposição que por leviana poderia ser reputada, senão explicasse o pensamento que a ditou.

II

È porque não escreves a sua biographia ?

Esta é a segunda pergunta que me fez a consciencia.

Porque quentes estão ainda as cinzas do heróe, e se — ousado — o biographo entrasse no mausoléo do finado, poderia quiçá espargir algumas faiscas que acendessem o fogo que a gelida mão da morte extinguiu.

As vidas dos heróes formão um verdadeiro todo, — uma historia completa, — e são susceptiveis de certa unidade que, segundo Hermosilla, dá-lhes as qualidades de annaes dos povos.

Não quero ser John Armitage, nem Ch. Napier.

Se a Deos aprouver dar mór longor aos meus dias do que aos dos homens que figurarão na éra da independencia do Brasil e da liberdade de Portugal, prometto solememente, perante ambos os povos, escrever essa chronica gloriosa, cuja personagem proeminente foi o abdicador de duas corôas na idade, em que outros monarcas alvorecem para os povos.

O primordial alvo deste escripto é traçar o principe; descrever o cavalheiro; pintar o politico; esboçar o amigo dedicado; e desenhar a grandes rasgos o varão illustre, sem recordar certas circum-

stancias que, embora inherentes ao caracter dos tempos em que viveu, podem desencaminhar a narração da róta da sua preclara carreira.

Acreditar que ignoro que Pedro I do Brasil era homem fragil, como o resto da humanidade, é erro que a ninguém, seja quem fôr, perdoarei; porque tambem sei que Pedro IV de Portugal — duque de Bragança—é digno da mais profunda veneração.

Como imperante, foi mais cavalheiro do que rei: como soldado de sua filha, D. Maria da Gloria, segunda de Portugal, é mais grandioso do que narravel.

Suspenda-se todo e qualquer juizo arrojado a respeito desta mesquinha homenagem de um acatamento enthuasiastico e sincero pelo principe, a quem devem dous povos—afastados pelo oceano—um, a sua autonomia, e ambos a liberdade, a prosperidade e a sua gloria vindoura.

Estais de posse do meu pensamento, outorgai-me, ó leitor, a vossa indulgencia pela fraqueza dos meus esforços: lêde, e á medida que fôrdes avançando na leitura destas paginas, confessai que sou justo,

veridico, imparcial, livre e fiel chronographo do excelso fundador do imperio brasilico e do denodado general da liberdade lusitana.

Antes de acabar este proemio, é meu rigoroso dever dar uma simples explicação sobre a effigie que vai collocada no frontispicio deste opusculo.

Não apresento o retrato do Imperador, mas sim o do soldado de Maria II no sitio do Porto — cidade eterna por antonomasia, — com todos os signaes dos seus soffrimentos physicos e moraes, que envelhentárão o pai, o libertador, o ex-imperador e o ex-rei.

A sua physionomia manifesta, no critico momento em que a contemplais, a elevação dos seus pensamentos, a grandeza do seu coração, os cuidados que solapavão a sua existencia; e nas cãs prematuras que corôão a sua intelligente cabeça descobre o attento observador, mais marcadamente, o varão eximio do que nas feições moveis do joven defensor perpetuo do Brasil.

Não aguarde a posteridade de mim um retrato do immortal duque de Bragança: Condillac e Blair reprovão este genero de litteratura, e antes delles os historiadores gregos e o mesmo Tacito ensinárão-nos com os seus exemplos não a retratar, senão a dar algumas pinceladas vigorosas que revelem o character dominante do heróe, sem representá-lo com côres pallidas embora mui estudadas.

INTRODUÇÃO

I

Entremos piedosamente recolhidos nas abobadas magestáticas e silenciosas da cathedral de S. Vicente de Fóra—Pantheon dos monarchas portuguezes; e pisemos reverentes as lousas funereas do primeiro templo levantado ao Deos dos reis por esse povo, descendente dos Viriatos, dos Affonso Henriques e dos duques de Bragança.

São as descripções materiaes dos grandiosos monumentos desta classe assumpto mesquinamente proporcionado ao estylo historico que de rigor deve caracterisar este escripto; e confessemos que, fazendo abstracção dos detalhes dessas pompas mundanas, experimenta o homem, quando ouve o echo solitario, repetido pelo recinto arqueado da terra

classica da igualdade eterna, um certo não sei que de sobrenatural, que das regiões da podridão ás celestes mansões o transporta.

O homem naturalmente inclinado á mysteriosa impenetrabilidade do futuro, nada deseja investigar com mór afinco do que o desfecho do drama, chamado pelos que ainda peregrinamos neste valle de illusões, — vida.

Esta curiosidade ingenita comnosco augmenta phantasticamente, quando trata-se desses vultos que, por sua desgraça, nascêrão reis; sendo que, collocados no corucho da sociedade, são mais visiveis do que os outros mortaes.

As tumbas dos monarchas são o resumo das glorias e miserias dos povos por elles governados, durante a sua existencia. Os cenotaphios, que prepara-lhes a adulação ou o reconhecimento dos seus contemporaneos, devião ter esculpida com caracteres de eterna duração a memoravel sentença do moribundo Agesiláo: « Si quod enim præclarum fascinus egi, hoc mei monumentum est; sin verò nullum, ne omnes quidem statuæ defectum præstabunt. »

Quantos nomes de reis e proceres ficarião riscados da verdadeira historia dos povos, se assim se praticasse!

Semelhantes ou quasi identicas reflexões fazem os pensadores, quando visitão esses monumentaes ossarios dos grandes da terra.

II

Não é meu designio fallar do vencedor de Ourique, primeiro fundador da nação portugueza; pois ahi não existem as suas cinzas.

Não é meu proposito fallar de todos os cadaveres de estirpe real que jazem nessas tumbas, que contemplamos do centro da nave desta basilica: d'entre elles oito têm quebrados os seus sceptros, escudos e corôas: todos são oriundos de João, duque de Bragança, proclamado rei de Portugal em 1640 (1).

(1) Os reis portuguezes sepultados em S. Vicente de Fóra são: João IV, Pedro II, João V, José I, Pedro III, João VI, Pedro IV de Portugal e 1º do Brasil, Maria II, Pedro V.

A dynastia portugueza conta, até o reinado de D. Luiz I, dez legitimos successores do duque de Bragança, desde 1640, cujos nomes são: João IV, Affonso VI, Pedro II, João V, Maria I (*), João VI, Pedro IV, Maria II, Pedro V, e Luiz I.

O Sr. D. Pedro II do Brasil é o chefe na actualidade da Casa dos Braganças.

(*) Alguns historiadores nacionaes e estrangeiros têm concedido a D. Pedro, irmão de José I, o título numerico de Pedro III, sem explicar á posteridade a

O historiador deve ser severo quando falla com os mortos — se fôrem reis especialmente.

Examinemos essas túmbas, e vamos ver quem d'entre os Braganças é mais credor ao reconhecimento da posteridade.

Os descendentes de Affonso Henriques, filho de Henrique de Borgonha, conde de Portugal até 1139, e rei depois da memoravel batalha de Castro Verde, tinham degenerado das virtudes do fundador da monarchia portugueza, e deixárão-se covardemente dominar por Felippe II de Hespanha, tornando-se em 1580 o antigo reino lusitano uma simples provincia hespanhola.

Durante sessenta annos nobreza e plebe parecião resignadas a devorar em silencio uma vida ingloria sem liberdade : ter-se-hia exclamado, vendo a apa-

razão desta anomalia ; pois impossivel é que reinassem simultaneamente dous monarchas em Portugal.

Pedro—chamado o III — não era mais do que o marido da rainha D. Maria I, successorade José I, que não deixou filho varão.

D. Maria I foi a verdadeira rainha, sendo tão certo esse facto historico, que a mãe do actual rei de Portugal tomou o nome de Maria II, reconhecendo deste modo a legitimidade como rainha, da filha de José I.

Se a casa de Bragança parece reconhecer a legitimidade de Pedro III, deve attribuir-se a um simples acatamento pela sua memoria.

A razão por que o mencionado D. Pedro assumio o titulo de rei, é difficil de explicar : a não admittirmos a supposição de ter elle concebido este pensamento depois de ser pai do infante D. João, que reinou sob o nome de João VI.

thia lusitana, que a sua nacionalidade tinha todos os symptomas da anesthesia mais desesperante.

Contemplai esse tumulo : elle encerra a scintilla sagrada do amor da patria , os despojos venerandos de um Portuguez de nobre raça , do duque de Bragança , cujo nome e virtudes civicas captivárão os corações dos seus coetaneos, cujo valor, tirando a espada da bainha , fez com que povo e fidalguia sentissem de repente levantar-se da somnolencia em que estavam sepultados o santo orgulho dos seus antepassados, e a honra nacional. O nome desse Bragança foi assaz poderoso para crear um povo de guerreiros, de heróes, de homens independentes. Oito dias forão sufficientes para que o duque de Bragança se intitulasse João IV de Portugal.

Padrão de gloria eterna seria este de per si só para os reinantes actuaes no Brasil e em Portugal, e motivo de perduravel reconhecimento da parte dos dous povos; mas não foi este unicamente o florão da coròa lusitana. A tarefa do novo monarcha foi tão ardua quão gloriosa : extirpar vicios e abusos que havião-se enraizado no solo luso , durante doze lustros; reconstruir uma administração , cujas tradições estavam perdidas na Europa , no Brasil, na Africa e na Asia ; fazer reconhecer a independencia do povo portuguez pelos potentados da terra ;

desbaratar as intrigas dos palacianos desleaes ao rei e á lei ; obrigar á Hespanha a pelear abertamente ; conseguir victorias como a de Montijos — sendo caudilho Mathias de Albuquerque, — como as de Ameixial, Montesclaros e Villaviçosa ; obrigar aos antigos dominadores a reconhecerem a independencia portugueza ; expulsar os Hollandezes do vasto e rico Brasil ; e vir dormir nessa campa o somno dos heróes.

Desse principe póde-se dizer afoutamente « hoc mei monumentum est. »

Affonso VI e Pedro II não devem chamar a nossa attenção ; embora o ultimo consolidasse a independencia de Portugal.

A memoria de João V não é memoravel senão pela amizade que manifestou aos Austriacos na guerra da successão hespanhola . e pelos soccorros que mandou ao papa e aos Venezianos na guerra contra os Turcos.

Parai , e olhai para esse sarcophago : ahijaz José I. Falta só para o complemento dessa éça o baixo-relevo do conde de Oeiras — marquez de Pombal— Brasileiro illustre . que merece o titulo de primeiro homem d'estado portuguez.

José I é digno da gratidão dos povos ; porque foi no seu reinado que desaparecêrão as fogueiras

inquisitoriaes ; foi no seu reinado que reformou-se radicalmente a universidade de Coimbra ; foi no seu reinado que o povo , pela primeira vez , vio abrirem-se as fontes da instrucção e da educação , sendo pagos pelo governo 800 professores para que déssem aos filhos da nação lições publicas e gratuitas ; foi no seu reinado que desapareceu a theocracia jesuitica da face de Portugal e do Brasil.

Esse neto do primeiro duque de Bragança é o segundo dos reis de Portugal.

Demorai as vossas vistas sobre a campa do principe patriarcha , do filho de Maria I e de Pedro denominado o Terceiro, de João VI, emfim , liberal e não liberal, clemente de coração , paternal para com os seus subditos, primeiro iniciador e testemunha da independencia do Brasil.

João VI não tem sido avaliado no seu justo preço. Este principe , regente durante a impossibilidade mental da sua mãe — 1799 — reinou entre transtornos e guerras internas e estrangeiras : foi salvar o Brasil da anarchia mais espantosa em 1808 ; succedeu a sua mãe, D. Maria I, em 1816, e findou a sua existencia em 1826 , para levar além do sepulchro o pesadello da guerra fratricida entre os Portuguezes.

III

Agora tomai fôlego , inclinai-vos reverentes diante do general da liberdade de dous povos, e pagai um tributo de lagrimas saudosas ás cinzas do primeiro dos Braganças.

Desde 1821 Portugal dividio-se em duas monarchias; não é este o ensejo de historiar um facto tão notavel quão transcendente.

O homem que jaz nesse humilde jazigo era um heróe.

D. Pedro de Alcantara , nascido em 12 de Outubro de 1798, foi o segundo filho de D. João VI de Bragança e de D. Carlota Joaquina de Bourbon, d'Anjou, filha de Carlos IV das Hespanhas.

Herdeiro presumptivo da coròã de Portugal , do Brasil e dos Algarves , nasceu para os tempos gloriosos das lutas cavalheirosas : a energia e a audacia casadas com um coração magnanimo e um espirito nobre e intelligente forão o fundo da sua atilada pessoa ; mas seu pai João VI não cultivou, como devêra, estas relevantes dadivas com que o céo adornou este predilecto principe.

D. Pedro de Alcantara não familiarisou-se com

os classicos , se não dedicou da infancia á cultura dos grandes mestres ; não obstante , entregou-se, desde o alvor da sua idade , ao estudo profundo das linguas , das mathematicas—de que era apaixonado admirador , e das obras de Filangieri : cultivava a musica—chegando a ser compositor eximio de canto sagrado e profano ; — a poesia — sendo assaz bom versificador ; a mecanica — de cuja habilidade ha ainda muitas provas — ; a gymnastica, que convinha ao seu character fogoso , comprazendo-se em amansar um cavallo selvagem , em habituar os seus membros ás fadigas da corrida , dos esforços atrevidos , das privações mais trabalhosas. Este principe , educado por um marquez de Pombal, teria admirado o globo inteiro.

Esse principe era um denodado cavalheiro, que pelejou de mui bom grado pelos seus direitos, pelos de sua augusta filha , cujo paladino constituiu-se, pela liberdade do povo , e pela honra dos seus ascendentes.

Esse principe que ahi jaz era liberal , generoso, desprendido, amigo dos povos, valente, e cheio de nobres ambições.

Esse principe , quando vestio o manto imperial e real, repetio com Pericles : «Memento, liberis te imperaturum , græcis et atheniensibus.»

Esse príncipe abdicou duas corôas aos 33 annos de idade.

Esse príncipe deu a independencia ao Brasil e a liberdade e a gloria a Portugal.

Esse príncipe que mais ambicioso, segundo o valor dado pelos homens a este epitheto, poderia ter atado tres corôas á prezilha do seu chapéo militar, morreu simples general, menos, coronel do 5º de caçadores, servindo sob as bandeiras da sua filha excelsa.

Esse príncipe fez mais proezas, mais beneficios, mais acções generosas; libertou mais povos; deu leis mais sábias; elevou mais os seus Brasileiros e Portuguezes do que todos os Braganças que vêdes deitados ahi no pó da eternidade.

Os seus inimigos puderão, e ainda poderão escurecer o resplendor da sua gloria com manchas passageiras da mocidade fogosa, mal dirigida, peor aconselhada; mas este sol não teve nos ultimos fulgores do seu occaso nodoas algumas.

Chorai esse general, celebrai esse heróe, e depositai ao pé da sua humilde, porém immorredoura éça, tres corôas — de monarcha, de general, e de homem amante da liberdade.

Na occasião em que falleceu o Sr. duque de Bragança dous de seus filhos — Pedro II do Brasil

e Maria II de Portugal — occupavão na tenra meninice e bella puberdade dous thronos.

O Sr. D. Pedro II do Brasil está agora na flôr dos annos , no apice da gloria , no auge da realeza , no apogêo da popularidade ; reina no seio d'uma paz octaviana , amado pelos seus subditos , cuja prosperidade fórma o alvo primordial dos seus afans e vigalias , olhado pelos povos estrangeiros , como digno de acatamento pela sua illustração , requintada prudencia . apego ás instituições liberaes ; pelas suas virtudes civicas e domesticas ; mas o seu reinado não pertence ainda ao dominio do historiador , á posteridade respeita fazer-lhe ampla justiça.

A muito carpida Sra. D. Maria II , que vêdes dormindo o somno dos justos nesse mausoléo , deu mostras d'um animo esforçado nas adversidades , que provárão a sua adolescencia , e dôou a seus povos o immenso beneficio da paz , da liberdade , da concordia , afugentada outr'ora do solo patrio pelo encarniçamento dos bandos politicos fraticidas.

Essa rainha — espelho de virtudes e boa mãe por antonomasia — soube aproveitar os talentos e habilidades dos varões dedicados com que seu immortal pai a circumdrou , antes de deixa-la na orphandade ,

e teve a venturosa sorte de entregar com a mão o seu coração a um príncipe que, embora a historia não possa celebrar como é justo, é credor a que os seus contemporaneos lhe teção corôas de renome imperecível pelas suas acrisoladas virtudes, tino e amor ao povo portuguez.

Quentes ainda estavam as cinzas de Maria da Gloria, segunda de Portugal, orvalhado era o seu diadema pelas lagrimas de um povo reconhecido e saudoso, quando foi proclamado rei de Portugal esse modelo de virtudes reaes, esse digno neto do duque de Bragança, Pedro V, o muito amado dos seus patricios.

Esse joven de 24 annos, cuja prematura morte lamentão calorosamente os que a dita tiverão de ser por elle governados, por tão curtos quão felizes annos, devia ter sobre a lousa cineraria que cobre os seus restos mortaes estas palavras de Plutarco: « *Gloriâ virtutis augetur gloria patriæ.* »

Contemplai de novo essas campas; mas não abandoneis estes sacrosantos lugares sem bradar com voz entusiastica ao pé do jazigo do duque de Bragança: « *Gloria benefaciendi generosis est præmium.* »

IV

Durante dous seculos e quatro lustros eis-ahi em epilogadas phrases a historia dos monarchas que illustrarão os fastos da familia portugueza.

O Sr. D. Luiz I acaba de empunhar o sceptro da casa de Bragança em Portugal : os seus actos futuros corresponderão , por sem duvida, ás acções do seu illustre avô , e a fazer-lhes justiça prepara-se a posteridade.

Tocando o termo desta introducção historica , não póde furtar-se o escriptor a um dever sagrado, para os que exercem a alta missão de juizes dos finados , e é protestar solememente dizer verdade.

As comparações entre os principes, sepultados na cathedral de S. Vicente de Fóra, não serão azadas, nem revelarão criterio da parte do historiador.

João IV e Pedro IV de Portugal fôrão separados por 178 annos que medeiarão entre a morte dos dous ; mas a historia não conhece moralmente , no grandioso quadro da realidade , mais do que esses dous excelsos duques de Bragança que possuem disputar a supremacia na galeria da estirpe reinante em Portugal e no Brasil.

O seculo de ouro da monarchia portugueza foi o 16° (*).

Os povos são como os individuos, como todos os objectos da creação, têm o seu apogêo e perigêo, o seu perihelio e aphelio, assemelhando-se completamente aos planetas nos seus movimentos de rotação sobre si mesmos e de translação ao redor do seu sol, que é a civilisação.

Ha povos que, chegados ao perihelio, desapparecem da historia dos seus contemporaneos, como Mercurio, cuja luz confunde-se amiudadas vezes com o resplendor do sol, e não tornão a ser vistos

(*) Esta é a opinião geral dos historiadores; releve-se-me, porém, que eu a não admitta ligeiramente. João I, denominado o Grande, bastardo de Pedro I, — tornou este reino muito notavel e florescente pelos annos de 1411; e João II, o rei mais douto e talentoso dos da antiga casa de Borgonha, elevou-o ao cume da gloria e dos triumphos, enriquecendo-o com conquistas e expedições grandiosas nas Indias Orientaes. Pelos annos de 1480 florescia Portugal; de modo que se se quizer — depois de bem ponderados os factos — determinar o seculo de ouro portuguez, ver-se-ha forçado o historiador a dizer que começou em 1480 e findou em 1580, quando o filho de Carlos V de Allemanha, I de Hespanha, sob color de successão, apoderou-se desse antigo reino, para arruina-lo, enfraquecê-lo, desmoralisa-lo, e quasi apagar na historia as paginas memoraveis dos seus principes e filhos.

Mas não é para estranhar; pois fôrão os tres Felippes os autores desse drama medonho, que foi acompanhado de outros muitos occorridos na mesma Hespanha e nas suas vastas possessões, que fôrão sacudindo successivamente o jugo desses tres principes desgraçados.

senão depois de ter feito uma completa revolução na sua orbita.

Portugal e Hespanha chegarão nos seculos xv e xvi ao seu apogêo e por uma lei natural e constante na ordem das cousas fôrão afastando-se do centro civilizador, e ha perto de duzentos e tantos annos que não são considerados pelos homens intelligentes, senão como povos de grandezas passadas, de glorias escurecidas pelo tempo, e de simples recordação.

A Hespanha desde 1558 até 1833, e Portugal desde 1411 até 1832, têm successivamente ido em decadencia; afortunadamente, porém, as duas nações começam de novo a apparecer no horizonte politico dos povos. Se nesses periodos houve um Fernando VI e um Carlos III. Hespanhóes, e um José I Portuguez, foi para mostrar que ainda havia seiva de intelligencia e poder nessas gloriosas terras, ricas de tudo, embora obumbradas pelo fumo da superstição que nellas representou a luz verdadeira.

Philosophicas, além de profundissimas, serião as reflexões que a deducção logica poderia tirar do espirito desses factos tão comesinhos quão lamentaveis; mas assaz longe levar-me-hião, interrompendo talvez o fio destas paginas, cujo alvo prin-

principal é fazer ver que *filii deorum sumus*, e por conseguinte, capazes de produzir em todas as épocas varões admiráveis, que recordem aos presentes e vindouros o que fomos, o que somos e o que podemos chegar a ser, se nos fôr dada a educação a que são credores os nossos dotes.

Os reis actuaes têm recebido lições mui severas, depois da reforma dogmatica na Allemanha, e da revolução de 1793 em França: os povos não clamão já como nos tempos de Samuel: « Da nobis regem ut judicet nos, » não, agora dizem alto e bom som: *façamos a lei e o rei*, para que Deos não repita « Non enim te, Samuel, abjecerunt, sed me, ne regnem super eos. »

Pedro I do Brasil e IV de Portugal foi talvez o primeiro dos Braganças que teve a suprema sabedoria de reconhecer essas verdades, e eis-ahi a causa, porque deu passos tão agigantados na róta da verdadeira civilisação.

A humanidade tende a diffundir os seus direitos naturaes com a maior pressa possivel. depois das trevas da ignorancia, nivelando os homens, como os fluidos desenrolão-se procurando o nivel.

A alma magnanima do duque de Bragança não foi comprehendida pela mór parte dos seus contemporaneos.

Quando deu o brado da independencia nas margens do Ypiranga, a antiga nobreza lusitana o acoimou de ter segundado o movimento brasileiro com um unico alvo, o de apoderar-se do sceptro do novo mundo; chegando a um extremo tão deploravel a allucinação dos fidalgos, que o accusarão de ser homem de principios democraticos subversivos, declarando-o traidor ás leis e á patria.

Quando sahio do Brasil, para ser o adalid de sua filha, foi chamado despota!

Despota!.... Quem?... Pedro I?....

Vamos ver o que foi este inclyto principe, e então concedereis que sabia profundamente estas memoraveis palavras: « *Liberis qui imperat, dignitatem muneris meminisse debet.* »

Os pessimistas dizem com tom magistral: o homem é naturalmente injusto, ingrato, invejoso da gloria alheia; mas não accrescentão a segunda, e mais importante parte desta assaz conhecida fragilidade, addição que reconcilia os pensadores, até um certo ponto, com essa humanidade mal aconselhada.

É desgraçadamente certo que nós, os homens, somos dominados, em geral, pelo pezar da gloria alheia, sentimento mesquinho que torna-nos injustos e até ingratos; mas note-se que no momento em que desaparecer da terra o objecto

das nossas sem-razões , opera-se em nós um phenomeno que prova até a evidencia que o fundo do coração humano não é tão corrompido como parece.

A consciencia dos povos levanta monumentos e estatuas aos homens legitimamente grandes , quando ainda os seus manes podem ouvir o brado da justiça reconhecida. Alguns podem continuar a ser empedernidos, impenitentes ; a massa , porém , das nações abafa com as suas demonstrações de admiração e sincero enthusiasmo o rangido dos dentes da torva inveja.

Essa monumental estatua , segunda no seu genero , levantada a Pedro I do Brasil , fundador deste Imperio , pai da patria , e inclyto libertador , a expensas do povo e dos mesmos que desconhecêrão em 1831 o seu legitimo merecimento , é a prova mais saliente da verdade. O socco desse pedestal , sobre que ergue-se triumphante o primeiro Imperador do Brasil na praça da Constituição , é composto das virtudes do seu povo — do arrependimento de uns , da veneração de outros , da justiça de todos , e da gratidão de corações livres que a elle devem a existencia politica e social de que gozão.

RASGOS MEMORAVEIS
DO
SENHOR DOM PEDRO I
IMPERADOR DO BRASIL
EXCELSO DUQUE DE BRAGANÇA

ESBOÇO PRIMEIRO

E, però, un principe savio deve pensare un modo, per il quale i suoi cittadini sempre, ed in ogni modo e qualità di tempo, abbiano bisogno dello stato e di lui, e sempre poi gli saranno fedeli.

(IL PRINCIPE, CAP. IX.)

I

Cansada, por conhecida, é a historia da emancipação de todos os povos que, depois da descoberta de Christovão Colombo, formárão colonias, dependentes das cobiçosas metropoles do antigo continente.

Ide para o norte, dirigi-vos para o sul, cruzai de léste a oéste, e achareis a mesma inveja, o

mesmo deleixo em civilisar as terras conquistadas, ou com pouco trabalho adquiridas, a mesma impiedade para com o indigena, a mesma sêde de ouro, a mesma rudeza dos pais para com os filhos, as mesmas exigencias, as mesmas pretenções, o mesmo exclusivismo para os dominados e seus filhos, a respeito de empregos; sendo a politica dominante das metropoles não admittir no exercito, na marinha, nas répartições, nas escolas, nos lycêos, no clero, no alto commercio, na grande propriedade rural, os filhos dos europeos, nascidos nas Americas, e muito menos os aborigines.

A sêde de ouro, a arrogancia, nascida da falsa idéa da superioridade de raça, a superstição, e o despreso da intelligencia, forão os caracteres mais salientes dos descobridores e conquistadores do mundo occidental.

O proprio Christovão Colombo, — notavel pelo nobre desinteresse que manifestou pelas riquezas, durante toda a sua vida, escrevia na derradeira carta dirigida ao rei Fernando, — o esposo de Isabel a Catholica, — estas palavras, cuja candura e ingenuidade manifestão o caracter dos homens do seu seculo, e o futuro que aguardava aos habitantes destas vastas e opulentas terras :

« O ouro, senhor, é uma cousa tanto mais necessaria a Vossa Magestade, quanto que, para cumprir-se uma antiga prophesia, Jerusalem deve ser reconstruida por um principe da monarchia hespanhola. O ouro é o metal mais excellente. Em que párao essas pedras preciosas que são procuradas nas extremidades da terra? Em serem vendidas e convertidas em ouro. Com o ouro não só faz-se quanto se quer, mas ainda póde ser empregado para tirar almas do purgatorio e povoar o paraíso. »

Os heróes das éras remotas, vistos de perto, são homens tão pequenos como os nossos contemporaneos.

A sêde insaciavel do ouro tornou os vice-reis, os capitães-generaes, os presidentes das ouvidorias, os magistrados e funcionarios todos — para as Americas enviados, — sedentos de ouro até o extremo de, para ter valimento nas metropoles, ver-se obrigados a encomiar os terrenos mineralogicos de seu commando, embora não existissem nelles senão enormes massas de *gneiss* e *asperão*: e para disfarçar a concupiscencia, da parte que tem de baixeza e falta de decoro, justificava-se o desejo immoderado das riquezas pelo emprego que dellas suppunha-se fazer, embora adquiridas pela fraude e violencia.

Os Estados-Unidos da America do Norte , embora povoados por nobres e cavalheiros inglezes e escossezes , no começo do seculo xvii , — que procuravão um asylo para viver em paz e liberdade politica e religiosa , — forão victimas da cobiça da côrte de St. James , e não querendo sujeitar-se ás demasias da mãi patria , — pagando o imposto do sello , e os direitos sobre o chá , luta que durou por muitos annos até 1775 , — exclamarão : « queremos morrer , como homens livres , antes do que viver como escravos , » e em 1776 declararão a sua independencia.

Sendo os filhos dos Estados-Unidos da America , quando colonos da Inglaterra , livres em gráo superlativo , e cada colonia , desde o seu estabelecimento , independente , melhorando as suas instituições municipaes , que depois passarão a ser economico-politicas e judiciarias , e mesmo legislativas ; e gozando , antes de 1776 , de fóros , privilegios e isenções , de que carecião os mesmos metropolitanos , — quão medonho não seria o quadro que apresentavão as vastas possessões hespanholas e portuguezas neste continente , onde apenas chegavão de seis em seis mezes , e talvez de anno em anno , — noticia da saude d'el-rei , e alguns mimos do governo , que era monopolista do com-

mercio de importação e exportação, que havia fechado os portos ao concurso estrangeiro, que era ciumento, como um islamita, da terra que produzia o ouro? Quanto seria horrendo o espectáculo de povos que, privados estavam mesmo da instrucção elementar; que são obrigados a passar o pelago, para estudar nas universidades; que ainda depois de ter estudado são condemnados a exercerem posições muito infimas (*)! Quanto não seria acabrunhador para os miserandos colonos ver-se considerados como azemalas de carga no campo e nas minas, para saciar a paixão sequiosa de riquezas das côrtes, que os contemplavão como machinas productoras, como automatos um pouco mais engenhosos do que os indigenas e os negros, que das costas africanas importavão para encher o vacuo, que a sua tyrannica crueza abria, sacrificando-os em hecatombes á insaciabilidade do ouro!

Os filhos dos mesmos europêos, estabelecidos

(*) Fazendo justiça a quem de direito, deve-se confessar que os hespanhões fôrão os unicos que fundárão universidades na America, que codificarão as sabias leis de Indias, que nobilitárão algumas casas americanas, e que admittirão no exercito e na marinha, a graduações de elevada patente, os seus descendentes e os indigenas; mas tudo isto foi feito quando já nada remediava; porque além de vir tarde o palliativo, erão coçadas as feridas, que brotavão sangue vivo, com gadanhos desapiedados.

de longa data nestas terras, erão os primeiros que fumavão de despeito, vendo-se tão maltratados pelos proprios progenitores ; e as mesmas cautelas, os mesmos receios, a mesma inveja, o mesmo mysterio que assignalava todos os actos do governo metropolitano, — o seu despotismo, o isolamento a que os condemnava, erão provas mais do que patentes de que os dominadores não erão fortes, porque não erão livres, e não erão confiados, porque não erão justos.

A independencia dos estados anglo-saxonios do hemispherio boreal, apezar de ser o primeiro brado de liberdade que repetio o écho nas vastas comarcas do novo mundo, não foi o unico signal do desgosto que acabrunhava os colonos das potencias européas, que esquecidas do pretexto com que cohonestárão as suas conquistas, em vez de dar a estes povos a liberdade christãa, os reduzião á mais miseravel das escravidões ; sendo que diversos fôrão os conatos dos despotisados para sacudirem o ominoso jugo que nas futuras idades á vileza dos brutos os destinava.

Sem recordarmos os esforços impotentes, porém dignos da jerarchia de homens, que fizerão outros povos deste opulento continente cingir-nos-hemos a trazer á lembrança historica os que presenciárão as terras brasilicas.

Seis annos depois da declaração da independencia das colonias inglezas da America septentrional, vio-se , pela primeira vez , na capital da provincia de Minas-Geraes uma conspiração, uma tentativa patriotica.

É essa importantissima porção da monarchia brasileira viveiro de grandes homens , coração do gigantesco colosso diamantino , e berço da independencia e liberdade deste paiz.

À ella , que deu á corôa de Portugal , desde 1782 até principios deste seculo , um monte de ouro e um rio de diamantes (*), pertencia de direito experimentar primeiro os agastamentos da insaciavel ambição dos metropolitanos.

Os districtos auriferos começarão a diminuir o ambicionado producto , e a côrte , obsecada pela sêde do ouro , tornava-se mais imprudentemente inconsiderada , exigindo dos automatos , que ella , na sua arrogancia , acreditava ter a seu serviço nas brenhas dos montes , as sommas quantiosas a

(*) Segundo os documentos existentes nos archivos de Portugal , nos mencionados annos , entrâo no thesouro da côrte lusitana 114,240 libras de ouro , e 2,100 libras de diamantes. Deve-se notar que o periodo referido não foi o de maior prosperidade na provincia de Minas-Geraes ; pois os annaes do povo e a tradição nos dizem ter sido os annos de 1630 a 1750 os fabulosamente ricos em metal precioso e brilhantes.

que subião os impostos atrasados, e até então não pagos ainda pelos mineiros

A tenacidade das ordens vindas de Portugal exasperou a maioria das povoações daquella rica e deliciosa comarca, e este foi o primordial motivo da conspiração, appellidada do « Tiradentes (*). »

Não deve o narrador descer aos detalhes desta nebulosa aurora da liberdade, cujo occaso foi um espectáculo sanguinolento, digno da barbaria dos homens do poder daquella éra desventurosa.

A clemencia, —apanagio dos thronos, e lembrança grata para aquelle que a dispensa, — cobrio com seu manto os 40 conspiradores patriotas; mas perdeu o merecimento fazendo enforcar e decapitar o emissario, e esquartejar o seu cadaver.

A sanha dos ministros de Maria I de Portugal,

(1) Joaquim José da Silva Xavier — aliás Tiradentes —, era official do exercito, foi mandado em classe de emissario ao Rio de Janeiro para explorar os animos, e ver se achava sympathias para pôr em execução uma mudança qualquer no estado desesperante, em que Portugal tinha abismada a sua colonia, — trinta vezes mais extensa e rica do que a metropole.

Armitage parece dar a entender que não foi o alvo desta conjuração naquelles momentos, declarar republica independente a provincia de Minas ou o Brasil; mas eu não ousarei embora conheça muitos pormenores destes factos, já do dominio do publico, affirmar nem negar o que avança o mencionado autor.

ou de Pedro denominado o Terceiro , não perdôou o cadaver do incauto conspirador ; a sua esquelida cabeça foi exposta em Ouro-Preto , a sua casa varrida da superficie do solo , e os seus filhos e netos marcados com o labéo injusto e selvagem da ignominia herdada.

Desgraçados ! É maxima divina , que as nodoas de sangue se não lavão , senão com sangue.

Os povos de todos os seculos mostrarão-se sempre irreconciliaveis com os governos que vertêrão sangue : cada gotta derramada nos patibulos , em holocausto á liberdade , pelos carrascos do despotismo , produzio myriadas de homens livres : o baptismo de sangue foi sempre recompensado com as palmas da victoria.

Este conato foi abafado com uma victima ; mas não morreu no animo dos colonos , aos quaes so-bejavão quotidianamente as causas para desejar a sua emancipação da tutela de uma mãe que casou em segundas ñupcias com o torvo despotismo.

II

Quando no mundo physico vai acontecer um desses phenomenos aterradores , que reduzem em alguns segundos a ruinas , cinzas , ossarios e deso-

lação as cidades e mesmo as nações, faz-se sentir, a distancias assaz afastadas, o fluido magnetico-electrico que das entranhas do abysmo sahe destructor para mudar a face da terra.

Quando no mundo moral prepara-se a tendencia natural á perfectibilidade, para operar um desses transtornos que, — embora queimem com a lava das revoluções thronos antigos, preocupações idosas, grandezas enraizadas e monumentos de gloria nacional, — devem produzir a igualdade christãa perante Deos e a lei, estabelece-se uma correnteza de idéas entre os povos mais longinquos tão estupenda quão irresistivel.

O norte da America estremeceu em 1776, o coração do Brasil commoveu-se em 1782, o sangue da França ferveu em 1793.

Porque? Porque Deos havia feito soar na eternidade o fim dos despotas, para tornar os seus successores homens mais justos, menos enfatuados, mais pensadores, e menos arrogantes da sua fortuita grandeza de nascimento.

No seculo xvii, quando os neo-philosophos cumprião um apostolado, sem serem conscios da obra grandiosa que iniciavão, e os reis os convidavão á sua mesa para ouvirem as suas elucubrações atrevidas e productoras dos grandes acontecimentos de

fins e começos dos seculos XVIII e XIX, concebia o Todo Poderoso a idéa da liberdade politica, civil, social e religiosa, irmã legitima da evangelica.

Quando Deos se move, os globos que gyrão no espaço oscillão, os solios mesquinhos dos reis da terra tremem, e os homens bambaleião.

A tremenda revolução franceza de 1793 foi um theatro espantoso de heróes, de victimas, de martyres, de confessores, de grandezas, de miserias, de sangue, de catastrophes, de trevas, de luz, de mentira, de verdade, de cháos, de nova ordem de cousas, cujo écho foi repetido, e ainda está vibrando, na abobada do céo, para servir de doutrina aos presentes e vindouros.

Um rei innocente e justo foi a victima expiatoria que borrou, com o seu sangue, os delictos de alguns de seus antepassados: a lição foi severa, mesmo deshumana, mais ainda, satanica; e provou, que a lei é superior aos reis.

Uma rainha bella e nobremente orgulhosa, dobrou a sua cabeça intelligente e sentimental, como a mimosa açucena troncha-se pelo bufido desapiadado do furioso vendaval; mas o seu cadafalso foi o altar de uma martyr de convicções.

Uma prostituta foi a deosa da razão dos republicanos, no templo do verdadeiro Deos; mas este

sacrilegio nefando provou aos vindouros a fraqueza do homem, entregue á sua debil intelligencia, e impio de coração.

É verdade que o demagogismo dos revolucionarios quiz nivelar com o gume da guilhotina — insensata pretensão ! — as classes sociaes ; mas tambem é incontestavel que daquelles regos de sangue surgio a idéa da grandeza moral do homem : e essa revolução franceza , vestida com os andrajos da anarchia , foi a executora do grandioso pensamento philosophico do seculo xvii.

Este espirito do seculo de Luiz XIV , dissipando com um sopro o montão de pó vaidoso , chamado gloria dos reis e ouropel da humanidade , fez-nos ver o homem moral , apesar das suas miserias , quasi igual a Deos , e inferior a ninguem na ordem do creado ; e esse mesmo espirito foi , sem sabê-lo, o apostolo da revolução franceza , de cujo cháos tirou o Omnipotente o nobre pensamento da grandeza moral do homem.

Factos desta ordem propagão-se no mundo metaphysico com a velocidade do pensamento : os Hespanhóes e os Portuguezes do antigo hemispherio tinhão um especial cuidado em não deixar penetrar nos seus dominios das Indias Occidentaes as estrondosas scenas da revolução franceza ; mas

a imprensa dos Estados-Unidos tornando-se polyglotta, multiplicava as edições dos acontecimentos que marcavão as pegadas da passagem da civilização irada.

O Brasil, embora fechado para o resto do mundo, lia ás furtadelas os episodios do assombroso drama, que passava a mais de duas mil leguas das suas praias, e sentia o desejo de gozar da liberdade, sem esses preliminares aterradores da anarchia.

O Brasil tinha ponderosas razões para não lançar-se imprudentemente em uma revolução, naquelles criticos momentos.

Napoleão, o grão general, dominára a anarchia que, segundo o phrasear de Plutarcho, é mui semelhante ao cyclope cego; e se a gloria das suas armas era temivel para os principes desthronados por elle, para os povos apresentava-se como alva de paz.

Corrião os annos de 1801: Napoleão Bonaparte era consul, e acabava de celebrar tratados de paz com a Austria, Russia, Napoles e Portugal; uma convenção secreta com a Hespanha, chamada de Santo Ildefonso; e uma concordata com Pio VII; e finalmente, em 1802, o tratado de Amiens com a Inglaterra. Parecia que começava uma nova éra para o antigo continente, ficando o novo em es-

pectativa ; pois, embora os negros da ilha de S. Domingos estivessem lutando pela sua autonomia, o resto das colonias européas não acreditava na possibilidade da sua emancipação immediata.

Azada apresenta-se a oportunidade para fazer notar a indiscrição de John Armitage que relata, como um facto digno de contar-se entre os symptomas da independencia do Brasil, uma conspiração, ou ameaça de revolta que organisou-se na Bahia em 1801, e que abortou afortunadamente para prosperidade do paiz.

Este monstruoso conciliabulo dos filhos de Cham, tão mal collocado por Armitage entre as aspirações do povo brasileiro para obter a sua independencia, não merece do historiador mais honras do que as reflexões sérias que nascem da catastrophe que teria ameaçado a verdadeira civilização, se a raça africana tivesse levantado cabeça n um paiz, que por desventura via introduzir nos seus campos, de trinta a quarenta mil escravos todos os annos.

A prova de que não foi um symptoma da febre que devorava lentamente o corpo social brasileiro, acha-se nas mesmas palavras do mencionado autor ; pois confessa que a população livre não estava disposta a segundar os planos barbaros dos escravos, nem estes tinham motivos plausiveis para arvorar o

pendão da revolta , não sendo maltratados no sentido positivo da palavra.

Armitage torna patente a falta de profundos conhecimentos que tinha do character dos habitantes deste paiz , então colonia portugueza , quando assevera irreflectidamente que « se não tivesse influido nelles o impulso extranho , terião corrido os annos , e o Brasil não seria conhecido na Europa senão como uma dependencia de Portugal , gigantesca sim , mas submissa. »

Não póde negar a razão calma do philosopho que muito contribuiu para precipitar os acontecimentos da pacifica independencia do Brasil a torrente de circumstancias extraordinarias que rolava no leito dos tempos , á quem e além-mar ; esta proposição , porém , não exclue *in totum* o principio eterno , e apregoado pela historia como um axioma , de ser natural a emancipação dos filhos quando chegão á puberdade , ou á idade de poder formar uma familia separada.

Tanto o Brasil , como as Americas hespanholas erão parvulos politicos e sociaes em 1801 ; o primeiro carecia ainda de vinte annos para ter consciencia da sua maioridade , as segundas representárão o papel do filho prodigo do Evangelho , sem ter manifestado até agora — no meio das suas

espantosas miserias — o arrependimento do protagonista da parábola do legislador christão.

Os máos conselhos de um poder marítimo, cujo principal alvo era monopolisar o commercio do mundo occidental, unidos á cega imprevidencia e á sêde de ouro das outras metropoles, enfiarão esses incautos povos, precipitando-os, quiçá por seculos, na espantosa guerra civil, e condemnando-os a mendigarem a protecção e o dinheiro dos seus pouco generosos conselheiros.

III

Quer a tradição que Napoleão Bonaparte levasse sempre comsigo o « Principe » de Machiavello, e a « Imitação de Jesus-Christo » de Kempis (*), cujos dous volumes erão os seus principaes amigos e conselheiros; não espanta, pois, que na politica preferisse o primeiro, e esquecesse na moral o segundo (**).

(*) Theodoro de Haemmerchen, Prussiano, conhecido pelo nome de seu paiz natal Kempen, não foi mais do que o copista desse livro immortal, cujo verdadeiro autor ainda não é conhecido.

(**) Nondimanco si vede per esperienza né nostri tempi, quelli principi aver fatto gran cose che della fede hannu tenuto poco conto, e che han-

Em 1801 e 1802 o consul primeiro vitalicio da republica franceza fez tratados de paz com os povos já referidos ; mas em 1803 o imperador dos Francez rompeu as hostilidades sob-color de propria defesa , e venceu com as suas hostes triumphantes um após outro esses mesmos alliados do tempo do consulado , até 1807 ; depois das victorias de Jena , Auerstœdt , Eylau e Friedland , dos tratados de Tilsit e do systema continental , promulgado em Berlim um anno antes , — voltou as suas vistas para Portugal e Hespanha .

Do dia 29 de Novembro de 1807 data a madrugada da independencia do Brasil .

O despotismo e a ambição de um soldado victorioso forçarão os reis de Portugal a abandonar a séde dos seus antepassados , e reduzirão á escravidão da conquista povos inermes , que a vulpina astucia sorprendêra de improviso .

no saputo con l'astuzia aggirare i cervelli degli uomini , ed alla fine hanno superato quelli che si sono fondati in su la lealtà....

Non può pertanto un signore prudente , nè debbe osservare la fede , quando tale osservanzia gli torni contro , e che sono spente le cagioni che la fecero promettere . E se gli uomini fossero tutti buoni , questo precetto non sarebbe buono ; ma perchè sono tristi , e non l'osserverebbero a te , tu ancora non l'hai da osservare a loro . Nè mai ad un principe mancheranno cagioni legittime di colorare la inosservanzia . (*Il Principe*, cap. XVIII pag. 90 e 91).

A chegada ás costas do Brasil da familia real portugueza , escoltada por uma esquadra britanica ao commando do almirante Sir Sidney Smith, foi no dia 19 de Janeiro de 1808 , a estrella precursora da liberdade e autonomia da vasta colonia.

O infante D. Pedro de Alcantara, quando pôz pé nesta terra , que devia ser o theatro das suas primeiras proezas, tinha nove annos e tres mezes de idade : ao bello céo, pois, do Brasil, á sump-tuosa natureza desta terra , ao ar americano que respira liberdade , á grandeza deste solo , deveu consequentemente as suas primeiras impressões.

O homem é filho das sensações da meninice, e a sua patria é o lugar onde desenvolve a sua intelligencia, onde tem, por primeira vez, consciencia dos seus actos, onde acha testemunhas dos seus brinquedos da infancia, onde conhece pelos nomes os homens, e pelas virtudes e defeitos a vida dos seus coetaneos.

D. Pedro I do Brasil era aos vinte e quatro annos de idade não completos, — quando deu o brado de Ypiranga, — tão brasileiro por educação, impressões, instinctos e convicções, como outro qualquer filho natural da terra de Santa Cruz.

Dever stricto do historiador seria — se a chronica de D. João regente . e VI de Portugal escrevesse,

e não os rasgos memoraveis de seu filho immortal, —descer aos detalhes minuciosos dos actos do governo portuguez, desde 1808 até o dia 24 de Abril de 1821; mas não carece senão epilogar os trechos mais notaveis, que são como os alicerces da declaração da independencia.

A presença da familia de Bragança no Rio de Janeiro, desde o dia 7 de Março de 1808 até o mez de Abril de 1821, foi, em geral, proficua para o Brasil; sem embargo a côrte de Portugal, os seus fidalgos, ministros e funcionarios, e os actos que das altas espheras partião aos olhos de um povo menos corrompido que os seus progenitores, muito perdêrão do prestigio que de longe poderião ainda ter conservado por alguns annos.

A severidade historica não póde ser indulgente para com a corrupção dos palacios dos reis. A virtude deve ser o alicerce da realeza, e não merece esta alta dignidade aquelle que por pusillanidade ou por inercia não faz acatar o decoro da sua posição.

Quando os povos não podem apontar os palacios dos reis senão como recinto de virtude e moralidade, os thronos inspirão respeito; as revoluções limitão-se ao pacifico circulo das theorias;

a justiça dos subditos venera a moralidade dos monarchas.

O Brasil, colonia, conservava ainda a candura dos povos primitivos : o Brasil—reino—a perdeu com notavel pezar dos filhos illustrados do paiz.

O historiador deve repetir com Cicero: «*etenim mihi plus est fidei, quàm facundiæ* (*)». »

A presença dos Braganças no Brasil evitou, é verdade, que este vasto territorio se desmembrasse e formasse algumas medonhas republicas, em algumas das quaes dominaria agora o elemento africano, apresentando ao mundo hediondos quadros como o da republica de Haiti, na ilha de S. Domingos.

(*) As accusações feitas pelos contemporaneos contra Pedro I do Brasil, nascem da descuidada educação que recebeu este inclyto principe nesse paço da antiga cidade do Rio de Janeiro.

D. Carlota Joaquina de Bourbon, filha de Carlos IV, rei da Hespanha, casada com D. João IV de Portugal, foi educada na escola de sua mãe D. Maria Luiza de Parma, esposa de Carlos IV.

É maxima eterna que os exemplos dos pais são a regra da conducta dos filhos. O historiador, que préza a sua elevada missão, deve dizer a verdade, embora se exponha á ogeriza dos magnates da terra. Se D. Pedro de Alcantara não houvesse sido testemunha de certas fraquezas, teria por sem duvida evitado muitos desgostos na sua vida, e seus inimigos não haverião desrespeitado as suas sublimes qualidades. É verdade que os deslizes dos pais não são hereditarios, nem os filhos podem ser responsaveis perante a posteridade das acções daquelles.

A presença dos Braganças no Brasil deu a este paiz a dynastia felizmente reinante ; o codigo fundamental que tão sabia quão prosperamente rege os destinos deste futuro colossal imperio ; o inaudito beneficio de se fazer uma revolução sem verter sangue ; e a evidencia immensamente vantajosa de ser congenito com os povos agricolas de raça latina o systema monarchico.

Mas, a presença dos Braganças no Brasil apagou muito fogo sagrado nos peitos dos homens de elevadas vistas, de nobres sentimentos e leal coração.

A presença dos Braganças no Brasil quasi aniquillou a moralidade politica do governo metropolitano ; fez detestar as turbas de aventureiros fidalgos e plebêos, que vierão representar o triste papel de parasitas, chupando o suor dos colonos até á ultima gotta ; fez multiplicar os actos vergonhosos da fraude e da arbitrariedade, a que entregavão-se os funcionarios subalternos e os palacianos ; fez perder a alta idéa que nutria o povo pelas distincções honrosas que em vez de serem um signal de recompensa dada ao merito, aos serviços relevantes dos membros da sociedade, passarão a ser ornamento de peitos pouco dignos ; popularisou o luxo superfluo, tornando impudente a mesma prostituição, que afouta desafiava a vir-

tude timorata e pudica; e, finalmente, conseguiu malquistar os portuguezes e brasileiros, avivando de novo a ogeriza destes contra aquelles, e semeando a zizania entre pais e filhos, que é a maior desgraça que a imprudente ignorancia dos governos póde commetter em todos os tempos e circumstancias.

Poucos annos depois da chegada ao Brasil da côrte de Portugal notavão-se já os espantosos symptomas de uma revolução, symptomas que tomavão proporções assustadoras pelas noticias que chegavão quotidianamente dos alçamentos, corôados de feliz resultado, dos povos coloniaes hespanhóes.

Quando morreu a rainha viuva, D. Maria I de Portugal, em 20 de Março de 1816,—época em que foi elevado o regente ao throno—, o Brasil,—declarado em 1815 reino, formando parte integrante da corôa portugueza—, havia já experimentado, em 1814, um desses movimentos secretos, mysteriosos, e transcendentaes que formão época nos fastos de um povo, collocado nas circumstancias, em que achava-se o novo reino naquelles momentos.

A abertura dos portos do Brasil ao commercio estrangeiro—primeira medida suggerida ao principe regente por um ministro habil no instante de pôr os pés na colonia—refugio salvador da corôa

para si e os seus, — devia naturalmente chamar muitos estrangeiros a um paiz que havia sido até aquella época — como as outras colonias — um novo Japão para o resto do mundo.

A riqueza, abundancia e fabulosa fertilidade do seu solo erão incentivos poderosissimos que induzirão homens de todos os povos de um e de outro hemispherio a emigrarem com os seus cabedaes e industrias para a séde temporaria do governo portuguez. Com elles entravão no vasto futuro imperio as idéas dominantes no continente de Colombo, e os escriptos que até então a velha Europa não tinha podido diffundir nestas comarcas.

A corrupção dos delegados do poder, o luxo da côrte, que gravitava sobre a massa productora da nação, as scenas pouco dignas dos palacios de uma rainha, contrastavão de um modo lastimoso com as opiniões dos brasileiros que se não julgavão mais felizes, tendo um rei no seu solo, do que o forão na sua ausencia.

João VI tinha feito elevar, com as medidas dos seus conselheiros, o preço dos productos do paiz, descer o dos importados, instituido tribunaes, permittido o exercicio livre das artes e officios, estabelecido uma imprensa exclusivamente real, fundado uma biblioteca e concedido algumas outras prero-

gativas ; mas não são estes benefícios o essencial modo de captar a benevolencia, a gratidão, o respeito do povo brasileiro.

João VI não era um rei dotado das qualidades indispensaveis para a época em que reinava.

Todos os seus actos provão de sobejo que unia á tenacidade caprichosa a fraqueza de animo, ao ciu-me das suas prerogativas uma lhaneza de burguez, á falta de conhecimentos proprios de um chefe de estado, certa perspicacia natural, ao terror panico das revoluções, sonhava só em Luiz XVI, depois dos acontecimentos de Pernambuco em 1817, — a impotencia de preveni-las, á uma bondade de coração invejavel como monarca, uma condescendencia inconcebivel como chefe de familia.

João VI teria sido um bondoso rei em seculos menos avançados em politica, menos illustrados, menos tumultuosos, menos exigentes.

João VI tinha boas intenções, magnificos impulsos, magnanimos sentimentos ; mas ao mesmo tempo uma irresolução nos negocios serios tão grande, como a sua tenacidade nos frivolos, uma faculdade negativa de criação tão sensivel, como o seu apêgo ás idéas rotineiras e tradicionaes do gabinete dos seus avós.

Esboçado ligeiramente o caracter deste monarca,

devia a historia fazer uma confrontação com o de seu filho, o Sr. D. Pedro de Alcantara ; mas o parallelo, embora bem cabido neste lugar, seria prematuro nos resultados.

João VI e seus conselheiros não tinham estudado a fundo a situação dos tempos que corrião, nem o character das diversas provincias que compunhão a nova séde do velho systema portuguez.

A provincia de Pernambuco, dominada pelos hollandezes, durante muitos annos, conservou, e talvez conserva ainda, muitos traços do character bätavo ; porque é um axioma em politica que a dominação estrangeira, mesmo pouco duradoura, deixa vestigios indeleveis da sua passagem. Os hollandezes, gallos na antiguidade, conquistados pelos romanos, dominados pelos francos, subjugados pelos hespanhóes, se declararão republicanos em 1579, e embora depois em 1795 tornassem a ser submettidos pela França republicana, e monarchizados por Napoleão, para dar este reino a seu irmão Luiz, os seus habitos, antecedentes, character, instituições e religião induzem-os ao systema republicano mais do que ao monarchico. De 1624 a 1654, nestes trinta annos da administração bätava, Pernambuco e as fracções mais proximas então á capital hollandeza, agora provincias, adquirirão muitos

dos habitos e idéas dos dominadores, e especialmente o amor á sua liberdade e independencia.

Quando os governos têm os defeitos de que adoeceia o de João VI, cujo quadro fica já esboçado a grandes traços, os povos afastados, se têm chegado a um certo gráo de civilisação, experimentão a necessidade de se governarem a si mesmos, principalmente se se derem as circumstancias que existião em Portugal e no Brasil daquella época.

Tanto os brasileiros como os portuguezes se enganarão mutuamente, estes querião vêr-se livres do jugo inglez, e aquelles almejavão a sua independencia. Mallogrou-se a revolução de Pernambuco de 1817; mas o sangue derramado pelo governo do fraco rei, e as sevicias commettidas pelos seus mandatarios, prepararão a independencia de 1822.

O infante D. Pedro de Alcantara tinha 19 annos, idade de começar a pensar sériamente sobre os acontecimentos de que era testemunha; e deste tempo data a frieza do pai, e particularmente da mãe do principe, para com elle.

Antes, porém, de manifestar os sentimentos prematuros do primeiro Imperador do Brasil, carece dizer que pensou el-rei em fazer tomar estado ao presumptivo herdeiro do throno de Portugal.

Dom Pedro de Alcantara casou por procuração

em Vienna, aos 13 dias do mez de Maio de 1817, com a archiduqueza D. Carolina Josepha Leopoldina, filha do imperador de Austria, chegando a mesma augusta senhora á côrte do Brasil em 5 de Novembro do mesmo anno.

Casado o infante D. Pedro começou a ter mais ingerencia nos negocios do estado; mas sua mãe a Sra. D. Carlota Joaquina de Bourbon preferia seu filho, o infante D. Miguel Maria Evaristo, quatro annos mais moço do que o herdeiro da corôa. (*)

D. Miguel tinha menos talento do que D. Pedro; mas suppria o defeito de verdadeira energia com um character violento, e facil de ser dominado por outros meios. Sua mãe o educou na plenitude do orgulho aristocratico de outros tempos, infundio no seu espirito todas as preocupações das antigas côrtes, e o tornou antipathico ao povo e ao exercito.

D. Pedro de Alcantara era, pelo contrario, popular, eminentemente militar, de modo que amante

(*) A primeira filha de D. João VI e de D. Carlota foi a infanta D. Maria Thereza, nascida em 29 de Abril de 1793, que casou em primeiras nupcias com o infante de Hespanha D. Pedro, fallecido em 4 de Janeiro de 1812, de cujo matrimonio nasceu o infante D. Sebastião, actualmente na Hespanha; e em segundas nupcias com o Sr. D. Carlos V, denominado o pretendente, em 10 de Outubro de 1838. Esta excelsa princeza perdeu o direito á corôa de Portugal, pois casando com um principe hespanhol tinha perdido a qualidade de portugueza.

da gloria e da liberdade do povo achava-se fóra do seu elemento no paço dos seus progenitores.

Não sendo o alvo deste escripto senão dar uma idéa aproximada do que era o excelso duque de Bragança, passaremos em silencio os episodios do Rio da Prata desde 1810 até 1821, e relataremos mui perfunctoriamente os acontecimentos de Portugal de 1820, 21 e 22, até encontrarmos o grande vulto do libertador do Brasil, do seu perpetuo defensor e do seu primeiro Imperador.

IV

Portugal cansado de vêr-se governado despoticamente por um general inglez, e contemplando por outra parte que a Hespanha—sua vizinha—erguia-se da prostração em que a havia abysmado o governo retrogrado de Fernando VII, fez uma revolução em 24 de Agosto — no Porto, e em 15 de Setembro de 1820—em Lisboa, annunciando em um manifesto aos povos daquella antiga e heroica nação que não era decoroso para elles ficarem submettidos á humilde existencia de colonos do Brasil.

Convocadas as côrtes para o mez de Janeiro de 1821, e adoptado o systema constitucional,

D. João VI vio-se corôado pelo povo com o barrete phrygio, e pela nobreza com o diadema real. Este rei era pusillanime.

O Brasil abraçou com entusiasmo a causa da liberdade: do Pará ao Rio de Janeiro, e deste aos confins das vastas provincias de Minas, S. Paulo, S. Pedro do Rio-Grande do Sul e até a margem oriental do Rio da Prata, bradárão portuguezes e brasileiros, nobreza intelligente e povo, militares e paizanos — Constituição! Liberdade!

Os infantes D. Pedro e D. Miguel jurárão a constituição. El-rei a jurou tambem. Annunciou-se a intenção de mandar a Portugal o principe real D. Pedro para tratar com as côrtes. Estas legisla-vão contra o Brasil, e os brasileiros se iravão contra os seus inimigos. Houve tumultos, confusão, sangue vertido aleivosamente pelas tropas portuguezas, e el-rei, não avezado a ver povos irados por desejarem fruir dos beneficios da sua dignidade e liberdade, determinou regressar á Lisboa, deixando a seu filho D. Pedro a dignidade e attribuições de regente e de lugar-tenente do novo reino do Brasil.

As proclamações continuarão até o dia 24 de Abril, em que embarcou-se a familia real a bordo da náó *D. João VI*, com o intimo pensamento de

que o Brasil deixava de ser daquella hora em diante parte da monarchia portugueza.

Armitage e Abreu Lima escrevem, copiando um do outro, estes paragraphos : « Por outro lado, estava escandalizado contra o Principe Real, por ter ajudado os esforços feitos para o obrigar a sahir do Rio de Janeiro; e antes da partida, na manhã do dia 26, conta-se que dirigira algumas exprobrações á sua alteza. Comtudo, quando se suspendia o ferro; quando a náó começava a navegar, no momento em que, pela vez derradeira, o velho rei apertava seu filho nos seus braços, exclamou : « *Pedro, o Brasil brevemente se separará de Portugal: se assim fôr, põe a corôa sobre tua cabeça, antes que algum aventureiro lance mão della.* »

Os inimigos de Pedro I do Brasil — que são os verdadeiros inimigos da independencia e liberdade deste povo, — têm procurado por todos os meios a seu alcance denegrir o Augusto e magnanimo principe, lançando sobre a sua memoria quantas invenções o seu fanatismo lhes pôde suggerir.

Aceitar essas *exprobrações*, feitas á sua alteza, pelo seu Augusto pai, seria conceder um borrão na conducta filial do principe, nodoa que não

merece de modo algum. As ultimas palavras do pai provão o amor que professava ao filho , e João VI , embora não fôsse dotado de um talento esclarecido nem apropriado ás circumstancias aziagas e melindrosas do seu reinado, tinha bastante intelligencia para entrever em Pedro de Bragança o primeiro dos descendentes do duque libertador.

A independencia do Brasil foi feita de common accordo pelo pai e filho , e as *Memorias Posthumas* do duque de Palmella provão este facto tão authentica quão evidentemente.

D. Pedro respeitou com religiosa veneração a dignidade paterna ; a correspondencia com seu pai, posterior aos acontecimentos narrados, manifesta de sobejo que o principe não mereceu as exprobrações a que faz allusão o trecho que acaba-se de transcrever.

V

Não deixa de ser um espectaculo digno de toda a ponderação contemplar um principe de 23 annos de idade , regendo um povo revolucionado , que arcava com as difficuldades inherentes ao systema colonial , ao mesmo tempo que fervia em

desejos de ver-se livre e independente: e accresce a admiração se se ponderar que esse mecmo real moço não fôra educado pelo seu descuidoso pai com o esmero que os seus futuros destinos exigião imperiosamente.

D. Pedro de Alcantara regente, como portuguez, e brasileiro por impressões e sentimentos, é um typo historico, se não absolutamente novo nos fastos das nações, ao menos raras vezes visto.

O Brasil daquella melindrosa época era portuguez e não portuguez, brasileiro e não brasileiro. João VI e seus conselheiros tinham dividido os animos dos habitantes deste paiz, semeando machiavellica, porém indiscretamente, a discordia entre os metropolitanos e os colonos.

Idade propecta, sciencia vasta, estudo profundo, tacto delicado, energia sobrehumana, actividade extraordinaria, vontade de ferro, dotes relevantes erão necessarios ao joven regente para neutralisar os germens de dissolução que havião infiltrado a inercia de um velho monarcha, os conselhos de uma rainha inimiga figadal das innovações liberaes, os actos de um governo retrogrado, e a sua desmoralisação, no corpo social, cujas enfermidades moraes exigião remedios energeticos, porém não violentos.

O historiador póde, deve perguntar aos coetaneos de Sua Alteza Real, o regente e lugar-tenente do monarcha portuguez, se faltou alguma destas qualidades a seu quasi imberbe futuro libertador.

D. Pedro ainda não tinha amigos de facto entre os seus futuros subditos : D. Pedro não tinha amigos de coração entre os vassallos de seu pai : para tornar-se o idolo dos primeiros, e o corypheu dos segundos era necessario destruir aqui com habilitade requintada o que fazia-se além-mar com imprudencia excessiva.

Um homem de estado consummado em annos e experiencia não teria escolhido, nos primeiros momentos da sua governança, meios mais conducen-tes ao fim que tinha concebido, ainda antes da partida de seu pai para Lisboa.

É necessario compenetrar-se da virulencia, oge-riza, e mesmo odio—sequelas da dominação européa nas Americas, que deitavão-se pais e filhos mutua-mente, para poder calcular a prudencia acrisolada que devia presidir a todas e ás menores acções do principe-regente.

Este galhardo moço sabia que nada agrada tanto ao povo, como ver descer do throno a franqueza, a amabilidade e o enthusiasmo pelas cousas grandiosas.

Brasileiros e portuguezes lhe tributárão as homenagens de justiça que os seus actos conciliatorios merecião, mas sabido é que o odio entre pais e filhos, pela mesma razão de ser raro, é profundo, desapiedado e mesmo duradouro: o augusto regente perdia o seu tempo, adiando só o desfecho da luta que fomentou o governo do seu pai desde 1814 até que regressou a Portugal.

Como se esta luta intestina de um povo que quer ser independente, e dos seus antigos dominadores, não fosse assaz gigantesca para os primeiros dias da regencia do joven principe, accresce recordar que os cofres do novo reino estavam exhaustos, o paiz pobre pelos impostos oppressivos que sobre elle gravitavão, o credito em estado deploravel, sendo as necessidades grandes.

D. Pedro de Alcantara á cuja magnanimidade, desinteresse, amor da gloria e da liberdade do povo, são virtudes que não desmentio desde 1821 até 1834, havia nascido para experimentar todas as contrariedades e ingratições, que o egoismo dos homens prepara aos seus bemfeitores; mas elle sabia que *regium est benefacere, et malè audire*; porque nasceu rei.

A rigida economia que estabeleceu, começando por sua real casa, na administração dos dinheiros

publicos ; a abolição dos impostos exorbitantes que apoquentavão o povo, e outras medidas sabias, justas, liberaes e necessarias que tomára nos primeiros dias da sua governança, erão interpretadas pelos mesmos favorecidos, portuguezes e brasileiros, como meios empregados pela ambição de tornar-se popular, para desta guisa restabelecer, com as armas e seu prestigio, o despotismo militar.

A sua prudencia em não convocar as autoridades depois de ter recebido as clausulas fundamentaes da Constituição portugueza, para prestar o juramento exigido, foi paga por uma sedição militar feita em 5 de Julho de 1821 pelos corpos portuguezes existentes na capital do Brasil. O seu tino em conservar perto de si um estadista pratico das cousas do Brasil, como era o conde dos Arcos, foi pago pela ousadia de exigir da sua real pessoa a mudança do ministro.

O seu nobre comportamento para com o seu pai e a sua nação foi correspondido pela absurda e anarchica lei de 24 de Abril de 1821, em que as côrtes de Portugal, cegas pelo odio que professavão aos filhos do Brasil, declararão desligadas todas as provincias do reino do Brasil do centro governamental, collocando o regente na precaria posição de um governador de provincia.

Não seria concebível tamanha loucura, se não tivéssemos a mencionada lei á vista.

O objecto principal daquelles desaconselhados legisladores foi, por sem duvida, enfraquecer a autoridade do principe-regente, allegando que só aguardava uma occasião azada para apossar-se do throno americano.

E não vião esses cegos moraes, obumbrados pela inveja, que dando uma lei semelhante em vez de um povo irmão ião crear muitos Estados inimigos, muitas republicas anarchisadas, muitos transtornos e desventuras?

A casa de Bragança deve mostrar-se eternamente agradecida aos brasileiros e ao excelso principe D. Pedro; pois sem o apoio de ambos nesta conjunctura, nem reinaria no Brasil, nem este florescente imperio existiria senão reduzido á miseranda condição das republicas hispano-americanas, e muito peor ainda, porque aqui o elemento negro teria, depois de derramar muito sangue, formado Estados tão barbaros como os da Africa e da republiqueta de Haity

Foi enunciado em paragraphos anteriores que o erario publico estava no periodo critico da extenuação: neste estado o havia collocado o governo de João VI, as prodigalidades de uma còrte imprudente,

e os particulares que, regressando el-rei aos seus antigos dominios, tirarão do banco o numerario que nelle tinham depositado.

Todas estas desventurosas circumstancias reunidas á ingratidão das tropas portuguezas e ao character que ião tomando os povos confiados ao joven regente, causarão no seu augusto animo o tedio, precursor da fadiga moral, e embora a sua grandeza de alma não succumbisse ao peso da sua falsa posição, desafogou seus soffrimentos n'uma carta que escreveu ao rei pai, em que traçava com mão de mestre e franqueza de filho o quadro assustador da sua posição.

Terminava esta carta, por mais de um motivo digna de eterna memoria, pedindo a seu monarcha e pai que o alliviasse das penosas funcções de um cargo que ia acabar com a sua existencia.

Achar-se aos 23 annos na cratera de um vulcão revolucionario, sem recursos, sem verdadeiros amigos, em paiz baldo de tradições realistas, em que não podia bradar *ahi está o meu berço*, é uma posição tão medonha quão digna do heróe da independencia de um povo, e da sua elevadissima tempera.

Se a natureza deste escripto comportasse a extensão da historia, seria bello apresentar á posteri-

dade o vulto grandioso deste joven principe entre as nuvens foscas das contrariedades, que as côrtes de Portugal oppunhão á aurora da liberdade brasileira, ora tirando todos os privilegios concedidos a este paiz, ora mandando regressar o principe ao seu paiz natal; seria bello apresenta-lo entre os relampagos dos partidos; entre o fumo da guerra civil e estrangeira; entre as revoltas das tropas portuguezas existentes ainda no Brasil; entre as commoções dos brasileiros; entre os crepes funereos da morte de seu primogenito D. João Carlos, principe da Beira; entre as esperanças de um povo; entre as alegrias do nascimento de uma princeza, a Sra. D. Januaría; entre as ovações das suas viagens; entre as acclamações do seu memoravel FICO; entre os brados patrioticos dados ao Defensor Perpetuo do Brasil; entre a satisfação experimentada pelos brasileiros no momento de instalar-se o conselho de procuradores das provincias brasileiras, e a convocação de uma assembléa constituinte e legislativa para o novo reino; entre as flôres, corôas, ovações e delirio que lhe manifestarão estes povos, com que o obsequiarão, de que o coroarão na sua viagem á provincia de S. Paulo: seria bello, emfim, penetrar no seu coração, na sua mente, e apresenta-lo tal qual era, grandioso, su-

blime, magnanimo, liberal, guerreiro, amante da gloria, preferindo com Paulo Emilio a felicidade publica á fortuna propria. (*)

Cingir-se-ha o historiador a esboçar a medonha situação das vastas terras de Santa-Cruz com penna forte, e tinta clara.

A historia nos não revela um quadro mais sério, transcendente, vivo e singular.

Toda a America havia bradado liberdade; toda a America tinha levantado na haste do novo alvado patrio o barrete phrygio; a passagem instantanea, inesperada e venturosa da quasi escravidão colonial á licença da revolução havia enlouquecido os espiritos de todos; a Europa observava espantada os sorprendentes acontecimentos que succedião-se rapidamente no novo mundo, e amaldiçoava em segredo a sua imprevidencia em não ter mandado, havia um seculo, os principes mais moços das suas reaes casas a serem coroados reis das vastas e ubertosas terras, que a constancia e intelligencia de um homem puzera nas suas mãos; o Brasil só podia salvar do naufragio da revolução embravecida as

(*) *Nunc de patriâ securus sum, nihilque metuo periculi, postquam fortuna prosperos reipublicæ successus ulta in meam domum est, invictamque ejus ipse pro omnibus sustinui.* (Plutarchi, apophthegmata.)

coroas dos reis poltrões, o Brasil só podia conservar as tradições das raças civilisadoras do velho mundo monarchico ; o Brasil só podia libertar da humilhação os netos do duque de Bragança ; o Brasil só podia equilibrar os principios da autoridade temperada com as idéas liberaes do seculo e a licença das exagerações dos demagogos.

D. Pedro, principe-regente, e os brasileiros são solidarios neste solemne acto. Sem este esclarecido principe, os filhos desta terra erão victimas da anarchia ; sem os brasileiros, D. Pedro não era o fundador de um imperio, o libertador de um povo, o heróe dos tempos modernos da raça dos Viaratos.

Difficil se não é impossivel será para os vindouros discriminar o gráo de merecimento deste povo e desse rei.

É verdade que a presença da casa de Bragança no Brasil tornou possivel nestas comarcas uma monarchia ; porém, não é menos certo que a siseudez, o bom senso, a sabedoria deste povo fôrão o alicerce desse throno : é verdade que este povo rogou ao principe que ficasse no seu seio, o acclamou seu Defensor Perpetuo, o coròu seu Imperador ; mas tambem é positivo que esse Bragança foi liberal, nobre cavalheiro e fiel sustentador da sua real palavra.

Os povos têm instinctos generosos, conhecem o que é digno das suas sympathias, e se errão amiudadas vezes é por seducções dos ambiciosos e dos demagogos.

O Brasil póde e deve ufanar-se de ser uma nação de avantajadas qualidades e pouco vulgares inspirações.

Contemple-se o ardor, o enthusiasmo, a verdade com que os brasileiros rodearão o joven Defensor Perpetuo do seu paiz, e confessar-se-ha que inspirava amizade legitima, verdadeira, sincera e grande; porque poucas vezes têm visto os homens um coração mais nobre e uma alma mais elevada em tão tenros annos.

A historia não tem mais elementos do que os factos; avaliando as intenções de outro modo que não seja por elles, expõe-se o historiador a calumnia-la, e a apreciar pessimamente os homens, pois então é a paixão e não a razão a que encarrega-se de investigar as acções dos personagens mais proeminentes.

Os rasgos da Divina Providencia são repetidas vezes insondaveis para a fraqueza da intelligencia do homem.

Muitas provincias do novo reino, animadas pelas impolíticas medidas das côrtes de Portugal, ne-

gavão obediencia ao regente: Minas-Geraes era uma dellas — D. Pedro lá foi desvanecer a desconfiança que para com elle manifestava aquelle nobre povo: se não apresentou-se em Pernambuco e na Bahia, foi porque as dissensões de S. Paulo erão mais criticas para a sua perspicaz intelligencia.

S. Paulo, essa provincia benemerita da patria, esse torrão de celebres homens, esse santuario de sagradas aspirações, onde vierão á luz Amador Bueno de Ribeira, — o nobre e leal, — os Andradas e numerosos outros varões esclarecidos, ia quiçá em vez de ser o berço da independencia, a cratera da anarchia. D. Pedro se não fazia esperar onde havia perigo para a prosperidade do seu paiz de adopção. Em 14 de Agosto sahio para Santos, e dalli para a capital da provincia.

Digno da penna de Tacito é este episodio da historia patria.

VI

A presença do principe em S. Paulo havia dissipado a tormenta que ameaçava á causa da verdadeira civilisação.

O sol pressuroso ia esconder-se entre os cumes das elevadas montanhas, que sepárão a capital da

provincia do porto de Santos : a natureza, embora placida, mostrava um ar de melancolia que impressionava os animos de um punhado de cavalleiros que corrião em tropel, envoltos em uma nuvem de poeira, em direcção a Santos. Precedião estes, que formavão a guarda de honra do joven principe, um grupo de cinco homens, quatro delles erão Joaquim Maria da Gama Freitas Berquó, João Carlota, João de Carvalho, e Francisco Gomes da Silva.

O quinto era um joven galhardo, de bizarro talante, trajado simplesmente, com fardeta azul, calça da mesma côr, botas grandes envernizadas, chapéo armado e espada.

A sua physionomia revelava tristeza ou meditação profunda: estava pallido, e de vez em quando lançava os olhos ao redor, ou os fixava no céo, re-freando o feroso corcel, que ardia em desejos de correr pelas margens do humilde e glorioso rio Ypiranga.

Aquella cabeça intelligente, aquelles olhos penetrantes, aquelle rosto nobre e franco manifestavão que a luta do espirito com o coração era grande naquelles momentos.

A hora suprema das sublimes transformações mo-

raes imprime nos traços dos heróes um mundo de idéas.

Antes das grandes accções, a alma dos apóstolos da humanidade assoma-se toda inteira nas suas feições, e revela a sua grandeza nos seus gestos.

D. Pedro de Alcantara pensava no seu bondoso e fraco pai, nas glorias dos seus antepassados, na injustiça dos homens de Portugal, nas circumstancias medonhas que solapavão a prosperidade do seu paiz de adopção, e erão tão negras as imagens que se lhe apresentavão á imaginação, que fazião tremer convulsivamente os seus braços poderosos. Sem ter consciencia do que experimentava o seu espirito, refreou o brioso cavallo, ordenou á sua guarda de honra, que precedêra espera-lo ás portas da cidade, dirigio-se vagarosamente, acompanhado dos quatro mencionados cavalheiros para as margens do Ypiranga.

Quando nas regiões moraes acontecem cousas extraordinarias, os homens privilegiados de Deos vêem confusa, mas patentemente, nas trévas do futuro.

D. Pedro de Alcantara, collocado, nas eminencias, por onde corre humilde o rego que elle immortalisou, adivinhava, sem sabê-lo, que dous cavalleiros vinhão á toda brida para encontra-lo,

para entregar-lhe um officio do seu ministro José Bonifacio , e uma carta da sua excelsa esposa.

O momento é solemne , a personagem principal da scena magestosa , a anciedade dos circumstantes extrema. Todos olhão para o principe com curiosidade e acatamento. Elle mostra , lendo ambas as communicações , um certo não sei que de sobrenatural , misturado com o desagrado : de repente tira o chapéo , passa a mão pela espaçosa e intelligente fronte , olha fulminante o céo e a terra , arranca a espada da bainha com mão guerreira e brada : « Independencia ou morte!! »

Essa voz magica vai perder-se nas sinuosidades das montanhas para ser repetida por milhões de homens livres. O moço real é já um libertador , encetou a carreira do heroismo.

Apenas têm tido tempo os que o contemplavão para voltar em si do assombroso jubilo que delles apoderou-se , ouvindo este brado libertador , quando o novel general da independencia parte á toda brida , espada em mão , para o lugar onde o esperava a sua guarda ; suspende , sem dar tempo aos seus valentes para montarem a cavallo , a impetuosa carreira do seu corcel , e lhes diz : « Camaradas ! as côrtes de Portugal querem mesmo escravisar o Brasil ; cumpre portanto declarar já

a sua independencia: — laços fóra! De ora em diante, traremos todos outro laço de fita verde e amarella, que serão as côres do Brasil: — Independencia ou morte!! » (*).

Independencia ou morte!! repetirão os circumstantes, brandindo as espadas, e entrando de tropel nas ruas da cidade de S. Paulo aos gritos entusiasticos de « Viva El-Rei do Brasil!! »

Registrai a historia, lêde os fastos dos povos, e confessai que o Brasil é o unico povo que proclamou tão sábia quão pacificamente a sua autonomia e liberdade.

Se Pedro I não tivesse praticado na sua gloriosa vida outra proeza mais do que a que acaba-se de ler, seria mui bastante para que a posteridade levantasse á sua immorredoura memoria monumentos eternos da sua gratidão.

(*) O autor confessa o seu agradecimento ao Sr. Paulo Antonio do Valle, que publicou o artigo *O Ypiranga ou o dia 7 de Setembro de 1822*, cujas entusiasticas paginas lhe têm inspirado as mesquinhas phrases deste escripto.

ESBOÇO SEGUNDO

Mais cavalheiro do que rei.

(A BRUCHA NEWKA A CARLOS II
Historia da Inglaterra.)

I

Os dous lustros não completos do reinado do Imperador D. Pedro I. desde o dia 21 de Setembro de 1822, em que foi proclamado pelo povo seu monarcha, até o dia 7 de Abril de 1831, têm provado ao historiador imparcial que este magnifico principe era mais cavalheiro do que rei.

Por extrenuos que sejam os esforços praticados pelos adversarios do primeiro Imperador, para escurecer a aureola gloriosa que fulgura ao redor da sua sublime cabeça, esmagados serão pela verdade, pelo seu intrinseco merecimento, pela magnitude dos seus memoraveis feitos, pela nobreza do seu procedimento, pelo desinteresse que respira toda a sua vida.

D. Pedro—principe regente, imperador, rei e general, — tem sido atacado pelos seus invejosos e mesquinhos inimigos com todas as armas e debaixo de todos os pontos de vista. Os demagogos, os tribunos, os hypocritas, os timoratos, os realistas, os republicanos, todos os espiritos acanhados, seus coetaneos, forão seus gratuitos detractores. Estes não quizerão ver no seu character emprehendedor senão a irreflexão e a audacia de um soldado que ambicionava alcançar a gloria de um grande guerreiro: aquelles o hão acoimado de presumpçoso; porque ousou conceber o sublime plano da liberdade de dous povos e da independencia de um; ess'outros o hão accusado de mentido liberalismo, e levárão a sua arrogancia até o ponto de asseverar que tinha a ambição de um tribuno, a seriedade affectada de um procer e o orgulho de um dictador. Nada disso foi D. Pedro, duque de Bragança, se algum defeito escureceu as suas grandes qualidades foi ser mais cavalheiro do que rei.

Se o historiador desejasse precipitar as ephemerides dos tempos diria, dirigindo a voz da verdade, aos detractores ignorantes desse glorioso cavalheiro: Era irreflectido? Pois perguntai ás còrtes europêas e á bolsa de Londres, se esta e aquellas hão confundido alguma vez uma verdadeira empreza com

uma aventura, um heróe com um buscador de gloria.

Era audaz? Pois perguntai á historia do Brasil e de Portugal quem foi o seu adalid nas agonias da liberdade e nas convulsões da independencia.

Era presumpçoso? Pois interrogai os homens por elle escolhidos em um e outro hemispherio se não submettia-se docilmente á força das razões.

Era egoista? Pois perguntai aos seus companheiros de armas se não foi em todas as circumstancias o typo da abnegação, quer no throno, quer no campo da batalha, quer perto dos leitos dos epidemicos quer no meio das provanças e privações da guerra.

Era vanglorioso? Contemplai-o commandando como general e como simples official.

Era mentido liberal? Estudai as constituições do Brasil e de Portugal, e baixareis os olhos confusos de pejo. Estudai a guerra que lhe declararão a nobreza arrogante e o clero supersticioso, e vereis que era um verdadeiro patriota.

Era ambicioso? Pois respondi porque renunciou duas corôas aos seus 33 annos de idade?

Era um dictador disfarçado com a moderação de um aristocrata de idades remotas? Pois perguntai aos seus proprios inimigos, aos seus ven-

cidos no campo de batalha , aos seus amigos se jámais enconrãrãõ na terra sentimentos mais caracteristicos de generosidade , humanidade e reconhecimento.

Sempre quiz triumphar pela clemencia : todas as suas proclamações offerecem perdão aos vencidos : no campo de batalha é o primeiro em socorrer os feridos , seja qual fôr a causa que defendião ; e a sua amizade para com os que lhe mostrãrãõ interesse , durante a vida , desce com elle ao sepulchro com saudosa lembrança.

D. Pedro tinha um só defeito : era mais cavalleiro do que rei.

Se houvesse sido mais rei do que cavalleiro , teria desmoralizado os homens prestimosos , para tornar-se o unico necessario ; teria sido hypocrita nas suas fraquezas ; teria anteposto a sua gloria á do povo ; teria contemporisado com todos os partidos , para reinar sobre todos os homens ; teria sacrificado nas áras do seu egoismo a liberdade e a independencia de dous povos ; teria feito derramar muito sangue no campo de batalha , nos cadafalsos , no silencio das familias e da honra alheia.

Foi mais cavalleiro do que rei , e eis-ahi a razão das suas desventuras , das suas decepções , das suas contrariedades.

Veritas regi novum est, diz Plutarcho, e para ter chegado D. Pedro I ao cume da gloria, durante os seus dias na terra, só lhe faltou arredar de si os adultores, para poder ouvir a linguagem severa da verdade.

II

O reinado de D. Pedro I do Brasil foi um tecido de contrariedades e decepções, para o augusto principe, e uma palestra onde lutavão em desigual peleja a gloria, a ambição, o patriotismo, a demagogia, o radicalismo exagerado e o eclectismo inexperiente.

Percorrão-se todas as épocas daquelles tempos de ensaios e provações, e ver-se-hão, desde o dia 7 de Setembro de 1822 até a celebre noite denominada das Garrafadas, precursora da abdição as mesmas oscillações no povo ignorante, as mesmas cobiças nos homens illustrados, e os mesmos erros, embora nascidos das intenções mais puras, no monarcha.

Fôrão tão aziagas as peripecias destes quasi dez annos de reinado do primeiro Imperador, fôrão tão repetidas as sedições, os tumultos, e as des-

ordens politicas , que o historiador philosopho vê-se obrigado a investigar as causas destes phenomenos politico-móraes , para não enganar, nem ser illudido.

Muitos homens pensadores , particularmente americanos, acreditarão no primeiro reinado e durante a minoridade do actual reinante, que o espirito do povo brasileiro era , como o de todas as familias do novo continente , democratico, indomito e semelhante ao character do independente indigena.

Mui longe fôrão esses calculos da verdade.

Nas Americas, se exceptuarmos os treze primitivos Estados da União Norte-Americana , os mais povos são, por educação, religião, habitos, costumes e sangue, monarchicos, e entre elles prima o Brasil, do Amazonas ao Uruguay, nesta que póde conscienciosamente ser chamada uma feliz tendencia.

Jámais fôrão os povos eminentemente agricolas, como é o Brasil, se não patriarchaes , ou o que é o mesmo , realistas.

A faxa litoral desta extensa terra póde ter alguns espiritos innovadores ; porque é verdade eterna que as cidades commerciantes a esse systema de

mudanças são inclinadas pela mesma natureza do commercio.

Mas notavel é por sem duvida que nos dez annos do primeiro reinado não só mostrarão-se intranquillas as costas maritimas do Brasil, mas tambem os povos do interior.

O primeiro Imperador tinha grandes virtudes, sublimes qualidades, dotes relevantes, era cavalleiro, liberal, filho do seculo na extensão da palavra; mas havia de lutar com o espirito nacional, coceguinto em gráo superlativo na parte fraca de todos os povos recém-independisados — na crença de ser hostilizados pelos seus pais, pelos primitivos dominadores.

D. Pedro I, superior a certas mesquinhezas, indignas da sua dignidade e grandeza de animo, não via as cousas com os olhos dos filhos do paiz, victimas por tres seculos, da cobiça e despotismo dos metropolitanos.

D. Pedro era decididamente brasileiro; mas não podia deixar de ser portuguez. O seu sangue, a sua gloria, as suas tradições, o seu nome erão portuguezes, e os reis e os fidalgos, se não são mui sabiamente prudentes, não podem occultar que vivem de lembranças, meia vida, e de actos proprios da sua jerarchia a outra meia.

A desunião, a discordia dos brasileiros e portuguezes, legado funesto do governo colonial, e seu character franco de cavalheiro, unidas estas duas cousas á febre de liberdade, que é congenita com os homens recentemente emancipados, de-vião solapar a popularidade do começo do seu reinado.

Cesar Augusto dizia « *majus opus esse imperium magnum ordinare quàm parare*, » e este apophthegma verificou-se litteralmente no primeiro reinado do Brasil.

Seguir um após outro todos os passos do excelso D. Pedro I, tanto na vida politica como na civil e social deste grandioso vulto da independencia brasileira, seria saltar por cima das conveniencias marcadas pelo plano que presidio a este escripto.

Uma resenha chronologica dos factos mais salientes do seu reinado, pôr-nos-ha no cume da historia, para podermos avaliar n'um lanço de olhos rápido e consciencioso este principe mais cavalheiro do que rei.

Acclamado e corôado IMPERADOR CONSTITUCIONAL E DEFENSOR PERPETUO DO BRASIL, por unanime desejo dos povos, institue em 1º de Dezembro de 1822, a primeira ordem americana que ennobrece aos proceres da independencia do paiz e aquelles nobres

emulos que prestem no futuro serviços de igual caracter á patria. Eis-aqui o cavalheiro.

Abre a assembléa constituinte, em 3 de Maio de 1823, e pronuncia um discurso do throno que revela a grandeza do seu animo; mas notão-se na conclusão daquella memoravel falla estes paragrafos, que de cavalheiro são mais a expressão do que de rei de um povo revolucionado, cioso da sua independencia e liberdade, e receioso da influencia dos seus antigos dominadores:

« Como Imperador Constitucional, e mui especialmente como Defensor Perpetuo deste Imperio, Disse ao Povo no dia 1º de dezembro do anno proximo passado, em que fui corôado, e sagrado, *que com a minha espada defenderia, a Patria, a Nação, e a Constituição, se fosse digna do Brasil e de Mim.* Ratifico hoje mui solemne-mente perante vós esta promessa, e Espero que me ajudeis a desempenhal-a, fazendo uma Constituição sabia, justa, adequada e executavel dictada pela razão, e não pelo capricho, que tenha em vista sómente a felicidade geral, que nunca póde ser grande, sem que esta Constituição tenha bases sólidas, bases, que a sabedoria dos seculos tenha mostrado, que são as verdadeiras, para darem uma justa liberdade aos Povos, e toda a força necessaria

ao Poder Executivo. Uma Constituição , em que os tres Poderes sejam bem divididos , de fórma que não possam arrogar direitos , que lhes não competão ; mas que sejam de tal modo *organizados* e harmonizados , que se lhes torne impossivel , ainda pelo decurso do tempo , fazerem-se inimigos , e cada vez mais concorrão de mãos dadas para a felicidade geral do Estado. Afinal , uma Constituição , que pondo barreiras inaccessiveis ao despotismo , quer Real , quer aristocratico , quer democratico , afugente a anarchia , e plante a arvore daquella liberdade , a cuja sombra deva crescer a união , tranquillidade e independencia deste imperio , que será o assombro do mundo novo e velho.

« Todas as constituições que , á maneira das de 1791 e 92 , tem estabelecido suas bases , e se tem querido organizar , a experiencia nos tem mostrado , que são totalmente *theoreticas e metaphysicas* , e por isso *inexequiveis* , assim o prova a França , Hespanha e ultimamente Portugal. Ellas não têm feito , como devião , a felicidade geral ; mas sim , depois d'uma licenciosa liberdade , vemos que n'uns paizes ja appareceu , e em outros ainda não tarda a apparecer o despotismo em um , depois de ter sido exercitado por muitos , sendo consequencia

necessaria, ficarem os povos reduzidos á triste situação de presenciarem, e soffrerem todos os horrores da anarchia.

« Longe de nós tão melancolicas recordações; ellas enlutarião a alegria e jubilo de tão fausto dia. Vós não as ignorais, e Eu certo, que a firmeza nos verdadeiros principios constitucionaes, que têm sido sanccionados pela experiencia, caracteriza cada um dos Deputados, que compeem esta illustre Assembléa, Espero que a constituição, que fazeis, mereça a minha Imperial Aceitação, seja tão sabida e tão justa, quanto apropriada á localidade e civilização do Povo Brasileiro; igualmente, que haja de ser louvada por todas as nações; que até os nossos inimigos venhão a imitar a santidade e sabedoria de seus principios, e que por fim a executem.

« Uma assembléa tão illustrada, e tão patriotica, olhará só a fazer prosperar o imperio, e cubril-o de felicidades: quererá que *seo Imperador seja respeitada não só pela Sua*, mas pelas mais nações, e que o *seo Defensor Perpetuo*, cumpra exactamente a promessa feita no 1º de Dezembro do anno passado, e ratificada hoje solemnissimamente perante a Nação legalmente representada (1). »

(*) O Sr. D. Pedro I escreveu estas e outras fallas da corôa.

As phrases — « Disse . . . que com a minha espada defenderia a patria a nação e a constituição, se fôsse digna do Brasil e de Mim.... e, « uma assembléa tão illustrada... quererá que seo Imperador seja respeitado não só pela sua, mas pelas mais nações.... » mostram o cavalheiro ; mas não o rei, e a estas palavras da primeira falla deve attribuir a posteridade os revezes que experimentou o Imperador nos annos seguintes.

Ha momentos em que tudo se pôde dizer; e a prudencia exige em outros a mais stricta medida nas palavras.

A serie de acontecimentos que seguio-se, da abertura da constituinte até o juramento da constituição, em 25 de Março de 1824, embora interessante e cheia de episodios gloriosos, melancolicos e ameaçadores para a integridade do Imperio, não pertence ao nosso dominio ; porque então escreveriamos a historia do paiz e não os rasgos memoraveis do seu Fundador e Libertador.

No meio das sérias contrariedades que experimentava o Imperador, redigio as bases da Constituição, — que é na actualidade o codigo fundamental do Imperio, — e nomeou uma commissão especial ou conselho de estado, composto de dez individuos afim de organisa-la de

modo que merecesse a approvação de S. M. Imperial (*).

A Constituição, offerecida ao povo brasileiro pelo seu primeiro Imperador, era mais liberal do que podia esperar-se mesmo pelos mais exaltados patriotas. Não era uma obra acabadissima ; porque nem o estado do paiz , nem as circumstancias em que foi concebida e feita , permittião a perfeição de um codigo dedicado a reger um povo novo , cujas necessidades crescem , mudão , e transformão-se com uma rapidez desconhecida nas nações antigas.

As imperfeições apontadas por Armitage , as que têm posteriormente sido corrigidas pelo Acto Adicional de 23 de Novembro de 1841 , as que ainda emendará a posteridade , não são essenciaes ou integraes , apenas merecem , e merecerão o nome de accidentaes , ou de meras circumstancias (**).

(*) Os nomes dos illustres estadistas, escolhidos pelo Imperador, segundo o Decr. de 26 de Novembro de 1823, não podem deixar deser lembrados nesta occasião, e são : João Severiano Maciel da Costa. — Luiz José de Carvalho e Mello. — Clemente Ferreira França. — Marianno José Pereira de Fonseca. — João Gomes da Silveira Mendonça. — Francisco Villela Barbosa. — Barão de Santo Amaro. — Antonio Luiz Pereira da Cunha. — Manoel Jacintho Nogueira da Gama. — José Joaquim Carneiro de Campos.

(**) O autor não ignora que o acto adicional tocou de perto o coração da constituição dada por D. Pedro I.

Os povos, desde as margens do Amazonas até ás do Rio da Prata, a recebêrão, jurárão e proclamárão com enthusiasmo, a achárão superior aos seus anhelos, e a maior prova que póde ser apresentada aos presentes e vindouros, da sua bondade politica, é vê-la ainda intacta, venerada por todos os credos politicos do paiz, invocada, como a egide das liberdades publicas.

Essa estatua erigida pelo povo reconhecido ao legislador immortal que lhe fez um mimo tão precioso e perduravel, apresenta o maior padrão quicá da sua gloria, e proclama da altura desse solio eterno, que era um cavalheiro, como agora os seculos raras vezes produzem.

A França, a Hespanha, a Italia e muitas outras nações contão diversas e reformadas constituições, desde o dia 25 de Março de 1824 até os nossos dias como acontecimentos passados, que pertencem á philosophia da historia, e de que talvez muitos dos viventes não têm conhecimento; entretanto que o povo brasileiro hoje mesmo para apotheosar o seu primeiro Imperador não acha raio de luz mais fulgente na sua sempiterna aureola do que a Constituição collocando-o no numero dos deoses da humanidade.

E os seus inimigos o appellidárão despota!

Deu-lhes a independencia , deu-lhes a liberdade , que mais querião desse cavalheiro? A corôa ! bramava o demonio da anarchia nos antros das conspirações , — a corôa !

Espera , monstro das trévas , ainda não é tempo : a missão desse heróe não tocou o seu termo : elle abdicará duas corôas e não admittirá uma terceira , grande , gloriosa , antiga , que , em 417 da éra christãa , depositou no seu ataúde Ataulpho I rei godo ; que entregou aos seus descendentes , em 737 , Pelayo , rei de Asturias ; que legou Ordonho II , rei de Leão , em 923 , a seus filhos ; que cingio a fronte de Fernando I , rei de Castella e Leão , até o anno 1067 ; que herdou Sancho III em 1158 ; que adornou o throno de Fernando II , em 1188 ; que santificou até 1252 S. Fernando III , rei de Castella e Leão ; que illustrou Isabel a Catholica até 1504 ; que glorificou Carlos I de Hespanha até 1558 ; e que estava vacillante em 1832 (*).

Espera : D. Pedro de Alcantara , duque Bra-

(*) O autor teve em seu poder uma carta, escripta por D. Juan Alvarez Mendizabal a um general hespanhol , em que asseverava o ministro que foi depols de D. Maria Christina de Bourbon, governadora do reino , que D. Pedro não queria annuir aos votos dos que desejavão acclama-lo o rei das Hespanhas.

gança , quer e deve merecer por inteiro o renome de Libertador e Defensor Perpetuo do Brasil ; porque é mais cavalheiro do que rei.

Pernambuco em 20 de Março arvora o pendão da ridicula Confederação do Equador ; a provincia Cis-platina recebe no porto das Vaccas os Trinta e Tres Orientaes , o Defensor Perpetuo do Brasil declara a guerra em 10 de Dezembro ás Provincias Unidas do Rio da Prata : esta declaração prova que é mais cavalheiro do que rei.

Paremos por uns momentos no anno 1825. Ha dous factos memoraveis que prendem a attenção do historiador.

El-Rei D. João VI reconhece solemnemente, pelo Tratado e Convenção de 29 de Agosto, a independencia do Brasil e declara em 5 de Novembro ao povo brasileiro que cede a seu filho de facto já Imperador de um paiz independente, os seus direitos sobre o novo Imperio : e nasce o augusto Sr. D. Pedro II em 2 de Dezembro.

Abreu e Lima observa no seu *Compendio da Historia do Brasil* que « erão de facto independentes os brasileiros porque havião arrojado do solo patrio até o ultimo soldado portuguez , que dominavão na terra e nos mares ; e todavia trocárão os seus louros da victoria por uma carta de

alforria, comprada por dous milhões de libras esterlinas.

« Sem embargo, não devemos criminalar a D. Pedro, nem seria justo attribuir-lhe sentimentos de degradação, entretanto que se tinha mostrado muitas vezes digno do throno que lhe havíamos offerecido. Circumstancias bem melindrosas o obrigarão a ratificar estas peças, que por fim tambem o fôrão por D. João VI, ainda mais a seu pezar (*). »

Reconhecida solemnemente a independencia do Brasil *ex jure et facto*, estava terminada por D. Pedro I uma grande tarefa; mas Deos, nos seus impenetraveis arcanos, quiz provar aos homens, com o nascimento do Principe D. Pedro de Alcantara, que olhava com especialissima attenção os destinos deste povo, e de seu imperador.

D. Pedro I, recebendo nos seus braços o imperial infante, exclamou no intimo do seu coração, como o pai de Alexandre o Magno: — « *regis filius commodiùs, quàm rex ipse, potest animos demereri plebis.* »

(*) Historia do Brasil, cap. VII, § V.

III

A rapidez dos acontecimentos no reinado do primeiro Imperador é tão espantosamente extraordinaria, que o homem mais versado na leitura da historia fica abysmado, contemplando o torvelinho das cousas, a actividade sobrehumana do principe, as circumstancias prosperas e adversas dos negocios interiores e externos, e a energia, força de vontade e abnegação do heróe que é o branco de tantas e tão grandes contradicções. Um homem vulgar teria succumbido aos primeiros tremendos golpes da leve fortuna.

Em 3 de Fevereiro sahio para a Bahia D. Pedro I afim de tranquillisar os animos daquella heroica cidade, que ferverião em odio contra os máos portuguezes, cuja agitação acalmou a sua presença; e em 4 de Março do mesmo anno 1826, João VI, rei de Portugal, foi atacado de apoplexia e epylepsia ao mesmo tempo, e sentindo que o fim dos seus dias se approximava, em 6 do mesmo mez assignou um decreto pelo qual encarregava do governo do reino a infanta D. Isabel Maria, os conselheiros de estado, cardeal patriarcha eleito, duque

de Cadaval, marquez de Villada, conde dos Arcos e os ministros.

João VI no momento supremo da morte protestou deste modo contra as tendencias retrogradadas da rainha D. Carlota de Bourbon, e expirou no seu palacio de Bemposta em 10 de Março.

Por direito de primogenitura a corôa de Portugal pertencia a D. Pedro.

O brigue *A Providencia* trouxe esta triste noticia ao Brasil, sorprendendo o imperador no seu regresso da Bahia ao Rio de Janeiro, e collocando-o em circumstancias melindrosas e excepçionaes.

Com effeito, era um compromisso mais accrescentado aos muitos que rodeiavão o joven principe.

O Brasil precisava delle então mais do que nunca; pois estava empenhado n'uma guerra de honra — embora impopular — contra as Provincias-Unidas do Rio da Prata e a Banda Oriental.

Duas corôas erão para elle um peso? Não. Mas resolverião os dous paizes ser governados como dependencia um do outro? A politica dos gabinetes europêos quereria privar á causa monarchica do grande apoio que recebia do character energico e firme de D. Pedro? Não teria sido mais prudente esperar do tempo uma separação mais absoluta

entre o imperio e o reino, para desse modo extirpar ciumes de pais e filhos? Brasileiros e portuguezes fazião estes, semelhantes ou peiores calculos; mas é porque ainda não conhecião a alma generosa do cavalheiro-rei, que era, e havia de ser seu libertador e general.

D. Pedro era tão magnanimo quão pouco conhecido pelos seus cegos contemporaneos. Eis-aqui a conducta de Pedro I do Brasil e IV de Portugal.

Sir Charles Stuart, commandante da fragata ingleza *The Diamond*, que chegou ás aguas do Tejo em 7 de Julho do mesmo anno, era portador dos seguintes decretos que Pedro IV de Portugal, dictava do Rio de Janeiro, sendo primeiro Imperador do Brasil.

Estude-se attentamente a ordem chronologica das datas, o seu conteúdo, a magnanimidade que exhalão e o mais irreconciliavel e fanatico dos seus adversarios forçado ver-se-ha a confessar que tão nobre, tão cavalheiro, tão brasileiro, póde-se ser, mais do que elle ninguem o foi, nem será.

Em 19 de Abril concede ao povo portuguez uma constituição, que nada inveja á ingleza — da qual tomou o melhor e mais applicavel a seu antigo paiz — e que é superior a muitas outras que regem outros povos.

Os seus inimigos têm chegado , no vertice do odio, a acoimar de plagiato a Carta de Pedro IV, e de querer attrahir a si as sympathias da Inglaterra : era este principe de um character tão elevado que não póde roçar nem de leve a sua honra esta infame supposição.

D. Pedro IV não podia perdoar o tratado de Methnen , feito por Pedro II em 1703 , que tornou Portugal uma colonia ingleza : Pedro IV havia estudado mais do que imaginárão os seus detractores, e era eminentemente latino , como o provou até os ultimos instantes da sua existencia.

Em 26 de Abril, por outro decreto, datado do Rio de Janeiro , reconheceu a regencia nomeada pelo seu pai, e outorgava-lhe poderes para governar até a installação da que devião eleger as côrtes , segundo a Carta.

Em 27 de Abril concedeu uma amnistia a todos os perseguidos por opiniões politicas.

Em 30 de Abril nomeou os pares do reino , ordenou proceder-se ás eleições dos deputados , e , emfim , em 2 de Maio abdicou a corôa de Portugal em favor de sua excelsa filha D. Maria da Gloria , princeza do Grão Pará — de 7 annos de idade — promettendo-a em casamento a seu irmão D. Miguel.

Seguindo esta série de documentos vê-se o homem

politico, amante da liberdade, respeitoso filho, humano, cavalheiro e desprendido de ambição.

O satan da anarchia que bramára furioso : a corôa ! ahi a tem ; espere, porém, porque o herôe da independencia do Brasil e da sua liberdade , é ainda necessario ao Imperio , para a honra e gloria de seus habitantes.

IV

Acabava de tranquillisar uma das suas provincias, quasi contava com a pacificação de todo o Imperio, acariciava a paz e liberdade de Portugal sob o sceptro suave de sua filha , unida como Maria I a seu tio , quando , reunida a primeira legislatura ordinaria do paiz , torna-se necessaria a sua presença na provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul ; porque a inactividade dos generaes de terra e mar nas aguas do Prata desacredita naquellas paragens as armas brasileiras. Corre risco a honra nacional, ameaça o estrangeiro a integridade do Imperio, enfraquece o patriotismo dos seus mandatarios, que trocãõ as espadas de honra pelos prazeres das cidades ahi apresenta-se o imperador que parece ter recebido de Deos o dom da ubiquidade.

Se Pedro I houvesse empreendido a guerra contra as Províncias-Unidas do Rio da Prata, com a sympathia do povo, esta viagem teria levado os limites do Imperio até ás margens daquelle rio; porque os factos posteriores provárão que, mesmo sendo impopular a guerra cis-platina, venceu o Imperio em 1828.

Durante a visita imperial á provincia do Rio-Grande, acontecêra na cõrte o fallecimento da imperatriz, que expirou no dia 11 de Dezembro, — um anno e nove dias depois de ter dado á luz o principe, que rege na actualidade os destinos desta terra.

Era a Sra. D. Carolina Josepha Leopoldina, se não formosa de corpo, bella de virtudes, amavel, muito lida, munificente, e mui querida do povo.

Esta excelsa senhora, — espelho de esposas e modelo das mãis, — merecia não só o amor do Imperador, se não a sua profunda adoração.

Em 15 de Janeiro de 1827 entrou D. Pedro I na capital do Imperio, de volta da sua excursão ao Rio-Grande: e da morte da imperatriz ao dia 7 de Abril de 1831, os intervallos de paz, de contentamento, de tranquillidade forão contados; não obstante, é preciso confessar que não perdeu este principe um unico momento para procurar a felicidade do paiz.

Os revezes e desastres do Rio da Prata, em 1827, fôrão compensados pela convenção, não ratificada pelo governo de Buenos-Ayres, que celebrou o ministro plenipotenciario daquela republica, D. Manoel José Garcia; pois fez ver patentemente que não erão os imperiaes os que pedião a paz, senão os argentinos.

D. Pedro que nada esquecia, tratando-se do Brasil, creou em 16 de Abril a ordem de Pedro I, Fundador do Imperio, em commemoração da época em que foi reconhecida a independencia.

Era o principe — defeito de cavalheiro — prodigo nestas distincções honorificas, e esquecia a miudo que a profusão das honras as torna mui repetidas vezes pouco estimadas.

Em 8 de Janeiro de 1827 celebrou-se entre o Brasil e a França um tratado de amizade e mutuas garantias, com alguns artigos perpetuos, e em 10 de Outubro de 1827 outro de commercio e navegação com a Inglaterra.

Torna-se necessario para o historiador fazer especial menção deste tratado; por ter dado azo á questão do trafico de escravos, que tão infelizmente atormentára o Imperio até o anno de 1850, e continúa ainda tão injusta quão illegalmente a ser da parte da Inglaterra uma nodoa para o Brasil.

V

O anno de 1828 devia ser de aziagas sensações para o povo e o Imperador.

As tropas estrangeiras, enroladas nas bandeiras nacionaes, accumuladas na côrte, por motivos alheios aos brasileiros, se sublevárão, commettendo os indisciplinados e sediciosos toda a classe de attentados.

O povo que soffria por mais de 48 horas o baldão dos desmandados estrangeiros, pegou em armas e, unido á tropa brasileira, dominou a sedição, não sem correr sangue dos sublevados.

D. Maria II de Portugal deixou o Rio de Janeiro em 5 de Julho, acompanhada pelo marquez de Barbacena, a quem fôra confiada pelo imperador, com instrucções para leva-la á côrte de Vienna perto de seu augusto avô; porém este palaciano preferio confia-la á protecção da Gran-Bretanha, que nada fez pela augusta princeza.

As camaras nos seus debates parece que se comprazião em desgostar o imperador, e para cumulo de infortunio, veio o vice-almirante francez, M. de Roussin, — mandado por um Bourbon —, com os

morrões acesos, pedir dentro da nossa bahia a restituição immediata dos navios tomados no Rio da Prata pelos lenhos de guerra brasileiros.

O Imperador foi nesta conjunctura mui prudente; porque embora o insulto feito á dignidade nacional merecesse uma resposta, qual o povo, as camaras e o mesmo reinante querião dar e derão ao estrangeiro descortez, achava-se o Imperio em circumstancias mui espinhosas no Rio da Prata e mesmo no interior.

Acontecia este transtorno em 6 de Julho, e em 27 de Agosto do mesmo anno celebrava o Imperio a convenção de paz com as Provincias-Unidas do Rio da Prata, convenção que deu a independencia ao Estado Oriental do Uruguay sob a garantia do Imperio. Este grande homem tinha o dom de libertar os povos, que com elle tratavão, da escravidão e do jugo dos prepotentes.

Sahir com honra desta desgraçada guerra, e sahir, dando a independencia a um povo americano, é ter a maior ventura; pois restabeleceu desta guisa a paz no seu paiz, e captou a gratidão dos homens sensatos da nação que existe pela sua previdente politica.

Durante todas estas peripecias, o Imperador teve a infelicidade de não seguir os seus impulsos de

cavalheiro, e deixou-se arrastar pelos calculos dos adutores que o circumdavam.

É uma fatalidade, annexa á realza, ter necessidade de ver muitas cousas publicas pelos olhos dos que exercem o poder em seu nome.

Os ministros do Sr. D. Pedro I erão impopulares; mas o imperador tinha provas manifestas da *sympathia* que inspirava a sua pessoa.

Muitos serião os factos que em apoio desta verdade poderia apresentar o historiador; vê-se, porém, forçado a seguir a torrente das circumstancias.

O seu irmão, D. Miguel, faltando a todos os compromissos contrahidos para com Pedro IV, em 26 de Fevereiro de 1828, entrega-se nos braços de sua mãe.

Nos primeiros dias de Março do mesmo anno, o palacio da Ajuda — residencia de D. Miguel e da rainha viuva —, retumba com as vozes — abaixo a Carta! Viva el-rei absoluto! O governo encastellase nas evasivas, e não dá satisfação destes desmandos á verdadeira opinião publica; o conde do Rio-Pardo, fanatico absolutista, é nomeado ministro da guerra; o governador da Extremadura portugueza é insultado pelos partidarios do usurpador; os regimentos da guarnição recebem ordem de não tocar mais o hymno constitucional; o governo e o povo abração as idéas de D. Carlota Joaquina de Bourbon.

D. Miguel dissolve as camaras em virtude, segundo elle manifesta ao povo, dos poderes que outorga-lhe a constituição! e em principios de Abril é proclamado rei absoluto.

Lisboa e o Porto são ainda leaes á causa constitucional; mas no dia 26 de Abril — anniversario da rainha viuva — grupos mysteriosos de homens, espalhados pela capital e adornados com fitas azues e encarnadas, bradão: Viva D. Miguel—rei absoluto! abaixo a constituição! e desde aquelle momento desconhece-se a legitima autoridade.

Se D. Pedro se achasse em Portugal, não vencerão os seus inimigos, não destronarão sua excelsa filha; mas este heróe, mais cavalheiro do que rei, era necessario ainda no Brasil; não obstante a sua grande intelligencia, embora afastada dos subditos da sua filha, fica na altura do seu genio, e este ha de vencer.

A immortal cidade do Porto é a derradeira que succumbe aos traidores: dez mil soldados do usurpador perjuro apoderão-se della. D. Maria II não é mais rainha de Portugal: as côrtes illegaes de Lamego assim o declaram.

Emquanto acontecião estas tristes occurrencias no outro lado do Atlantico, chega ao Rio de Janeiro a innocente e augusta rainha despojada do throno

dos seus antepassados por um tio, pelo irmão de seu pai, pelo promettido companheiro do thalamo conjugal, e com ella vem a segunda imperatriz do Brasil, a Sra. D. Amelia, augusta filha do duque Eugenio de Leuchtemberg, principe de Eichstædt, casada por procuração em 2 de Agosto, e em pessoa em 17 de Outubro de 1829, com S. M. o Imperador.

O povo brasileiro amava o Sr. D. Pedro. A imperatriz foi festejada, acolhida com delirante entusiasmo, celebrada com sincera admiração: a imperatriz era bella, era amavel, era interessante, sabia que o imperador era cavalheiro, e elle mostrou-se para com ella, como quem era.

Consagrou o seu amor e fidelidade, instituindo a ordem da Rosa, para celebrar a época do seu casamento com a Sra. D. Amelia.

Deos podia ter-se amerceado do Brasil: Dous anjos mais de candor e virtude ornavão o palacio de S. Christovão; o imperio estava em paz honrosamente com os estrangeiros; uma nova éra de venturas lhe sorria á esta terra abençoada de Deos, e digna de gozar de uma tranquillidade, necessaria para o seu futuro; mas o demonio da politica jurára anarchisar o paiz; bramára desapiidado: quero outra corôa! E a voz de Deos bradou na eternidade: Te-la-has!

V

O pensamento dos homens é mesquinho, quando esquecidos da sua pequenez ousão dictar á Providencia as regras dos seus destinos.

Deos desatou em 1830 as legiões anarchicas do averno, e espalharão-se pelo globo sanhudas e destruidoras.

Carlos X desapareceu do throno ao primeiro assopro da ira de Deos, e este acontecimento retumbou nos quatro angulos da terra.

O Brasil que, por desgraça, tem recebido sempre a repercussão dos successos que enlutarão a Europa em annos transactos, commoveu-se.

Ainda estava fresco o sangue do visconde de Camamú, assassinado na Bahia: ainda ouvia-se no recinto das camaras o echo da moderada e sábia falla do encerramento; ainda não estavam murchas as rosas do casamento imperial; ainda....

S. Paulo, Pernambuco, Bahia, o mesmo Rio começárão a embravecer; a imprensa desconheceu as raias da propria dignidade, e, como diz Abreu e Lima: (*) « as palavras de moderação na boca do

(*) Historia do Brasil, cap. VII, § VII.

Imperador fazião verdadeiro contraste com o estylo violento e sarcastico dos *diarios*, que tinhão chegado ao ultimo ponto de exaltamento, e até de insolencia; porque não só atacavão a pessoa sagrada do monarcha, como a mesma Constituição em suas bases fundamentaes: começou-se por prégar a federação, e acabárão proclamando a republica.

« A vida, a honra, o lar domestico, nada havia de sagrado para os follicularios, que tinhão invadido a sociedade, como um enxame de gafanhotos, e nos seus delirios arrojavão de si toda a immoralidade de que se achavão dominados.

« A bem tristes provas esteve, em toda essa época, sujeito o Fundador do Imperio; e comtudo seu animo generoso e inabalavel não se doia por si, senão pela patria e pelos brasileiros, de quem se julgava verdadeiro pai.

« Por esta fórma tornou-se o governo nominal, sem respeito algum na côrte nem nas provincias, impopular até a exageração, alfim desprezado e aborrecido. »

Não deve estranhar a posteridade que o historiadorepita ainda, antes de terminar este esboço, que o immortal D. Pedro I era mais cavalheiro do que rei.

Continuemos.

Uma das valvulas da vitalidade do Imperio, a provincia de Minas-Geraes, deixou-se seduzir — a quem não faz aberrar a anarchia trajada de liberdade! — pelas mentidas apparencias, e esqueceu-se do dia 25 de Março de 1822, ou para melhor dizer, o máo genio do Brasil lhe fez lembrar aquella época.

Suas Magestades Imperiaes e o ministro Maia sahirão do Rio de Janeiro para a capital de Minas em 30 de Dezembro de 1830.

D. Pedro convenceu-se — porém já tarde — de que os homens que o rodeiavão erão impopulares, e de que o seu prestigio havia desgraçadamente sido solapado pelos baixos adutores.

A sua firmeza de character — tão laudavel em outras circumstancias — era nos momentos criticos por que passava, a peor das suas altas qualidades.

O convencimento intimo das suas boas intenções o tornava tenaz: a ingratição dos seus amados povos, — ingratição que não era á sua pessoa dirigida senão aos homens que o precipitárão na impopularidade, — o exasperava: elle era capaz de tudo fazer para o povo; mas não consentia o seu nobre orgulho, ferido no mais sagrado, vêr-se forçado pelo povo a transigir com a anarchia. Os insultos e faltas de acatamento que diariamente lhe dirigião e pra-

ticavão os exaltados patriotas, despertarão no seu magnanimo coração a fraqueza dos reis — a idéa da regia dignidade offendida, — e no meio do torvelinho das circumstancias esqueceu-se de que o povo é cego, quando os reis são myopes para enxergar os verdadeiros inimigos da gloria e prosperidade nacionaes.

D. Pedro determinou proclamar ao povo, dando este brado de guerra de Ouro-Preto, em 22 de Fevereiro de 1831.

A estrella do monarcha havia empaldecido: nesta proclamação a historia desconhece a intelligencia do Imperador.

Desafiou as iras do povo, exasperado pela facção portugueza, que aproveitava todos os ensejos, para chamar a si o principe; pois delle carecia então mui especialmente, e o povo vio fantasmas, onde só havia o egoismo de alguns homens ingratos ou hallucinados.

O leitor imparcial dos *diarios* dedicados ao Imperador fica assombrado da sua falta de intelligencia, das suas enfiadas de versos eucharisticos mal cabidos, da sua frieza logica, da sua inepecia em defender a verdade.

Aos ataques terriveis, continuados, desabridos dos periodicos revolucionarios, que sonhavam em

federações, republicas, e anarchia, respondia-se com estrophes fofas, com transcripções insulsas, com polemicas pessoaes. O governo não tinha força, ficava inerte, não era governo.

D. Pedro estava irritado pela ingratidão dos mesmos que elle levantára do nada ao auge das honras, e teve a fraqueza de enunciar, na viagem de regresso da provincia de Minas-Geraes, o pensamento da sua abdicação.

O Imperador era homem : a presença da imperatriz — que o amava com paixão — era um espectaculo que o seu caválheirismo não podia ver com coração indifferente.

A anarchia queria uma corò : designava a sua com dedo satanico.

A proclamação de Ouro Preto e a intenção de abdicar o throno, manifestada na triste viagem, aviárão a furia dos seus inimigos, e espalharão que havia-se decidido a regressar a Portugal para reinar entre os seus. Este boato tomava proporções gigantescas pelas demonstrações dos portuguezes depois do dia 11 de Março.

Não recordaremos as noites dos dias 13 e 14 do mesmo mez, nem a do dia 25, anniversario do juramento da Constituição, em que fez ver o seu character de cavalleiro nas palavras « sou e

fui sempre constitucional ; » nem outras muitas scenas que apregôão altamente a sua grandeza de animo.

Achamo-nos em 6 de Abril neste trecho da narração: este dia e esta noite vão revelar á posteridade o heróe por inteiro, o cavalheiro por antonomasia, o neto dos reis de Portugal.

O povo, essa victima da ambição dos demagogos, esse degráo do orgulho dos tribunos, esse pedestal das glorias dos filhos do nada, estava fanatisado pelos rapidos, desgraçados, e tristes acontecimentos que a pericia dos malevolos sabia colorir a seu geito; vio na demissão do ministerio um novo élo accrescentado á cadêa do imaginario despotismo, e reunio-se no campo da Acclamação, vociferando que queria a reintegração do ministerio, — cuja impopularidade aliás os mesmos coryphêos da revolta proclamavão, havia muitos mezes.

O povo é audaz, porque não é intelligente; é audaz, porque é sincero, é audaz, porque deixa-se seduzir pelos que não apresentam o seu corpo ás balas; o povo, pois, n'um arrebatamento de patriotismo mal entendido, exigio do Imperador, por intermedio de tres juizes de paz, que reintegrasse os membros do demittido gabinete. D. Pedro res-

pondeu: « Tudo farei para o povo, mas nada pelo povo. »

O povo não comprehendia que o character de um rei não é o de um particular.

Esta resposta de cavalheiro, este dito de um Bragança, digno descendente de João IV, foi o signal da mais ingrata das sedições, em que o Libertador do Brasil foi trahido por todos, começando pelo exercito que elle creára e colmára de provas da sua real e inesgotavel munificencia.

Se a tradição não contasse com um numero tão avultado de testemunhas, seria difficil acreditar em tão negro procedimento da parte dos homens daquelles tempos.

O philosopho, conscio da fraqueza do coração humano, se não admira de ver factos semelhantes na historia dos povos; o que pasma-o, porém, é contemplar a dignidade, sangue frio, nobreza de character e elevação de alma do objecto dessas traições.

Abreu e Lima, e Armitage, copiando-se um de outro, descrevem os ultimos momentos do poder do Imperador nestes termos:

« O batalhão de S. M. I., que estava aquartelado em S. Christovão tambem foi reunir-se no campo, onde chegou pelas onze horas da noite;

quando D. Pedro soube esta deserção , disse com muito sangue frio : « *Fez bem, que se vá reunir aos seus camaradas no campo ; não desejo que alguém se sacrifique por mim.* »

« Depois disto mandou elle mesmo que o regimento de artilharia montada , que se achava no pátio da Quinta , fosse igualmente reunir-se aos outros corpos ; e assim prevenio qualquer desaguisado que a divergencia entre a tropa poderia produzir. Deve-se confessar que nesta occasião D. Pedro mostrou uma dignidade e grandeza de alma de que não usára nos dias da sua prosperidade (*).

« Finalmente , vendo o Imperador o aspecto serio que tomavão as cousas , atormentado , irritado e fatigado em extremo , julgou que era necessario ceder ás circumstancias , e pelas duas horas da manhã sentou-se , e sem pedir conselho a ninguem , sem mesmo informar o ministerio do que havia resolvido , escreveu a sua abdicção nos termos seguintes :

(*) Não admittimos esta reflexão ; porque o Sr. D. Pedro f em toda a sua carreira publica — apezar do seu genio vivo e impetuoso, — não manifestou uma unica vez falta de dignidade , nem carencia de sangue frio. A personagem , a quem se dirige este paragrapho , póde , como homem , na sua vida privada , mostrar fraquezas de outra especie ; mas nunca mostrou-se sómenos em publico á sua dignidade.

« Usando do direito que a constituição me concede , declaro que hei mui voluntariamente abdicado na pessoa de meu muito amado e prezado filho o Sr. D. Pedro de Alcantara.

« Boa-Vista em 7 de Abril de 1831 , decimo da Independencia e do Imperio. »

« Levantou-se então , e dirigindo-se para o major Frias apresentou-lhe o decreto, dizendo-lhe, com as lagrimas nos olhos : — *Aqui está a minha abdicacão ; desejo que sejam felizes ! Retiro-me para a Europa , e deixo um paiz que tanto amei e ainda amo.* »

« Feito isto, D. Pedro recobrou toda a sua serenidade ; voltou para a sala onde estava a imperatriz , acompanhada dos embaixadores francez e inglez : despedio os seus ministros e , por um decreto , que datou do dia antecedente — 6 de Abril, — nomeou tutor e curador de seus quatro filhos , que ficavão no Brasil, a José Bonifacio de Andrada e Silva. »

A transcripcão da ultima scena da vida publica do Imperador carece de algumas reflexões , nascidas da mesma natureza do facto.

Os inimigos desse cavalheiro, que acaba de abdicar a segunda corôa , não puderão , nem pode-

rão negar que o procedimento do Imperador nesta conjunctura é superior a todo encomio.

Nada mais facil do que haver montado a cavallo, tirar a espada da bainha, collocar-se á frente do regimento de artilharia montada, que lhe era fiel, e immediatamente ver-se seguido por uma multidão de partidarios, semeando de cadaveres as ruas da cidade, e salpicando com o sangue os degrãos do throno: o Imperador teria vencido, que o digão os homens que presenciárão os factos. Nada mais facil do que retirar-se para a Europa com todos os seus filhos, e deixar o Brasil entregue á mais espantosa anarchia.

Os inimigos desse cavalheiro nobre, generoso, leal, e immortal disserão depois que elle se não tinha decidido a tomar como sua a causa de sua filha augusta, senão nos extremos lances da sua adversa fortuna, quando as circumstancias, que acabamos de narrar, obrigárão-o ir á Europa.

A malevolencia, a injustiça, a inveja que desenfreadamente desfigurárão os factos, não consultarão a logica nem a razão.

Não só lhe quizerão tirar o merecimento de ser o unico e verdadeiro pai da independencia e liberdade do Brasil, mas tambem, sahindo do Rio de

Janeiro para ser o adalid de sua filha, o soldado da legitimidade, quizerão tirar-lhe este louro.

Em 1826, quando abdicou a corôa em D. Maria II; não podia, sem comprometter os interesses do Imperio, deixar esta terra que elle levantára á categoria de nação; porque o Brasil achava-se empenhado n'uma guerra de honra com as republicas vizinhas, de que elle podia ser o pacificador. O Imperador era mui brasileiro. (*)

No acto da abdicação da segunda corôa, estando a bordo da náó *Warspite*, não ficou satisfeito até o dia 9 de Abril, em que vio pelos seus proprios olhos o enthusiasmo popular pela elevação de Pedro II ao throno.

A historia deve consignar neste lugar a verdade; Pedro I não foi victima dos demagogos da anarchia, soube, sim, se aproveitar das circumstancias para deixar á posteridade esse modelo de abnegação e desprendimento.

De facto, os brasileiros não o depuzerão do throno, não lhe negarão a obediencia, e para conservar a corôa do Brasil, não havia de fazer grandes sacri-

(*) O autor tem no seu poder muitas cartas authographas do excelso Duque de Bragança, que provão patentemente o amor filial que professava ao Brasil, mesmo em Portugal.

fícios o seu amor proprio ; elle, porém, não queria ceder á pressão externa a minima cousa.

Bem considerada a situação do Brasil nos momentos da abdicação, não houve, como os seus inimigos têm querido fazer acreditar, da parte do augusto principe, nem fraqueza, nem indiferença ; pois entregou seu filho a homens, cujas idéas em geral não são as suas a respeito de politica ; mas que elle considerava leaes e capazes de collocar o Brasil na esphera a que a Providencia o destinára.

O acto solemne de nomear tutor do imperador menino a José Bonifacio de Andrade e Silva, é uma prova incontestavel do criterio de Pedro I.

A historia não deve estabelecer parallellos ; mas deve dizer a verdade.

A independencia do Brasil, e o primeiro reinado não produzirão um varão mais integro, mais illustrado, mais admirador do seu libertador, mais moral, mais digno de acatamento do que esse veneravel procer da patria.

Pedro I confessou com este acto que *« peccata sua agnoscere et corrigere principi decorum est. »*

Conhecia o Imperador tão profundamente o character cavalheiroso do povo brasileiro que não hesitou nem um momento em confiar o thesouro do seu coração, a esperanza da dynastia de seus maio-

res, aos cuidados, protecção e guarda desse povo que tão amado por elle foi.

Paginas desta magnitude moral honrão a historia dos povos que têm a dita de consigna-las nos seus annaes.

Se o Brasil não houvesse tido a ventura de possuir um Pedro I, seria na actualidade victima do despotismo mais espantoso; e se aquelle immortal principe não tivesse reinado sobre um povo tão nobre e sisudo, os Braganças não verião os seus dragões no solio diamantino.

Além disto, um principe de seu character, de sua energia, de uma vontade tão robusta, de uma intrepidez tão pouco commum, não podia ficar impassivel á vista das desgraças do reino de sua filha, e veio em seu soccorro, quando o Brasil não carecia mais dos seus grandes serviços, e quando Portugal não via mais salvação do que na sua espada.

A historia imparcial ha de tributar justiça ao triumpho esplendido de Pedro de Bragança nestas memoraveis lutas.

O seu valor, a sua dedicação ao Brasil, a Portugal, a seus filhos, as suas intenções puras e leaes, serão proclamadas pela historia como trophéos desse heróe, e dirá ás gerações futuras: esse immortal Bragança fez tudo pelos seus povos, deu corôas, e

vida por elles ; mas se não curvou diante das exigencias da plebe : corôou a sua obra penosa, perduravel , sem retroceder, sem enfraquecer, confiando sempre na sua invencivel espada e nos seus sagrados direitos.

Assim não é para maravilhar que encontrasse na Inglaterra, França, Hespanha, Italia e em todas as partes, nobres e plebeus, ricos e pobres, americanos e europeus, liberaes e realistas; companheiros de armas, de glorias e fadigas, que abraçassem com entusiasmo a sua causa : porque o denodo, a magnanimidade achão admiradores em todos os paizes, e a fidalguia é sympathica a todos os homens de coração.

A sua delicadeza e amor pelo Brasil chegarão ao extremo de responder a um monarcha europeu que lhe perguntava ; porque não conservou a corôa do Brasil? que se tivesse elle ficado no paiz da sua adopção, ter-se-hia visto forçado a sacrificá-lo por sua filha, e elle preferia a escuridão do proscripto a gravitar sobre os povos por elle libertados.

A abdicação do Imperador é o pedestal mais duradouro da sua gloria. Os brasileiros, levantando esse monumento á memoria de Pedro I, Imperador Constitucional, Defensor Perpetuo, libertador e pai da patria, resarcem com usura os dias melanco-

licos dos ultimos mezes da sua residencia nesta terra de Santa-Cruz.

Resôe nos quatro angulos do vasto Imperio o brado *Gloria sit duci merces*. (*)

Os vindouros e os estrangeiros que nos visitarem de hoje em diante, exclamarão, olhando para essa estatua que apresenta ao povo brasileiro a sua independencia; *Quid mirum, si re pulcrâ, pulcrè utantur, justitiâ?*

(*) Manio Curio, Paulo Emilio e Catão o maior não acharão um elogio mais pomposo para os herões romanos.

ESBOÇO TERCEIRO

Cervorum cohors est terribilior duce
leone, quàm leonum, cervò.

(CHABRIÆ DICTA, APUD PLUTARCHUM.)

I

À distancia de 266 leguas maritimas das costas portuguezas, no meio do Atlantico, acha-se o importante archipelago das ilhas dos Açores, baluarte da liberdade lusitana, e asylo da lealdade. A ilha Terceira é a rainha das finas perolas do diadema real da casa de Bragança.

Depois da usurpação de D. Miguel, só as tropas estacionadas na Terceira tinham continuado, juntamente com o povo, fieis á rainha.

O denodado conde de Villa-Flôr, o marquez de Palmella e o Sr. Guerreiro formavão a regencia, e em 4 de Agosto de 1831 fôra proclamada D. Maria II rainha na ilha de S. Miguel.

A corveta ingleza *Volage* tocou no Fayal e a fra-

gata franceza *La Seine* passou quiçá perto daquellas aguas no momento em que era acclamada com enthusiasmo rainha constitucional de Portugal a angelica D. Maria, que dirigia-se com seu augusto pai para portos de França.

D. Pedro, Duque de Bragança desembarcou em 9 de Junho em Falmouth, e a duqueza do Porto em Brest em 15 de Julho.

A missão do inelyto duque é sympathica: o homem que aos 33 annos tem abdicado duas corôas, que apresenta-se como soldado de sua filha, menor de idade, que não conta com mais recursos do que a sua intelligencia, valor, honra, coração e direito, deve attrahir a attenção, o respeito de todos os povos civilisados.

Pelo conteúdo das cartas autographas que tem no seu poder o autor deste escripto, e pelas datas é incrível a actividade do Duque de Bragança. (*)

(*) As datas são de Londres 18 de Julho de 1831 : id. — 9 de Agosto:— Chateau de Meudon (França) 6 de Setembro : Pariz, 26 de Novembro do mesmo anno. Dirigidas pelo augusto senhor a um amigo intimo, são estes preciosos documentos a historia epilogada dos seis mezes primeiros da sua residencia fóra do Brasil, e revelão, á par dos seus planos para o futuro, uma alma liana, generosa, sublime e de uma tempera heroica. O autor promette citar textualmente alguns dos seus mais interessantes trechos. Não é para extranhar que os amigos de D. Pedro I sejam ainda hoje seus ardorosos admiradores.

Em 17 de Julho D. Pedro e sua augusta familia partirão para Londres.

A presença do Duque de Bragança na capital da Gran-Bretanha, deu assumpto a mil noticias. Uns dizião que ia contrahir um emprestimo de 71,500,000 francos para levar á Lisboa a regencia que se achava na ilha Terceira: outros asseveravão que o duque ia commandar em pessoa as tropas da expedição: elle não dormia: chamava a Palmella, Mozinho e outros homens distinctos que estavam em Paris, e o movimento que a sua presença imprimio nos circulos politicos indicava que não estava longe a execução de um plano bem combinado em favor da rainha.

Os homens não sabem os arcanos da vida de um principe tão grandioso quão pouco conhecido. Todos acreditavão que, porque vinha do Brasil, tinha osdiamantes a saccos para dar e vender! Os seus adversarios dizião que trouxe do Imperio um monte de ouro. Ouça-se a verdade: é o Duque de Bragança quem falla:

« Londres, 9 de Agosto de 1831. — Meu amigo verdadeiro..... Eu estou bom, a Imperatriz outr' hora, hoje duqueza de Bragança, váe bem com os seus 5 mezes. a rainha boa, e mui crescida: a sua causa não sei como váe, pois....

« Por estes 7 dias parto para França, pois Londres é mui caro, e eu não posso com a despeza apesar de andar com um prumo na mão : veremos se em França será melhor. Vou vender a minha prata e as joias para fazer hum fundo, para poder viver, e andar de camisa branca e engomada sem dever a ninguem cousa alguma.... —Seu amigo de coração.—*Pedro.* » (*)

Eis-ahi a verdade, eis-ahi as riquezas que levou do Brasil o seu libertador !

Mas a Providencia tinha reservado a um hespanhol de muito talento, e immensos recursos, de uma actividade espantosa—a João Alvarez e Mendiabal — a subida honra de proporcionar ao Duque de Bragança os meios de poder restaurar no throno lusitano a filha de um soldado heroico.

Em 6 de Setembro achava-se em França o incansavel duque.

A carta que tem o historiador á vista é datada do Chateau de Meudon, e pôr ella consta que seu magnanimo coração estava despedaçado.

(*) O autor, por acatamento á augusta mão que escreven estas cartas, respeita até a orthographia. Si va esta advertencia para as futuras citações, as quaes hão de revelar cousas dignas do excelso personagem, inteiramente novas, e que muito valor encerrã. Entre as muitas cartas autographas que tem a honra de possuir, ha tambem valiosos documentos.

Injustiça clamorosa commetteria o chronista, e réo de lesa posteridade se tornaria se não transcrevesse, sem alterar um til, o trecho que segue :

«...Muito lhe agradeço as boas noticias que me dá de meus Amados Filhos, e igualmente a da approvação do Tutor, que espero que me escreverá afim de aliviar, se he possivel, algum tanto as saudades de meus filhos que dilacerão este meu *inarrebatavel* coração.

« Muito estimo que os negocios publicos vão bem, eu tomo pelo Brazil aquelle mesmo vivo interesse que sempre tomei, e mui principalmente no dia de amanhã, em que faz annos que eu, e eu só declarei no alto da Piranga a Independencia do mesmo Brazil.... — Seu verdadeiro amigo — *D.Pedro*, Duque de Bragança. »

Inclyto, grande, excelso libertador do Brasil, ainda abysmado teu espirito pelos pensamentos serios e acabrunhadores da sorte da tua espada em defesa de uma filha, te lembras com tão repassada saudade do teu Brasil? Principe magnanimo, que jámais pudeste esquecer esta tua patria adoptiva, por cuja ventura não cessas de tomar tão vivo quão nobre interesse, espera, estes teus brasileiros, antes de cumprir-se seis lustros do teu falleci-

mento, immortalisar-te-hão em prova da admiração que lhes inspira a tua magnanimidade (*).

Perdoada esta digressão á justiça da historia, continuemos.

Juan Alvarez e Mendizabal contrahio com effeito um emprestimo em Londres, que põe o Duque de Bragança em estado de entregar-se a um trabalho assiduo com os seus ministros.

Os planos de D. Pedro não são um mysterio para ninguem : os deputados interpellão os ministros no parlamento inglez ácerca da expedição que projecta o ex-rei, e ex-imperador : o governo britannico declara em plena assembléa que adopta a neutralidade mais stricta.

George IV da Inglaterra e Luiz Felipe I, rei dos francezes, e ambos os povos respeitão o heróe chegado do Brasil.

Nos primeiros dias de Novembro deixa o Chateau de Meudon, nas vizinhanças de Nantes, e entra em Paris, onde os diarios de todas as côres esmerão-se em celebrar o Bragança cavalheiro, cujo galhardo talante inflamma o enthusiasmo de todos. cuja con-

(*) Fique sciente a geração actual e a vindoura que o Duque de Bragança assevera positivamente que Elle — ELLE SO' — deu a independencia a este paiz.

A historia é a grande mestra dos homens !

ducta captiva as sympathias universaes , cuja missão colloca-o na esphera dos homens extraordinarios.

Entretanto seu irmão D. Miguel, o usurpador do throno da innocente D. Maria , enche de luto todo Portugal. Humilha a bandeira gloriosa de Affonso Henriques, e dos Braganças : deixa covarde e imprudentemente insultar as fortalezas do Tejo : sofre ignominiosamente que a Inglaterra comece as suas operações hostis nas mesmas aguas de Lisboa, e dá uma satisfação vergonhosa ao governo britannico pela detenção do inglez O'Neill.

Em 6 de Julho quatro náos de linha, duas fragatas, uma corveta e dous brigues largão ferro na enseada de Cascaes a tiro de peça dos fortes do Tejo.

O almirante Roussin ameaça os cáes de Lisboa e ordena a D. Miguel que dê uma satisfação á França dentro de duas horas , do contrario incendia a cidade e reduz á ruina e desolação a côrte dos reis lusitanos.

D. Miguel cede, humilha-se, mancha o pendão dos heróes da guerra peninsular.

Dá a liberdade a Bonhomme, annulla a sentença dos tribunaes, demitte os juizes, dá uma indemnisação de vinte mil francos ao mencionado

individuo, outra de seis mil a Sauvinet, etc., etc., e continúa os seus actos barbaros contra os liberaes.

Sabe a chegada de D. Pedro á França, e os preparativos do governo constitucional da Terceira para dirigir-se para o continente.

Em 21 de Agosto o segundo regimento de infantaria, que está de guarnição em Lisboa, subleva-se contra D. Miguel, e proclama a D. Pedro, a D. Maria II, e a Carta Constitucional: D. Miguel vence nesta conjuntura, e illustra a sua ephemera victoria com cruezas revoltantes.

Os triumphos dos tyrannos assemelham-se sempre a seus favores: são os presentes dos Danaos.

Durante todos estes acontecimentos, o adalid da innocencia, da legalidade, da liberdade de uma rainha e de um povo inteiro permanecia em França, captivando com seu honrado, laborioso, nobre e desinteressado comportamento a amizade de todos os homens de intelligencia e coração.

Que vai fazer? Quaes são as proezas que prepara a sua activa e cavalheirosa intelligencia e bondade de coração?

Os calculos feitos pelos seus amigos e inimigos não têm mais alicerce do que as deducções, as apparencias: até o mez de Fevereiro de 1832 a historia não tem um dado certo; o escriptor,

porém , destas paginas possui os pensamentos intimos do heróe que fórma o objecto da sua narração , e póde seguir com estes thesouros na mão as pégadas do Duque de Bragança.

Eis-aqui uma carta que enche as lacunas da historia de Napier e dos escriptos daquelles tempos :

« Paris 26 de Novembro de 1831.

« Meu verdadeiro amigo. Muito prazer me dá a continuação das suas cartas : ellas me aleviãõ de algum modo as saudades que constantemente me acompanhão de meus queridos filhos , de meus amigos , e de uma patria que adoro e da qual não posso lembrar-me sem que meus olhos se enchão de lagrimas nascidas de hum coração todo Brasileiro.

« Na sua ultima carta de 31 de Agosto me diz estar certo , e mui contente da minha chegada , da boa recepção que me fizerão em Cherbourg , e do bem que de mim dizem o Commandante, officiaes, e tripulação da corveta *Volage* : he verdade que a viagem não foi má mas com tudo a fome sempre nos atormentou , e muito a Senhora Duqueza de Bragança , minha querida esposa que pelo seu estado de preñez chegou miseravel ao Fayal : fui bem recebido em Cherbourg , não tem duvida, e devo

tão boa recepção á bondade deste Povo *verdadeiramente liberal*, e que sabe apreciar, honrando, os homens de bem, cujo procedimento publico não tem macula: quanto ao que Lord Colchester diz de mim, e a tripulação e officiaes da corveta assesto que o devo as maneiras gratas com que sempre os tratei a todos (porque não mudei por estar em Fragata Ingleza as maneiras que sempre tive) maneiras que a muitos fizeram no Brazil mal por não terem aquella educação que lhes era precisa para lidarem e conhecerem hum homem de probidade e muito honrado como eu sou.

« Como se interessa muito por mim he mister que eu lhe dê uma prova de confiança, fazendo-lhe constar o modo porque tenho sido tratado, e quaes os meus planos, e em mui poucas palavras. Desde os Reis quer de Inglaterra quer dos Francezes athé o mais infimo da plebe de qualquer das duas naçoens (que verdadeiramente são livres) me amão, e me respeitão; para melhor dizer e sem presumpção, porque a não tenho, respeitão em mim o homem sinceramente liberal e honrado a toda a prova: pelas gazetas se poderá conhecer que o que eu digo não he ditado pela basofia; pois facil he ver-se: ainda nenhuma me atacou d'aquellas que merecem conceito, e das do partido da Santa Alliança se

atacão he sem poderem fundamentar em bases solidas seus ataques.

« Estou satisfeito ; mais ainda não pára aqui a minha ambição de gloria : eu quero fazer conhecer a todo o mundo mais claramente athé que ponto eu sou capaz de me comprometter pela minha honra : eu parto por estes dias, o mais tardar hum mez para as Ilhas dos Açores afim de marchar de lá em frente da expedição contra o Tyrano Uzurpador do Throno de minha filha , (depois de ter tomado conta da Regencia á qual sou chamado pela Carta Constitucional) com o intento de restabelecer a ordem , e a authoridade legitima em Portugal , e acabando a tyrannia fazer este incomparavel serviço á humanidade oprimida pelo maior dos Despotas que o mundo civilizado tem visto : immediatamente que minha filha fôr maior depositarei com summo gosto , e coberto de gloria , em suas mãos aquelle poder que em consequencia da sua minoridade me he confiado pela Lei fundamental , e passarei contente a viver retirado da carreira publica , e descansado em qualquer canto da Europa aonde possa dar a meus filho ou filha que está a nascer aquella educação de que ha de carecer , bem como aos mais que possa para o futuro ter.... —*D. Pedro, Duque de Bragança.* »

Antes de continuarmos esta grata tarefa, não serão mal cabidas algumas reflexões.

O primeiro paragrapho da carta que acaba de ser transcripta prova que *esse coração todo brasileiro, que adora uma patria, da qual não póde lembrar-se sem que seus olhos se enchão de lagrimas*, vê-se todo inteiro no resto do glorioso documento mencionado, e faz exclamar involuntariamente aos leitores: até as suas fraquezas erão compensadas com grandiosas qualidades.

II

Em 1° de Dezembro de 1831 deu á luz em Paris a augusta duqueza de Bragança *uma linda menina*, segundo a phrase do Sr. D. Pedro, que se chamou Maria Amelia, por ser este o nome da virtuosa ex-rainha dos Francezes, que foi sua madrinha.

O Duque de Bragança pagou seu tributo á humanidade, e, depois de mostrar o amor de pai e marido, embarcou-se em 10 de Fevereiro a bordo da fragata *Rainha*, e chegou a S. Miguel no dia 22 do mesmo mez.

Não é nosso proposito descrever a recepção en-

thusiastica que lhe fizeram os habitantes de S. Miguel, nem cabe nas dimensões deste acanhado trabalho apresentar á posteridade os prodigiosos esforços que fez o Duque para seguir com a expedição para as costas de Portugal, nos tres mezes que permaneceu entre aquelles leaes insulares, nem as contrariedades que experimentou, nem os desganhos que devorou em silencio o seu magnanimo coração; bastará, para dar uma ligeira idéa da sua quasi sobrenatural actividade, citar as palavras do almirante Carlos Napier na sua — Guerra de successão em Portugal: — « Durante, diz, toda a sua estada nas Ilhas dos Açores, jámais cessou, jámais diminuo a actividade do Imperador: era Regente, General, Almirante: umas vezes fazia bem, algumas mal; mas conhecia os seus compatriotas; e apezar de tudo, se não fôsse pela sua incansavel actividade, a expedição jámais teria sahido das ilhas. »

Carlos Napier computa as forças do Duque de Bragança, quando passou revista ás tropas a 6 de Junho, em 6,500 homens de todas as armas, sendo a esquadra composta de 42 navios de transporte, e das fragatas *Rainha de Portugal*, de 46 peças; *D. Maria*, de 42 peças; do hiate *Amelia*, onde ia o Duque-Regente; do brigue *Villa-Flôr*; e das es-

cunas *Terceira, Liberal, Boa-Esperança e Eugenia*.

Em 25 de Abril de 1832, datando de Angra, escrevia o immortal Duque a um amigo :— « Estou a sahir para S. Miguel , aonde já tenho 9,000 homens , para de lá sahir por estes 20 a 30 dias com a expedição afrente da qual marchou , em prol da humanidade , de m.ª filha e da Carta Constitucional... »

Os diarios europeus , seus partidarios , fazem subir o exercito libertador a 15,186 homens, como segue :

Armada.	2.000	homens.
Exercito :		
Infantaria de linha	3,956	»
» ligeira	3,010	»
Artilharia	780	»
Novos recrutas .	2,950	»
Batalhão sagrado	340	»
Voluntarios	350	»
Francezes	1,200	»
Inglezes.	600	»
	<hr/>	
	15,186	homens.

A esquadra de D. Pedro, dizem as folhas daquella época, que contava duas fragatas de 54 e 60 peças ;

duas corvetas de 16 e 18 ; tres escunas de 6, 8 e 16 ; quatro brigues de 12 e 18 : total 11 navios de guerra com 238 peças , e 4,889 toneladas : mais , 12 transportes nas ilhas Açores , e 27 francezes e inglezes com 12,073 toneladas.

O historiador admitte as forças de terra que declara o Duque ter em S. Miguel , e as de mar de Sir Carlos Napier.

Antes , porém , de chegar ao dia 27 de Junho , é necessario retroceder para apreciar o heróe no seu justo valor.

Por decretos de 7 de Março de 1832 , o Duque Regente nomeou o conde de Villa-Flôr seu lugar-tenente-general do exercito , e Sartorius para a armada no mesmo character : em 6 do mesmo mez decretou uma amnistia para todos os desertores das Ilhas ; mandou pôr em liberdade a todos os inimigos politicos da rainha que estavam detidos ; fez levantar o sequestro dos seus bens ; diminuiu os impostos , e concedeu outras muitas graças.

Este homem prodigioso por todas as partes por onde passava fazia bem e alliviava os opprimidos.

Segundo o n. 1 das noticias officiaes das operações do exercito libertador , datado do Porto em 10 de Julho de 1832 , a expedição constitucional fez-se á véla da praia defronte da Ponta Delgada , no

dia 27 de Junho , pelas duas horas da tarde , e chegou em 7 de Julho ás vizinhanças da *Villa do Conde*. No dia seguinte , depois de um reconhecimento feito pelo vice-almirante da esquadra constitucional , o augusto Duque mandou içar o pavilhão real na fragata *Rainha de Portugal* , que foi saudado com 21 tiros de peça por todos os vasos de guerra. Um ajudante de campo de D. Pedro desembarcou para levar ao commandante militar da villa do Conde um exemplar do manifesto e da proclamação que em nome da Rainha tinha dirigido aos Portuguezes com o fim de decidi-lo a poupar o sangue portuguez.

É digno de particular menção o constante procedimento deste magnanimo cavalheiro ; pois enceta sempre as suas acções por um acto de clemencia e humanidade.

O commandante . a quem acabava-se de fazer ver a bondade do chefe das forças inimigas, cumprio com seu dever de militar , e negou-se a submeter-se ás forças libertadoras.

D. Pedro mandou desembarcar os seus no ponto convencionado já de antemão entre villa do Conde e a cidade do Porto ; de modo que com esta medida estrategica os miguelistas vão encontrar-se divididos.

Desde este momento até a sua morte em 24 de Setembro de 1834, a historia da regencia do Duque de Bragança não é outra cousa mais do que um diario militar que não apresenta ao homem politico grandes factos governamentaes, embora seja uma verdadeira epopéa de actos heroicos, em que disputão a supremacia o amor de um pai, a espada de um guerreiro, a clemencia de um principe, a resignação de um christão, a fleugma de um philosopho, o enthusiasmo de um povo, a grandeza das suas acções, a causa da liberdade e a innocencia de uma rainha angelica. Pasma que os descendentes de Camões não tenham cantado em mil estrophes entusiasticas o Bragança do Porto, de Villa-Nova, de Vallongo, de Mathozinhos, de Cerdello, de Monte-Covello, de Villa-Real, de S. Sebastião, da Cruz de Pedra, das alturas de S. João, de Santarém, de Asseiceira e outros combates e batalhas que de louros immarcêssiveis corôarão as armas do Libertador.

O titulo deste escripto « Rasgos memoraveis do Imperador D. Pedro I, Duque de Bragança » impõe-nos o dever de não ser minuciosos nos detalhes e apresentar o heróe á posteridade em certos lances especiallissimos da sua quasi incrivel carreira de Libertador e Restaurador de Portugal.

O mencionado documento das operações do seu denodado exercito termina desta maneira a narração da gloriosa jornada: — « Assim , depois de dez dias de viagem , no espaço de seis horas , achava-se o exercito libertador desembarcado ; e por esta operação e pelas disposições que a acompanhárão , achava-se cortada pelo centro a linha de tropas estabelecida ao norte do Douro ; a sua direita obrigada em grande parte a debandar-se, e a sua esquerda forçada a repassar o rio abandonando a cidade do Porto. Em summa, em menos de 48 horas , depois de haver saltado em terra , tinha S. M. Imperial , á testa do Exercito Libertador, expurgado de tropas defensoras da usurpação toda a bella provincia do Minho ; tinha posto em segurança a cidade do Porto ; tinha preparado uma larga base de operações , nas duas provincias ao norte do Douro, e tomado a offensiva ao sul deste rio ; havendo conseguido tudo isto , sem perda de um só homem , nem por effeito do fogo , nem de desastre. Tal é o poder da justiça da causa ; da presença de S. M. I. ; da combinação dos movimentos ; da intrepidez das tropas ; e da influencia e cooperação efficacissima do espirito ! »

A Europa contempla com assombro o caudillo da liberdade de Portugal : a occupação do Porto foi

uma mui acertada medida ; porque a esquadra de D. Pedro , sendo em sua mór parte composta de lenhos mercantes de pouca lotação , não teria podido forçar a entrada do Tejo . O pensamento do Libertador é encaminhar-se para Lisboa pela estrada do Porto .

A gloria do Duque-Regente em dez dias tem atrahido as sympathias e o apoio moral dos francezes , hespanhóes , inglezes , belgas , suecos e dinamarquezes .

III

A immortal cidade do Porto é o theatro onde o Duque de Bragança vai envelhentar aos 34 annos de idade : os louros que adornarão a sua bella testa enbranquecêrão os seus cabellos : a guerra com seus horrores , a epidemia com suas lividas feições , a fome com todo o cortejo de miserias quererão amofinar o coração magnanimo do pai e do soldado , desalentar os patriotas , e servir de legiões inimigas para entronisar o despotismo na séde da liberdade ; mas este Bragança é superior a todas as contrariedades , e os seus soldados sentem circular pelas veias o sangue dos heróes .

Fortuna nusquàm diù est prospera, dizia Felipe o pai do Grande Alexandre, e D. Pedro no meio dos triumphos rapidos que obtinhão as suas armas recordava a miudo esta maximã eterna.

Nos dias 11 e 12 de Julho de 1832, mais de 600 voluntarios apresentão-se no campo constitucional, e 12,200 miguelistas passárão ás fileiras do heróe.

O coronel Serpa Pinto em 13 do mesmo mez com um punhado de guerreiros tomou posse de Braga; em 17 occupou Ponte Lima; e Guimarães recebeu com jubilo os libertadores.

D. Pedro não descansa, faz um reconhecimento do lado de Coimbra: o general Pavoas, miguelista, defende aquellas posições, e não é um soldado vulgar.

O bizarro Villa-Flôr acha-se nos campos de Valongo; D. Pedro quer mandar a acção: no dia 23 dá-se o combate: é renhido, cruento, dura sete horas; mas a presença do heróe, que fez prodigios de bravura, anima os seus, que desbaratão, matão, destroem e vencem os miguelistas, deixando estes o campo semeado de 1,200 cadaveres, e mais de 800 feridos fóra de combate.

Nesta renhida contenda mostrou-se o excelso Duque ao nivel da sua encumeada altura.

O valor, a pericia militar, a humanidade, o sangue frio fôrão rasgos que admirarão, extasiarão, captivarão e tornarão seus companheiros de armas denodados campeões.

Não foi em vão que avançou o historiador como epigraphe deste terceiro esboço que « *cervorum cohors est terribilior duce leone, quàm leonum, cervó.* »

Os chronistas constitucionaes, e o mesmo Carlos Napier — no meio da paixão d'este ultimo pelos inglezes, seus patricios, ao serviço de D. Pedro, e do seu amor proprio — confissão que as tropas de D. Miguel erão destemidas; mas faltava-lhes um capitão leão.

A tradição nos tem confiado alguns rasgos memoraveis do Duque-Regente neste conflicto.

No mais encarniçado da peleja vio cair perto de si um bravo soldado; rasgou a bota do ferido, examinou o lugar e, sem preoccupar-se do perigo que o ameaçava, fez a primeira cura da ferida.

Muitas são as testemunhas ainda existentes que podem asseverar a bondade do coração do principe. Acabado o combate, foi visitar os feridos dos dous exercitos; entre elles havia um official miguelista, de cujas feridas brotava abundantemente o sangue: o Duque dirigio-se incontinentemente

para este bizarro militar e, empregando todos os seus esforços, conseguiu estancar o sangue, entregando-o depois aos facultativos.

Que muito, pois, que este homem generoso contasse tantos amigos quantos erãõ os que tinhãõ a ventura de estar perto d'elle uma só vez!

Depois deste combate D. Pedro julgou conveniente recolher-se dentro dos muros da cidade do Porto; pois o inimigo tinha 30,000 homens nos arredores, e o exercito constitucional, embora contasse umas 12,000 praças, — não tinha senão 7,500 em estado de pelear.

Descrever o valor e revezes das forças de terra e mar, o enthusiasmo dos habitantes do Porto, desde fins de 1832 até o mez de Setembro de 1833, seria querer reduzir a poucas paginas factos estrondosos que a posteridade deve e tem direito de saber extensamente.

A fama de D. Pedro vôava pelas terras europeas, e de todas as partes querião os seus admiradores vir, para engrossarem as suas fileiras; mas a entrada nas aguas do Douro era além de arriscada, temeraria; porque os miguelistas dominãõ mar e terra.

Não obstante, no dia 1º de Janeiro chegou ao quartel general imperial do Porto o companheiro

de armas do celebre Massena, o general Solignac, e muito animo cobrarão os constitucionaes.

Agora vem a pello dizer que o denodado conde de Villa-Flôr, nomeado depois pelo Duque de Bragança duque de Terceira, resignou o commando do exercito no mez' de Outubro de 1832 pelas intrigas dos conselheiros de D. Pedro, e este assumio o commando das tropas.

Tendo chegado Solignac, o Duque de Bragança conservou o lugar que assumira, nomeando-o, porém, seu major-general do exercito.

A modestia de S. M. I. deve confundir aos seus detractores. Eis-aqui um trecho que tomámos de uma carta do excelso Duque, escripta em 4 de Fevereiro de 1833 : — « Isto por cá vai hindo e espero em breve pôr-me em campo, e ajudado dos conselhos do muito habil General Solignac, que se acha como já saberá occupando o lugar de meu major general, acabar esta renhida contenda, fazendo triumphar completamente, a nobre causa que defendo.... »

Á modestia unia este cavalheiro-rei a gratidão e a justiça mais requintadas. Lêa-se esta passagem para apreciar no seu justo valor o seu bello coração : — « Se tivesse mais tempo do que tenho por meu não deixaria de lhe contar algumas coisas

relativamente á nossa pozição, aos estragos que as muitissimas ballas e bombas tem feito nesta cidade, e que seos habitantes dignos dos maiores elogios tem soffrido com summa resignação, redobrando ao mesmo tempo de enthusiasmo pela liberdade, & & : tambem lhe contaria da desgraça em que se achão os miguelistas, sem soldo ha 5 mezes, rotos e alguns nus ; do miseravel estado em que se acha esta bella provincia, & & ; mas como terá lido as chronicas e visto cartas do Porto nada mais direi do que tudo quanto disserem de bem do bravo Exercito que me prezo de commandar, da constancia e soffrimento d'elle e dos habitantes desta cidade he pouco ; porque não ha expressoens para decantar seus feitos e acções heroicas. »

Dignos erão, na verdade, exercito e povo dos encomios do Duque-Regente ; porque raras vezes tem registrado a historia feitos mais estrondosos de resignação, valor, paciencia e enthusiasmo pela causa da liberdade e pela pessoa de um principe. Tambem é igualmente certo que poucos serião os reis que no meio das innumeradas contrariedades, que cercavão o Duque de Bragança haverião manifestado maior actividade, uma vontade mais varonil, um denodo mais patriotico, uma affabilidade mais seductora e um coração mais nobre.

A fome que soffre o povo, durante o bloqueio do Porto, é experimentada por elle com rosto risonho : durante os aziagos dias da epidemia multiplica-se o augusto senhor com assombro de todos : vê-se nos hospitaes, nas casas, nas trincheiras : distingue-se nas sahidas da praça, nas baterias, onde os seus tiros, dirigidos por elle mesmo, semeão o espanto nas fileiras inimigas : no gabinete escreve, medita e fórma os planos mais grandiosos : no conselho de seus generaes a sua voz é ouvida com veneração entusiastica por Portuguezes, Inglezes, Francezes, Allemães e Belgas : elle é não só um tactico habil, um intrepido capitão, um homem de estado energico, conciliador e infatigavel, mas tambem o typo da moderação, e da modestia. Quer-se saber até que ponto chega o seu comedimento e humildade? Lêa-se o trecho que segue :

« Porto, 18 de Junho de 1833.

« Estando nós chegados ao ponto de emprender alguma cousa contra o exercito inimigo ; porque já não esperamos mais reforços, e dinheiro, em pouco chegarão de Inglaterra cinco barcos de vapor e alguns homens, tudo devido a Mendizabal, suspendi o ataque que tinhamos tenção de fazer, e ouvi um conselho de militares, e perguntei-lhes se

deveríamos ir com cinco mil homens atacar Lisboa, desembarcando o mais perto possível, ou enviar aos Algarves ou a outro qualquer ponto da costa huma expedição de 2,600 homens para distrahir o inimigo, ou ataca-lo aqui em seus entrincheiramentos. Diferirão os votos, e sendo impossivel a grande expedição, porque se exporia a cidade, e os habitantes não querião que fosse eu n'ella, como era da minha honra ir, convoquei novo conselho, e disse aos militares, que a grande expedição não podia ter lugar por causa do que acima disse, e que podendo a minha opinião ser contraria á sua, eu deixava a decisão sobre os dois ultimos pontos, de pequena expedição ou de ataque aqui, á decisão do conselho; porque, sendo este negocio *essencialmente portuguez*, era por tão dignos patriotas que elle devia ser decidido; e que minha vontade em negocio de tão alta monta devia ser subordinada á decisão da maioria do Conselho.

« A decisão foi pela pequena expedição: os 2,600 homens fôrão em tres dias postos a bordo, apesar de todas as difficuldades que se encontram no embarque por causa das baterias inimigas que o não consentem senão de noite, assim mesmo com grande risco.

« Minha opinião era, e he ainda, que o ataque

devia ser aqui e ao norte do Douro; o marechal Solignac tambem assim o queria; porém este as-sentando que a sua opinião devia prevalecer, despedio-se e retirou-se para França depois de aqui ter estado desde Janeiro sem ter feito mais do que *pretender fazer algumas cousas*: deixar fortificar o inimigo, cousa que elle nunca se atre-veo a fazer antes da sua chegada, com o cholera-morbus, &.

« Continuação a chover nesta cidade bombas e ballas, tanto vindas do Norte como do Sul; mas os habitantes achão-se animados, e todos estão espe-rançados no bom resultado da expedição. Esta ci-dade está segura e abundante de viveres: estão alguns mais barato do que em tempo de paz, e em-quanto houver polvora, balla e de comer, o inimigo *não ha de entrar* cá dentro: tudo depende do feliz exito desta expedição, se ella falhar não sei o que será; mas segundo todas as noticias que temos do reino, ella he esperada pelos patriotas, para que unidos a ella possamos derribar completamente a tyrannia, restabelecendo o Throno da legitima Rainha e a Carta Constitucional...—D. *Pedro.* »

O historiador póde com estes preciosissimos do-cumentos responder ás inexactidões que Carlos Na-

piez avança no capitulo X do tomo I, pag. 156 a 190 da sua pouco fiel historia da « Guerra da successão em Portugal », em que pretende fazer passar o excelso Duque por homem indeciso, que mudava de opinião repentinamente.

Tanto Carlos Napier como João Armitage fôrão historiadores parciaes e pouco discretos:—o primeiro enfatuado pelo seu egoismo e espirito antiportuguez, e o segundo inspirado por um illustrado patriota, é verdade, mas que sendo actor nas scenas politicas que têm lugar no Brasil naquellas circumstancias, não via as cousas com imparcialidade.

É um erro lamentavel acreditar que essas duas historias sejam a expressão genuina da verdade dos factos, e mais triste é ainda ver que a posteridade beba nessas fontes impuras as tradições nacionaes.

Se o historiador destes « Rasgos memoraveis do Sr. Duque de Bragança » não tivesse feito ao Brasil—sua patria e a Portugal—paiz irmão—outro serviço senão este, dar-se-hia por contente, tendo descoberto a verdade com documentos tão elevados como valiosissimos.

VI

Necessario é que se faça uma pausa neste lugar, para revelar as grandes qualidades do immortal objecto destas paginas.

Os negocios de Portugal erão bastantes de per si para tomar o tempo não a um homem só senão a muitos, por vasta que fôsse a sua intelligencia, por electrica que fôsse a sua actividade, por forte que fôsse a sua constituição : pois bem, esse heróe do Porto, que luta com a fome, com a peste, com forças inimigas triplicadas, com as lisonjas dos palacianos que o rodeião, com os ciumes de seus generaes entre si, com as difficuldades mais gigantescas, fóra e dentro dos muros do Porto e no estrangeiro ; esse homem privilegiado que soffre tanto de espirito como de corpo, que tem encanecido em 15 mezes, que só sustenta em pé o coração, não se esquece do seu Brasil, da sua patria d'adopção, e conta os annos, os dias que nelle viveu, está ao corrente de tudo quanto nelle passa, interessa-se vivamente pela sua prosperidade, e levanta a voz entre o estrondo da artilharia inimiga, entre

as ruínas causadas pelas bombas e ballas, e pede ao Todo Poderoso para os Brasileiros todas as prosperidades.

O autor espera arrancar lagrimas, enardecer o entusiasmo, fazer bradar a este povo unanimemente — Viva o nosso Libertador, o nosso Imperador, o nosso Pai ! Ouvi : é D. Pedro, Duque de Bragança, quem falla :

« Porto 18 de Junho de 1833.

.... « Muito sinto saber que na provincia de Minas teve lugar huma revolução que felizmente não trouxe apoz de si os horrores da anarchia, limitando-se simplesmente a huma resistencia feita aos despostimos do Presidente V... e P. de M..., que trabalhavão para seus fins contra a vontade d'esses excellentes povos, que não desejão senão D. Pedro Segundo, e a Constituição. Se he verdade que os emissarios da Regencia parárão no caminho, poderá ser que a cousa se arranje por bem ; mas se elles continuarem e quizerem levar os Mineiros por força, a guerra civil começará n'essa rica e vastissima Provincia, e Deus sabe o que será do Brasil todo.

« Deus queira que a Assembleia dê providencias, e cuide de sustentar a meu Filho, e a Constituição,

fazendo boas leis, e deixando-se de alimentar intrigas, e de tratar de cousas de pouco interesse, como por exemplo, de legislar sobre haver hum escrivão na Villa da Caxoeira, Itapicurú, & ; porque se assim acontecer adeus Brazil : he de summa utilidade para a Nação que o tempo seja aproveitado em cousas de interesse geral, aliás em menos de hum anno nós teremos o desgosto de ver o nascente Imperio Brasileiro substituido, não por differentes Republicas, mas sim pela mais desenfreada anarquia, acabando a festa por serem sacrificados todos os bons e máos Brasileiros..... Eu faço votos para que tudo marche na melhor ordem possivel, não só pelo interesse que d'ahi póde resultar a meu Filho e Filhas, mas porque muito me interesso por esse bello paiz aonde fui creado, aonde vivi vinte tres annos, um mez e sete dias, e que adoptei por patria. Deus Nosso Senhor não deixará de proteger a terra da Santa Cruz.

« Não foi approvedo o Diploma de Feijó, ou porque não estava conforme, ou porque o não quizerão achar : se foi o primeiro que a isto obrigou o Senado, louvor lhe seja dado por fazer justiça ; se foi pelo segundo, perderá no conceito publico, e terá o desgosto de ver reeleito Feijó, e d'aqui por diante todos os mais do seo partido....—*D. Pedro.* »

Raro é poder apresentar á posteridade autographos dos reis, e mais, autographos desta natureza que revelão, na intimidade da correspondencia, todos os segredos de um coração tão magnanimo; mas a estas impagaveis revelações deve a historia muitos e sagrados tributos de reconhecimento.

D. Pedro era tão brasileiro, tão nobre, tão extraordinariamente desinteressado que nos muitos autographos que existem em poder do chronista não ha uma palavra, nem uma insinuação que manifeste azedume contra os seus irreflectidos inimigos. Poderia citar muitos trechos relativamente a este topico: contentar-me-hei, porém; em copiar algumas phrases de uma carta, datada do Porto em 20 de Maio de 1833, em que consola a um brasileiro do credo liberal, em occasião dos desastrosos acontecimentos daquella época: — « Nas convulsões politicas, forçoso he que o cidadão honrado tome a sua parte do soffrimento geral; mas he necessario que a prudencia o sustente, na certeza de que a honra o ha de collocar sempre no lugar que lhe toca, quando a experiencia tiver ensinado os inquietos e ambiciosos. »

Admiravel é, na verdade, ver a amizade que professa D. Pedro ao Brasil, na posição melindrosa em que então achava-se collocado.

VII

Não póde caber nesta narração a série de encontrados acontecimentos que succedião-se, quasi diariamente, uns a outros, e esta é a razão por que o historiador deixa de mencionar a sahida dos expedicionarios, de que fallou-se já, para Lisboa; seu feliz e prompto desembarque em 24 de Junho nas costas dos Algarves, na embocadura do Guadiana; a batalha de Villa-Real, em que corôa-se de gloria o duque da Terceira; nem póde descrever o combate naval de S. Vicente, que valeu a Napier o titulo de visconde do Cabo de S. Vicente; nem póde seguir o duque da Terceira na sua marcha para Lisboa; nem assistir ao reconhecimento da rainha pelos povos dos Algarves, do Alemtejo, da Beira, e da Extremadura portugueza; nem presenciar a batalha de Almada; nem entrar em Lisboa com o triumphante exercito constitucional; nem acompanhar os ministros de D. Miguel, que fogem espavoridos, com 4,000 homens, para Coimbra; nem celebrar o combate dado ás portas do Porto, que foi causa de os miguelistas levantarem o bloqueio daquella memoravel cidade.

Informado D. Pedro da entrada do seu punhado de valentes na capital do reino, e das continuadas e gloriosas jornadas que a precedêrão, parte do Porto, em 27 de Julho, a bordo do *Guilherme IV* para Lisboa, deixando a sua querida cidade entregue ao valor e pericia do general Saldanha, e seus aguerridos soldados.

A recepção feita pelo povo de Lisboa ao Duque de Bragança é uma dessas festas que podem ser vistas, mas não descriptas ; porque a espontaneidade das demonstrações superou quicá a materialidade dos regozijos publicos. Contestes são entre si as testemunhas oculares, e o mesmo historiador Napier.

O amor da gloria era uma paixão no Duque de Bragança ; mas o amor paternal superava esta nobre tendencia do seu coração.

Muitos escriptores nacionaes e estrangeiros se têm dilatado na descripção da sua entrada em Lisboa ; mas o autor só quer consignar um facto por ser um rasgo caracteristico do magnanimo e liberal principe.

Aproximando-se a Belem vio-se circumdado o vapor, em que ia D. Pedro, por um prodigioso numero de embarcações pequenas, em cujos mastros ondeavão mil bandeiras brancas e azues, cobrindo milheiros de vozes, com vivas a D. Pedro e a D. Maria,

o trovejar da artilharia das fortalezas e dos vasos de guerra, particularmente dos inglezes, surtos nas aguas do Tejo.

Quando chegou ao cáes, era tão numerosa a multidão, que os agentes da policia virão-se obrigados a abrir passagem, espadas em mão. O Duque de Bragança ordenou que as embainhassem, e, para manifestar a confiança que depositava no povo, atirou com a sua ao mar.

O Sr. D. Pedro, como todo o homem de alma elevada, era pio. Diz Napier: « Elle era certissimamente um homem muito religioso, mas não era supersticioso, como bem o mostrou na reforma que fez em toda a igreja. » O primeiro passo que deu, foi assistir ao incruento sacrificio na capella real de seus avós. Um dia depois, conta a tradição que foi á basilica de S. Vicente de Fóra, como reverente filho, depositar na campa do pai o tributo de seu amor filial, e deixou consignada, em 28 de Julho, na eça de D. João VI a religião do seu respeito.

Uma vez restabelecido no paço dos seus antepassados, redobra de um modo incrível a sua prodigiosa actividade. A cidade de Lisboa é posta em estado de defesa: elevão-se trincheiras por todas as partes, debaixo da sua direcção pessoal: parte um vaso de guerra para trazer as victimas do despotismo

á patria, percorrendo esse navio as ilhas Canarias, de S. Thomaz, do Principe e as costas de Angola e Benguela: não ficão esquecidos os proscriptos que jazem nos destertos da costa oriental da Africa e mesmo na India: annullão-se as sentenças pronunciadas por D. Miguel, desde o dia 25 de Abril de 1828, contra os amantes do throno de D. Maria II; levanta-se o sequestro de todos os bens confiscados; ordena-se que não sejam mais pagos os juros do emprestimo real ás corporações religiosas que militarão sob as bandeiras do usurpador.

D. Pedro póde ser appellidado rigorosamente pela posteridade o *Grão Justiceiro de Portugal*; pois, embora Carlos Napier queira accusa-lo de severo em demasia para com os inimigos da sua innocente filha, nesta occasião era de indeclinavel rigor obrar como elle procedeu; e mesmo póde-se asseverar que, punindo os máos portuguezes que havião tão barbara quão arbitrariamente derramado o sangue de seus irmãos, não esquecia os sentimentos de generosa clemencia que abrigava o seu coração, reservando o olvido das passadas offensas para quando nada ameaçasse o throno da excelsa princeza, sua filha.

Emquanto D. Pedro empregava todos os esforços em pôr a coberto de uma surpresa qualquer a côrte

de Portugal, D. Miguel estabelecia a sua vacillante séde em Coimbra.

Em 15 de Agosto—dia anniversario do baptismo de D. Maria da Gloria —o encarregado de negocios da Inglaterra—Sir William Russell, annuncia ao Duque-Regente que a Gran-Bretanha reconhece a augusta senhora, como rainha de Portugal.

Seria levar esta narração além das raias da sua orbita querer contar as determinações sabias que tomava este principe incansavel, ora supprimindo os conventos e mosteiros, cujos religiosos, desgraçadamente para a igreja de Jesus Christo, tomárão uma parte activa e anti-evangelica na guerra civil, ora querendo seguir as marchas e contramarchas das victoriosas tropas constitucionaes, ora reproduzindo as medidas que empregou para animar a lavoura, e alliviar o povo da contribuição de sangue.

O Duque de Bragança foi e havia sido sempre constitucional; porque elle foi o primeiro que jurou as cartas que déra aos dous povos, que lhe devem a liberdade.

Convocou as côrtes geraes para o 1º de Outubro, em sessão extraordinaria; pois havia de lhes propôr importantissimas questões.

Ao mesmo tempo—em 15 de Agosto—a immor-

tal cidade do Porto vio-se livre do assedio, retirando-se os miguelistas a mais de 12 milhas da heroica povoação.

O general, conde de Saldanha, deixou em 23 de Agosto de 1833 o Porto, despedindo-se com uma proclamação que une a nobreza do soldado á delicadeza do fidalgo, e, depois de entregar o commando ao tenente-general Stubbs, chegou a Lisboa em 25 do mesmo mez. O duque de Saldanha era o chefe do estado-maior imperial, e não padece duvida de que D. Pedro depositou nelle a mais illimitada confiança.

A chegada do general Saldanha foi uma ventura para os portuguezes, e um grande allivio para o Imperador.

O Duque de Bragança no mez de Setembro vai ser muito feliz: o seu rosto assim o manifestava, todos notavão que as feições do heróe adquirião maior animação; mas ninguem sabia porque aquelle incansavel homem redobrava os esforços. A historia vai nos revelar a razão dessa alegria placida, quasi santa, que banha a sua intelligente, mas fatigada physionomia.

No dia 3 de Setembro apparecêrão os miguelistas á vista da capital, e no dia 5 atacárão com impeto as-linhas de fortificação. Dirigia o conde

de Bourmont as tropas do usurpador. O ponto principal do ataque era um reducto proximo a S. Sebastião, cuja tomada abria ao inimigo o caminho de Bemfica.

De 5 a 14 de Setembro, as linhas avançadas de fortificação, que escudavão Lisboa dos ataques do inimigo, fôrão o theatro de mil acções gloriosas. O general Saldanha defendia a esquerda, o duque da Terceira a direita, e o duque de Bragança o centro, e commandava tudo.

No mais encarniçado desta contenda, temos ouvido contar a seus companheiros de armas, era o denodado Duque-Regente o chefe das baterias, o que tomava a pontaria, e repetidas vezes cahirão mortos os soldados perto d'elle; mas era em vão supplicar-lhe que se retirasse; elle persistia em arregar o perigo, dizendo que era da sua honra dar exemplo aos valentes defensores de Lisboa.

D. Pedro nesta occasião fez prodigios de valor; mas deve-se considerar que no momento critico da contenda esqueceu que era o Regente, e não vio em si mesmo mais do que o coronel do 5º de caçadores, o soldado da sua filha, o cavalheiro de Bragança, que em ponto de honra não conhecia rival.

O general conde de Bourmont , ao serviço de D. Miguel , aproveitando-se da escuridão da noite , avançou até as posições da Cruz de Pedra e as alturas de S. João , e na madrugada do dia 14 ameaçou a cidade.

Informado D. Pedro destes movimentos de ataque , sahe do palacio ás 6 horas da manhã , e colloca-se n'uma eminencia d'onde póde dominar os campos e dar as suas ordens : Saldanha e Terceira estão nos seus lugares , e as tropas constitucionaes fazem proezas : o inimigo retira-se precipitadamente. Lisboa é livre. D. Pedro é victoriado com enthusiastico frenesi.

Bourmont demitte-se ; succede-lhe no commando o general escossez Mac Donald ; mas a causa de D. Miguel está nos ultimos paroxismos da agonia.

M. de Lurde , em 21 de Setembro , notifica ao Regente que el-rei dos Francezes reconhece a Sra. D. Maria , rainha de Portugal.

A aurora do dia 22 de Setembro de 1833 foi quiçá a unica venturosa que brilhou , nos tres annos passados , aos olhos deste immortal principe.

O historiador larga agora a penna , e deixa que falle Carlos Napier :

« No dia 22 chegarão ao Tejo a rainha e a imperatriz , a bordo do vapor *Soho* , que trazia iça-

das as bandeiras portuguezas e o estandarte real de baixo da conserva de um vapor de guerra inglez. Suas Magestades tinham estado residindo em Paris, esperando o progresso dos acontecimentos. Quando as tropas no Porto se achavão reduzidas á ultima extremidade, o Imperador tinha escripto á imperatriz que nada, á excepção d'um milagre, poderia salva-los. Depois da tomada da esquadra, escreveu-lhe outra vez— « fez-se o milagre : a esquadra foi tomada ; e estamos salvos. »

« Ao receber o convite do Imperador para virem para Lisboa, partirão para o Havre, onde embarcárão n'um vapor e desembarcárão em Portsmouth. Suas Magestades fôrão notavelmente bem recebidas em Inglaterra, e convidadas a passar alguns dias em Windsor.....

« No mesmo instante que se fez o signal da Torre de São Julião, toda Lisboa se pôz em movimento ; bandeiras azues e brancas tremulavão em todas as direcções, e vestidos azues e brancos era geralmente o traje das senhoras. Fretárão-se todos os barcos, e muito antes que o vapor passasse por Belém, achava-se já o Tejo coalhado d'embarcações.

« O Imperador tinha preparado um magnifico escaler de vinte e quatro remos, e 48 homens, pin-

tado d'azul e branco , indo os homens vestidos das mesmas côres , onde embarcou no arsenal com dous ajudantes de campo , e eu , para ir receber a imperatriz e a rainha ; e tão impaciente estava elle que partio sem côrte nem ministros. Eu nunca o vi tão alegre e satisfeito ; subio para bordo pouco acima de Belém ; foi recebido ao portaló pela imperatriz , que o abraçou e beijou com o maior affecto : a rainha estava muito commovida , e não pôde conter as lagrimas. A pequenina princeza Amelia , sua filha mais nova , occupou muito a sua attenção : ella ficou algum tanto assustada de lhe ver as barbas crescidas , e não correspondeu muito ás suas caricias.....»

D. Pedro era feliz , e bem o merecia : amava a gloria , e bem digno era della : era um heróe , e bem compensados fôrão por Deos os seus sacrificios. Quem poderá explicar o jubilo que enchia o seu coração no momento em que , desembarcando no cáes , dando o braço direito á linda D. Maria , e á bella imperatriz o esquerdo , ouvio da boca da rainha o brado — Viva a Carta Constitucional ! e de milheiros de bocas as vozes enthusiasticas — Viva a Rainha ! Viva o Imperador ! Viva a Imperatriz !

VI

Desde fins de Setembro de 1833 até o dia 26 de Maio de 1834, a torrente dos acontecimentos correu com uma rapidez tão espantosa que difficil seria ao chronista seguir detalhadamente : bastará , para seu objecto, indicar os factos mais salientes em que figura de um modo conspicuo o inclyto principe, cuja popularidade crescia cada dia pelas medidas sábias e liberaes que tomava, pelas victorias que alcançãõ os seus generaes , forçando o usurpador a postar o seu exercito detrás dos muros de Santarém, onde o bizarro Saldanha o assedia por todas as partes, se exceptuarmos a sahida para o Tejo , tomando posse dos moinhos que fornecem aos habitantes da cidade a farinha para sua manutenção , depois de um terrivel e renhido combate.

Todos os decretos , todas as circulares , todos os avisos dados pelo augusto Regente nestes entrementes provão que a sua devisa é a igualdade perante a lei , os interesses bem entendidos do povo , e a dignidade da corôa.

A prova de ser o seu governo sympathico a todos os povos , e bemquisto nas nações estrangeiras ,

mesmo as mais adversas ás reformas e idéas liberaes acha-se no tratado que fizerão em Abril, chamado da Quadrupla alliança com a rainha, Inglaterra, França e Hespanha, no reconhecimento formal da Suecia, Belgica e Dinamarca, e no submettimento das ilhas que ainda obedecião á despotica administração do usurpador.

Alguns escriptores hão criticado a severidade pelo Duque de Bragança — Regente de Portugal — empregada contra o clero, em geral, e mui especialmente contra o regular; mas o insigne principe reconheceu que os paliativos em quasi todas as occasiões não produzem bons resultados, exasperão as enfermidades e tornão o principio vital, relaxado. Note-se bem que o clero secular é liberal, pacifico e admirador de D. Pedro, tanto no Brasil como em Portugal.

A Inglaterra e a França offerecem a sua mediação; mas D. Miguel repelle a base das negociações — a sua sahida para sempre de Portugal: — D. Pedro, como pai, felicita-se da obstinação do irmão, e de combate em combate, de victoria em victoria consegue que as tropas do usurpador evacuem Santarém, busquem um asylo em Evora, e que, vendo-se inteiramente perdido o infante D. Miguel, se renda e aceite as condições da Convenção

d'Evora, sujeitas sem embargo á approvação das côrtes, convenção assignada em Evora-Monte aos 25 dias do mez de Maio de 1834, pelos duque de Terceira, conde de Saldanha, marechaes do exercito constitucional, e José Antonio de Azevedo Lemos tenente-general graduado.

O principe regente é magnanimo sempre, em paz e em guerra, com os amigos e com os inimigos: basta ler o art. 1º desta Convenção para confessar-se que foi elle quem a dictou. «Concede-se amnistia geral por todos os delictos politicos commettidos desde o dia 31 de Julho de 1826. »

Assim acabárão os transtornos de Portugal: parecia que agora era a occasião de conceder a Providencia ao mais heroico, activo, magnanimo dos principes dos nossos tempos repouso, gloria, felicidade; mas Deos que tinha mantido a luz da vida nesse *inarrebutavel coração* é impenetravel.

Em 17 de Junho deste anno, segundo escreve de Queluz o Duque de Bragança, a um seu particular amigo, já não podia senão assignar as cartas. As palavras do Duque de Bragança nos ultimos mezes da sua preciosa existencia são tão cheias de uncção, tão admiravelmente nobres, que seria um delicto não communica-las á posteridade.— « Tenho recebido muitas cartas suas e que muito prazer me tem

dado, porém os meos encommodos de saude , filhos das grandes fadigas de huma prolongada guerra , que felizmente acabou com honra e gloria para os liberaes, me tem privado do prazer de lhe escrever, e poderia ser que esta minha falta , não voluntaria, lhe tenha parecido esquecimento meu, o que era impossivel da minha parte , porque eu me prezo de saber ser grato áquelles que me tem dado provas de amizade.

« Eu vou muito melhor, mas ainda de minha propria mão não posso responder-lhe as suas cartas, e por isso o faço pela letra do Gomes assignando-me.

« Faça todas as diligencias para me remetter todas as minhas composições , que se achão na Capella Imperial e na fazenda de Santa Cruz.— Seo amigo.— *D. Pedro.* »

Quanta lhaneza ! quanta delicadeza ! quanta bondade ! Este rei-cavalheiro e este cavalheiro-rei tem poucos rivaes em remotas e proximas idades.

Os reis da terra têm tres fatalidades pelo simples facto de nascerem reis. Ei-las aqui : a sua elevada jerarchia os afasta do povo , e , por conseguinte , não chega aos seus ouvidos a verdade , senão entre os incensos fumegantes dos adultores que os rodeião , que são , em geral , os mais perigosos ini-

migos dos monarchas : a segunda desgraça, que os persegue na terra, é não poder manifestar os seus pensamentos, nem os sentimentos do seu coração com a liberdade, e sem os inconvenientes, com que o podem fazer os outros homens : e a terceira é a mesma dignidade do seu nascimento. Ser rei é ser um martyr, a quem o povo não compadece nos seus tormentos, cujas acções não comprehende, cujas virtudes não galardôa ; porque o rei sendo um heróe não parece mais do que um simples mortal.

Os inimigos do Sr. D. Pedro I do Brasil, neste lado do oceano, erão em 1833 e 1834 cegos, não querião ver a grandeza d'alma do soldado da liberdade, do adalid da sua filha, do desinteressado cavalheiro de Bragança.

Quando em 1833 tratou-se das propriedades do Duque no Brasil, escrevia elle em 20 de Maio : — « Não me faz novidade o interesse que Samuel Philipps tomou pelo meu negocio de desembaraçar as minhas propriedades, apezar de não ter tido effeito ; mas nem por isso he menor o meu agradecimento.....»

Quando tratava-se das arrhas da imperatriz, de ratificar a sua abdicção á corôa do Brasil, e do nunca por elle approvedo projecto de restauração,

escreveu em 20 de Junho de 1834 estas memoraveis palavras : — «..... Agora vou *responder* a alguns artigos de suas ditas cartas, e começarei pelo expediente, que aponta, para que na Camara dos Deputados passe a resolução sobre as arrhas da imperatriz; eu julgo não ser necessaria ratificação alguma do acto da minha abdicação á Corôa do Brazil, talvez seja precisa alguma emenda *na fôrma*, a qual estou pronto a fazer logo que d'ahi me seja apontada pelo Governo: quanto a desaprovar qualquer projecto de restauração, parece-me têt-o assaz demonstrado não só com o que constantemente digo, mas ainda mais com a demissão de J. B. M...»

Quando estas nobres linhas assignava o inelyto principe estava mui doente. « Eu tenho passado bem incomodado, e muito tenho soffrido; agora, porém, acho-me melhor depois de muitos causticos, bixas, & tenho uma fonte em um braço que, apesar d'incomodar-me bastante, me alivia..... »

Tres mezes e quatro dias depois de escrever esta carta D. Pedro não existia !

Vamos ver rapidamente o que fez nestes ultimos dias da sua trabalhosa e benemerita existencia.

O Regente fez ver aos miguelistas que nelle tinham um pai e não um vencedor; um jornal miguelista appareceu, não foi incommodado: orga-

nistou a guarda nacional de Lisboa : occupou-se de melhorar o estado da fazenda publica, da instrucção do povo e das leis civis : ordenou que todos os bens confiscados por D. Miguel fossem restituídos , e que as propriedades dos miguelistas fôsem respeitadas: aboliu todos os privilegios , fóros e immunidades que acanhavão o commercio, e por fim em 15 de Agosto abriu a sessão real das côrtes extraordinarias da nação portugueza com uma falla do throno que brilha pela verdade historica dos factos nella expostos, pela sabedoria e moderação das suas phrases, pela dignidade dos seus pensamentos, e pela altura dos sentimentos.

O Duque-Regente, pronunciando este famoso discurso , — que gera a paz no interior e inspira confiança nos paizes estrangeiros , — estava perto da eternidade : os esforços que faz são sobrehumanos : elle conhece que a energia e actividade que mostra são os derradeiros esforços do seu espirito : demitte-se da regencia , e retira-se.

As côrtes reunidas em 29 de Agosto no palacio da Ajuda decidem que o Duque de Bragança conserve a regencia e o commando do exercito , durante a minoridade de D. Maria : elle não recúa ante os trabalhos da governança , está quasi cadaver ; mas jura cumprir com seus deveres.

Em 17 de Setembro participa ás côrtes que não pôde mais : declarão a rainha maior : mas o Duque de Bragança havia chegado á meta dos seus dias gloriosos : enquanto o povo portuguez teve necessidade dos seus serviços , a sua actividade e energia triumpharão da fraqueza do corpo : no momento em que a nação pôde tomar as rédeas da governança , Pedro de Bragança havia terminado a sua augusta missão : pertencia a si mesmo e podia morrer.

No dia 23 de Setembro, conta a tradição, que repetio estas palavras : « Morro contente , porque a ninguem fiz mal. »

O Duque de Bragança mostrou nos derradeiros momentos da sua agonia a maior resignação , o valor christão mais acrisolado , a amizade mais sincera e sublime para com os seus.

Não recordará o historiador que poucos minutos antes de expirar despedio-se do exercito na pessoa de um soldado do 5° de caçadores.

D. Pedro , aos 36 annos menos 18 dias , vio as sombras da eternidade nos braços da sua augusta esposa : sorriu, recommendando á sua filha a felicidade do povo , e passou á eternidade!!!

ESBOÇO QUARTO

Amicus usque ad aram.

PERICLES.

I

Breves, porém interessantes, são as paginas que a historia póde dedicar ao Duque de Bragança, como amigo agradecido, sincero, inalteravel.

Nunca recebeu uma prova de amizade que não a retribuísse com real magnanimidade.

A posteridade maravilhar-se-ha observando nos homens, que de perto tratarão o principe, o imperador, o rei e o duque, um enthusiasmo tão caloroso, uma dedicação tão sagrada, uma recordação tão saudosa como a que experimentão ainda hoje os seus coetaneos.

Este rei-cavalheiro sabia ser agradecido, e eis-ahi o segredo desse culto religioso que lhe professão os seus amigos. Se a sua lhaneza fez mal a muitos, du-

rante a sua residencia no Brasil , foi pela falta de educação—como diz o mesmo principe em uma das cartas mencionadas — que tinham os desaconselhados.

Os que não se achavão na altura do character do duque confundião o adulator com o verdadeiro amigo ; mas elle sabia por experiencia propria , como Phocion , que ninguem é verdadeiro amigo quando é adulator.

Existem nas mãos do historiador documentos de um valor immenso , que provão até á evidencia que em certas occasiões não faltárão homens dignos da sua amizade imperial que reprovárão alguns actos da sua vida ; admoestações que elle ouviu com prudente dignidade.

D. Pedro distinguio sempre na sua amizade os homens que procedião com lealdade para com elle.

Se os parentes e amigos do honrado José Bonifacio de Andrada e Silva, do regente Feijó, do conselheiro José Maria Velho, de José Ferreira Gomes, juiz de paz da freguezia do Engenho Velho em 1832, do conselheiro Cupertino, official-maior da secretaria de estado dos negocios da marinha, do visconde de Praia-Grande, de Vicente Paulo de Oliveira Villas-Boas, de João de Siqueira Tedim,

de Joaquim José de Siqueira, do marquez de Paranaguá, de monsenhor Fidalgo, de Francisco José Xavier, do visconde de Alcantara, da condessa de Itapagipe, de D. Maria José de Verney Bilstein, de José Alves Pereira Ribeiro, do conde de Linhares e de outros que diffuso seria mencionar, quizessem mimosear á posteridade com a publicação das cartas de Pedro I, Duque de Bragança, ver-se-hia que não é para maravilhar a asserção do historiador, nem a admiração dos seus infinitos amigos, nem a saudade dos homens liberaes do paiz, nem a apotheóse que o povo faz hoje ao seu libertador, pai e amigo (*).

(*) D. Pedro I do Brasil na hora da sua desgraça teve provas da amizade que inspirarão sempre nos corações brasileiros o seu magnanimo coração, a sua excelsa bondade, e requintada urbanidade.

As duas cartas que seguem fôrão confiadas ao autor por um amigo, parente mui proximo da pessoa á quem fôrão dirigidas, e está autorisado para publicá-las por inteiro, e provão as verdades que ficão expostas.

« S. Miguel, 8 de Junho de 1832.

« Meu Gupertino e Amigo : He na occasião incerta que se encontrão os verdadeiros amigos ; eu me acho em huma pozição em que estes se devem mostrar : felizmente assim tem acontecido , e não me tem faltado provas desta verdade dadas por todos os que pensão como o meu amigo.

« A sua estimavel carta de 6 de Março encheu meu coração, dilacerado de saudades dos Filhos e da Patria, de satisfação : sim, meu Amigo, eu me prezo de saber apreciar taes provas de amizade e de constancia, tanto mais dignas de elogio quanto o serem dadas em occasião de huma crise tão ar-

Um dos grandes dotes de um monarcha é saber attrahir com a urbanidade, e amavel lhaneza os corações dos povos, e afastar a familiaridade do throno. Qualquer dos dous extremos desprestigia os reis.

D. Pedro havia lido em Plutarco : *Lenitate rex parat gloriam, ac civium benevolentiam.*

O Duque de Bragança saudava nas ruas do Rio de Janeiro, do Porto e de Lisboa a uma grande parte dos cidadãos pelos seus nomes ; comia pão negro entre os seus soldados ; servia de cirurgião no campo de batalha ; encartuchava a polvora nos

riscada, como a em que se acha desgraçadamente o nosso malfadado Brazil.

« Sempre que puder mande-me noticias suas e dos nossos Amigos São José, José Alexandre, de quem recebi respostas ás minhas cartas, e que muito agradeço, e do Baependy, de seo filho visconde, etc.

« Peço-lhe que apresente os meos cumprimentos à todas as muito estimaveis senhoras que fazem parte da muito honrada familia Carneiro Leão.

« Dou-lhe parte que por estes 6 dias parto com a expedição, que tenho preparado, commandando em Pessôa o Exercito Libertador a restaurar o Throno de minha Filha, e com elle a Carta Constitucional : assim m'ô pede a minha honra à qual jámais faltarei enquanto vida tiver.

« Aproveito esta occasião para o certificar de que sou seu amigo. —
D. Pedro, Duque de Bragança. »

Eis-aqui a segunda :

« Lisbôa, 19 de Janeiro de 1834.

« Meu Cupertino. A sua constancia de principios, exige de mim um re-

arsenaes ; distribuia por sua mão as distincções honrosas que o valor tinha merecido nos cem combates da gloriosa campanha que collocou no throno sua filha ; tornava-se tudo para todos e assim ganhava os seus corações.

Frescas estão, e perduraveis serão, na mente de todos, brasileiros e portuguezes, as inesperadas visitas que fazia ás altas repartições do estado, á alfandega, á praça, aos arsenaes, aos estabelecimento pios e profanos.

« Elle entendia tudo, como diz A. Feliciano de Castilho, ouvia a todos, com todos fallava. Elle

conhecimento ; mas qual poderá ser elle em tão grande distancia ? Responder-lhe, como o faço, a sua carta de 16 de Setembro que muito me encheu de prazer e que muito lhe agradeço.

« Fico certo que conserva em sua lembrança os favores que eu lhe fiz, e que eu muito folgo de lh'os ter feito, porque os fiz a quem me sabe ser grato, ainda que eu fazendo-lh'os nada mais fiz que fazer justiça aos seus merecimentos pessoaes. Muito estimarei que esta o encontre de saude. Peço-lhe que dê recados a toda a honrada familia Carneiro Leão da minha parte, e a todas aquellas pessoas que merecerem que eu me lembre d'ellas por se lembrarem de mim.

« Actualmente goso saude quasi perfeita depois de hum grande defluxo que tive ; a Imperatriz está bôa, bem como a Rainha e minha pequenita. Espero que acredite que sou seu amigo. — D. Pedro » (*)

(*) O autor está informado de que o Sr. conselheiro Cupertino, que falleceu no anno de 1838, sendo official-maior da secretaria de estado dos negocios da marinha, era um paulista distincto que na época da independencia prestára mui bons serviços ao seu paiz.

era muitas vezes o seu proprio ministro ; sobre uma peça, ou sobre o arção do seu cavallo despachava os requerimentos. Os seus beneficios começavão com o seu dia, o seu dia antes do toque da alvorada. Elle era como a nossa divindade, sempre e em toda a parte presente... »

E' tão verdadeira a phrase de Castilho, que o historiador tem no seu poder documentos que apregão a sua ubiquidade moral, e a sua real bondade.

Estava nas miserias do assedio do Porto, e os brasileiros, seus amigos, que soffrião, á distancia de duas mil leguas, pela exaggeração dos partidos, recebem no Rio de Janeiro provas valiosas da sua incomparavel munificencia, sem saberem que as dadivas que chegavão ás suas mãos partião do nobre protector de todos os que soffrião pela justiça e verdade.

Um homem desta estofa—que digo eu? um heróe desta altura, não podia deixar de ter amigos verdadeiros em avultado numero aqui, em Portugal e em todas as partes.

D. Pedro I do Brasil era tão amigo dos seus amigos, que não duvidou sacrificar os seus mais justos e nobres sentimentos pela amizade. Párão na mão do historiador documentos autographos

que provão esta triste, porém sublime verdade. D. Pedro não escrevia aos seus amigos do Rio de Janeiro por não comprometter a sua tranquillidade, e se o fazia era com todas as cautelas de um amigo tímido. Póde-se chegar a pôr em pratica mais strictamente o apophthegma de Pericles: *Amicus usque ad aram?*

A prova mais esplendida da sua amizade para com os brasileiros está na sua espontanea abdicação.

No acto de ceder a corôa—vio a sua ardente imaginação as hecatombes que podia occasionar, se montasse a cavallo, tirasse a espada da bainha, e bradasse aos seus partidarios, que erão numerosos: « A minha voz vos chama ao campo da honra. »

Entre uma e milhares de victimas escolheu sua pessoa. *Amicus usque ad aram.*

CONCLUSÃO

Mavult utique vir magnus, quàm
statuas habere, statuis videri dignus.

Noster, ad Principem indoctum.

Quando o pó das gerações presentes haja coberto por tres seculos os seus odios, injustiças, e levezas; quando a America, findas vinte descendencias mais, representar a Allemanha da nossa éra no novo continente; quando esta multidão de pequenos estados em população e vastos em extensão que têm interesses particulares e um movel commun — o espirito americano —, formar uma sociedade de sociedades e uma especie de republica, então os nossos descendentes pararáõ nessa praça da Constituição, — que devem ter aformoseado muito, — ao pé dessa estatua, que hoje levanta a espontaneidade do poço brasileiro agradecido ao immortal fundador deste grande Imperio, e per-

guntarão aos homens idosos, aos depositarios das tradições dos seus avós:—O Imperador Pedro I, essa grande figura historica, era homem como nós, ou um deos fabuloso, como os heróes da antiga Grecia?

E a voz prudente da velhice doutrinada por tres seculos, e pelo que se ha escripto e se ha de escrever sobre o grão Duque de Bragança, apontando com o dedo para esse monumento, exclamará:—Sim, era um homem; mas daquelles que agora não ha, dos que no seu tempo havia poucos, e que Deos manda por mercê ao mundo tyrannizado, para fazer patente que ama a liberdade do genero humano.

Os vindouros, com maior razão do que nós admiramos, commentamos e louvamos os Cyros, Darios, Xerxes, Felippes, Alexandres, Ptolemeos, Antiochos, Themistocles, Pericles, Alcibiades, Phocios, Epaminondas, Manios Curios, Fabios, Scipiões, Titos, Paulos Emilios, Catões, Pompeios, Cesares e outros heróes da antiguidade, admirarão, estudarão e exaltarão a Pedro I do Brasil, IV de Portugal, e general em chefe do Exercito Libertador lusitano.

A escuridão dos seculos fornecer-lhes-ha as mesmas portentosas proporções que nos sorprendem

nos homens, proclamados grandes pelas chronicas syriacas, persas, egypcias, gregas e romanas, e despida essa estatua da roupagem prosaica dos seus contemporaneos, brilhará do alto da sua base com uma aureola fulgida de gloria que fará ver mais claramente o homem grande da realidade.

Estude-se a historia, e ver-se-ha que esses varões illustres tão decantados pelos historiadores hellenicos e latinos não são tão maravilhosos como a imaginação os representa, e muitos delles são infinitamente inferiores ao fundador do Imperio brasileiro, embora se pesem na balança da razão os defeitos, que como homem tinha.

O Brasil e Portugal futuros hão de assoberbar com o seu Bragança, e a estes dous povos pedirá a posteridade contas estreitas da justiça feita ao primeiro cidadão dos nossos dias.

E' condição mesquinha dos homens não avaliarem os seus semelhantes no seu verdadeiro merito senão depois de tê-los enterrado, e mesmo assim, a inveja que *quiescit post mortem*, segundo a bella phrase de Cecilio Metello, não desaparece inteiramente senão passada a geração coetanea do finado.

O Brasil, erigindo essa monumental estatua, cumpre um dever, paga uma divida, dá um exemplo, mostra o seu character nacional leal e recto,

e eternisa um tributo de gratidão, immortalizando o seu augusto Fundador, Imperador e Perpetuo Defensor, que entre o estrondo da artilharia, os brados do enthusiasmo, a pompa da cerimonia, a magestade do acto e do imponente apparatus, levanta-se no horizonte da eternidade e contempla magestatica e placidamente os brasileiros e os portuguezes unidos com laços fraternaes, e clamando com jubiloso acatamento :

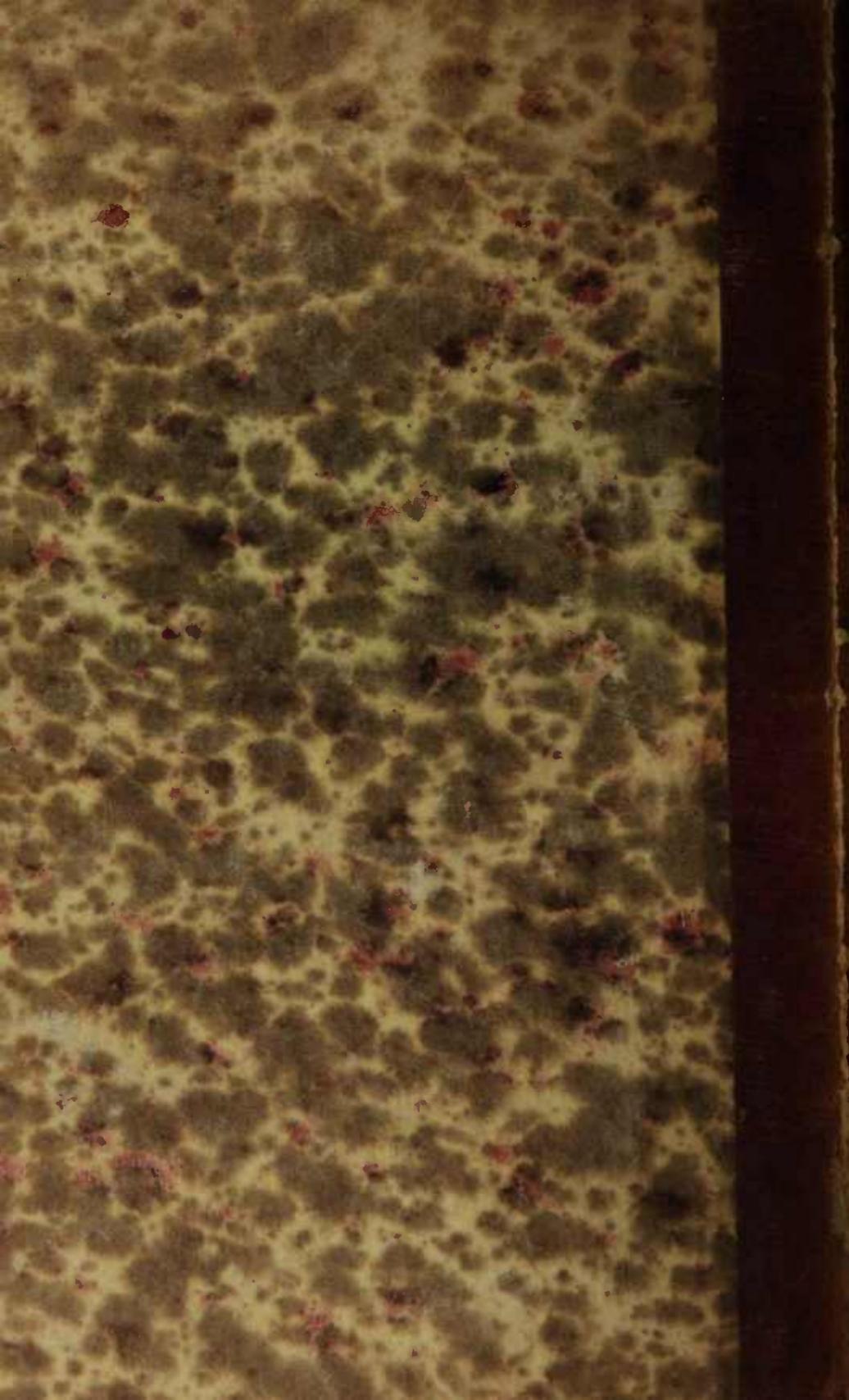
GLORIA SIT DUCI MERCES.



INDICE

Dedicatória.....	5
Preambulo.....	7
Introducção.....	17
Esboço primeiro.....	35
Esboço segundo.....	81
Esboço terceiro.....	125
Esboço quarto.....	175
Conclusão.....	183





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).